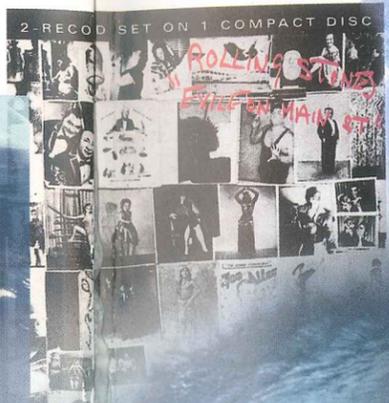
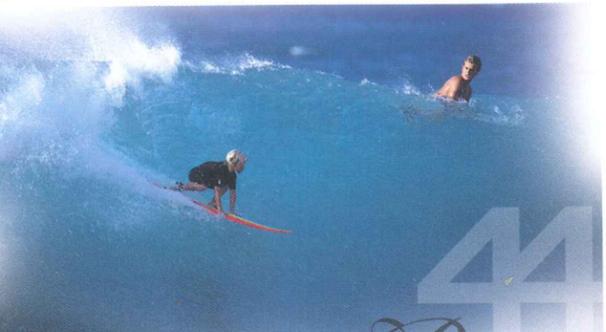




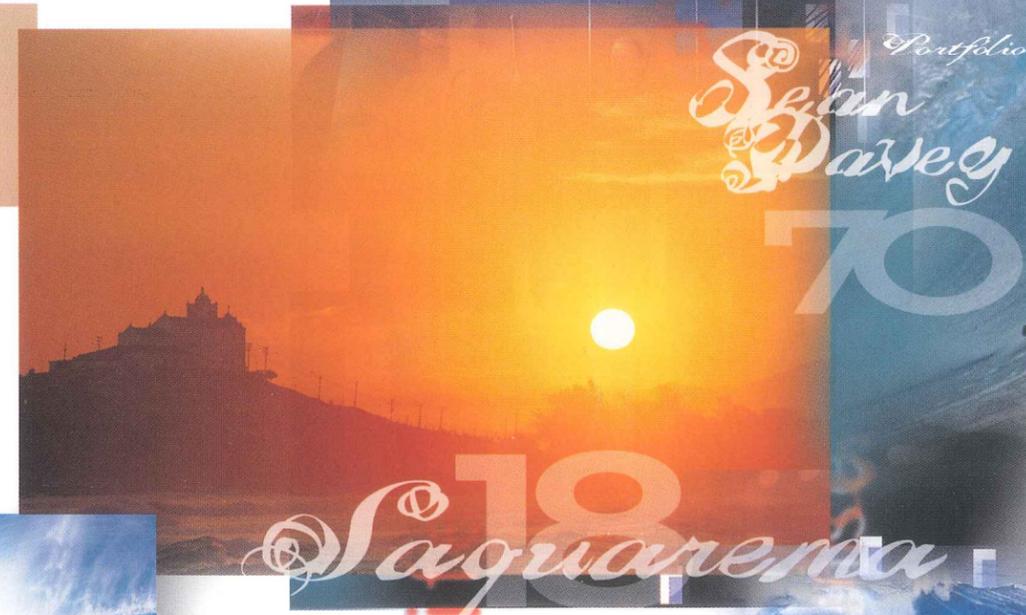
36
Joel Tudor



44
Puro Surf



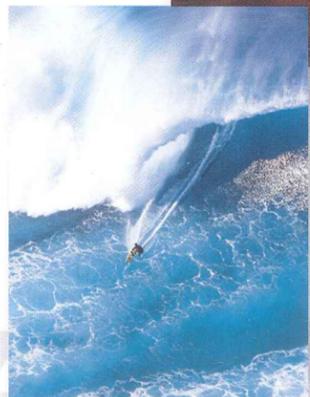
50
Big inverno



Portfolio
Sean Davey



18
Saguarema



Capa Tony Rog, Hawaii
Foto Sean Davey

60
Trote 88
Eraldo Gueiros

60
Moda





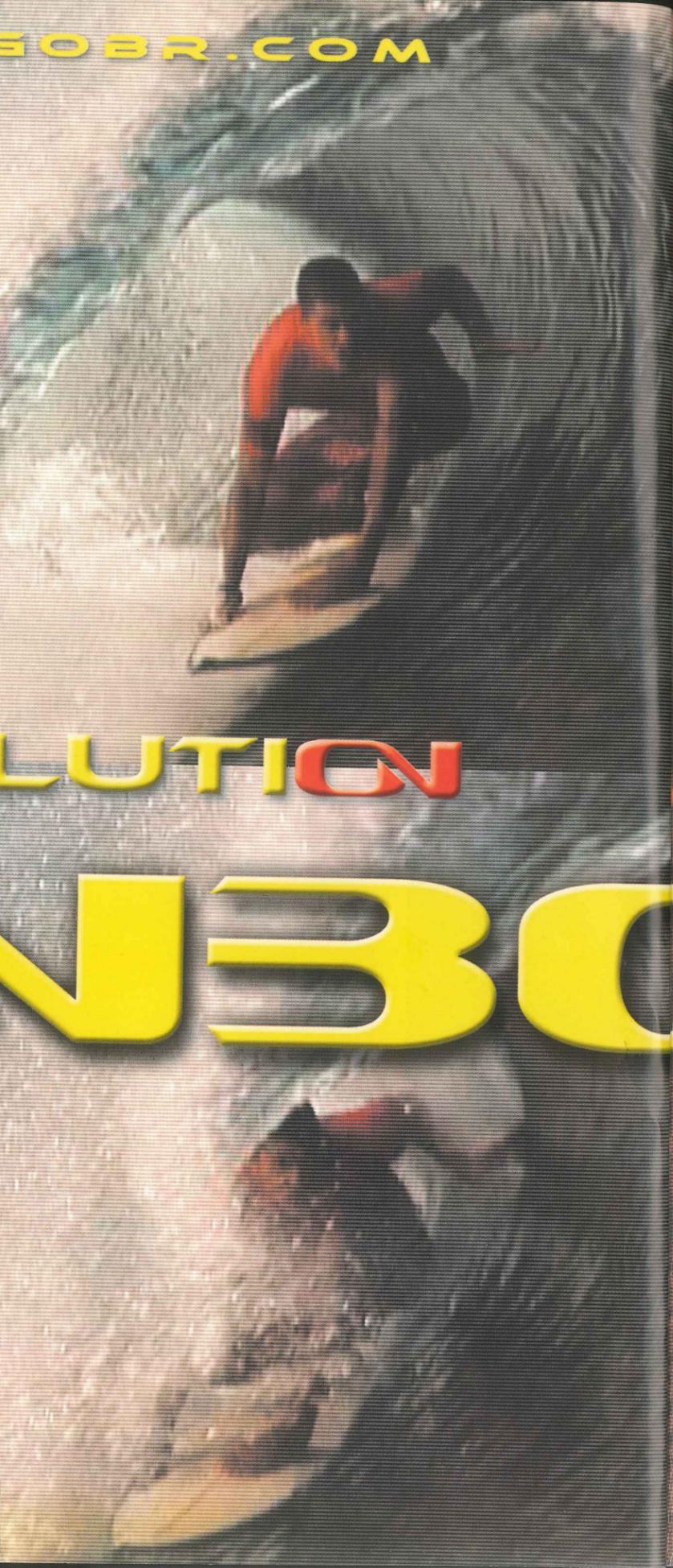
DANYLO GRILLO. MENTAWAI, **SUMATRA**.

HANG LOOSE 



WWW.ONBONGOBR.COM

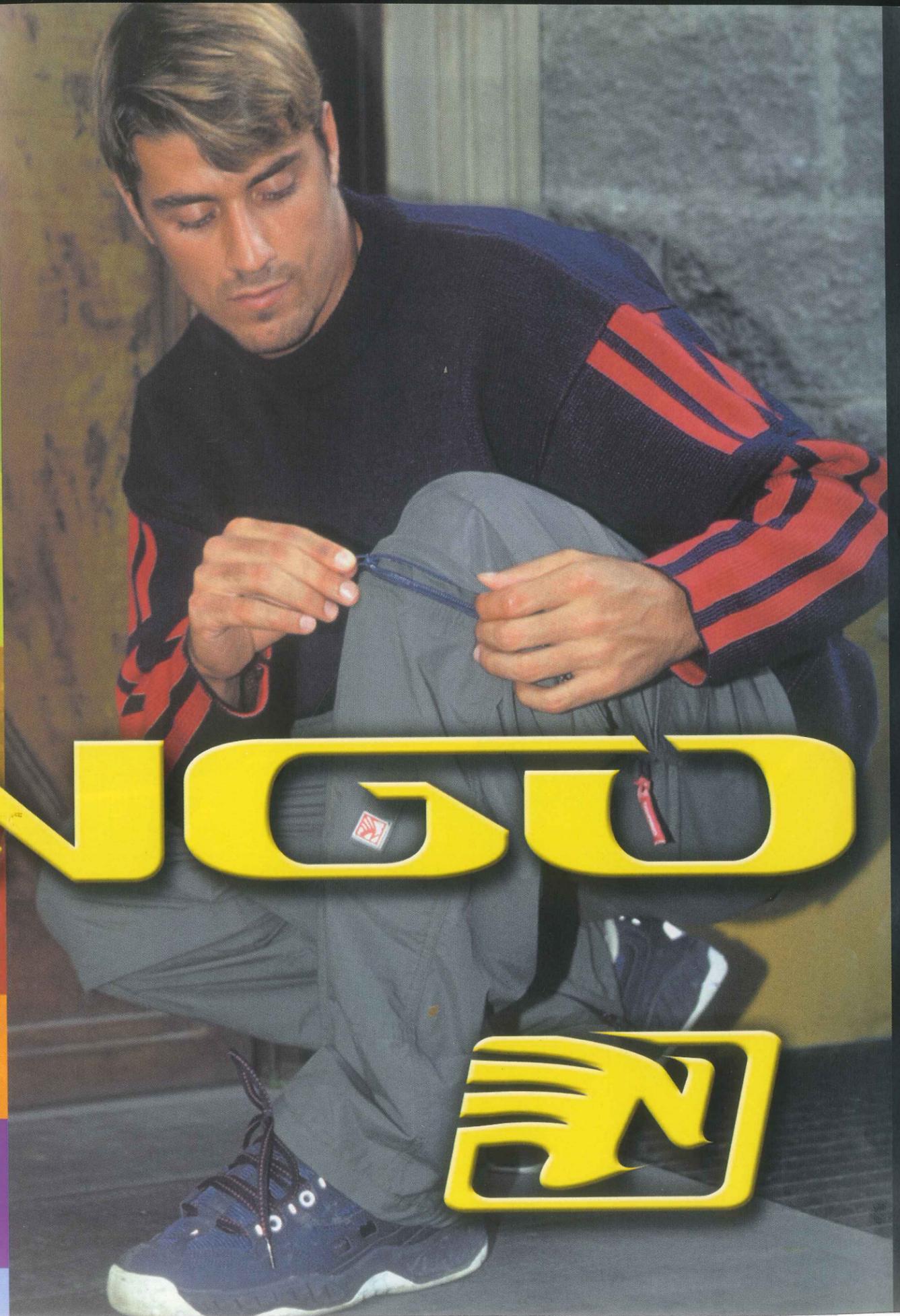
Expos 1998

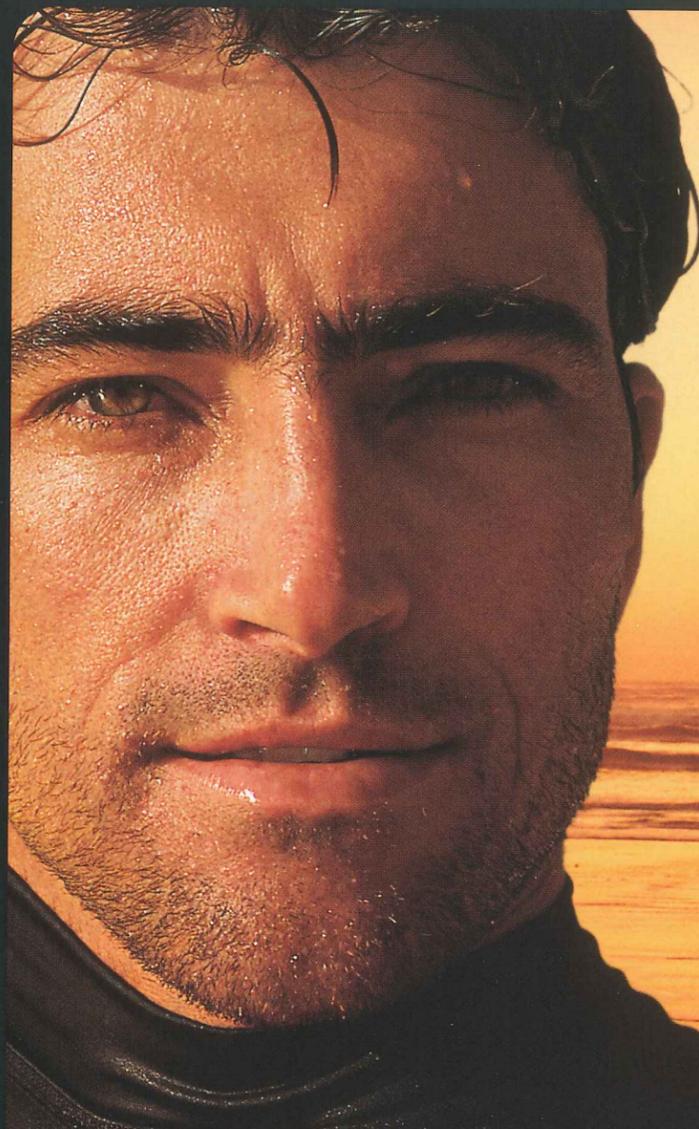


REVOLUTION

ONBONGO

ON





**É muito fácil surfar sem crowd:
é só cair num mar com ondas de 30 pés.**

Carlos Burle

Campeão mundial de ondas grandes



www.ford.com.br



Courier Sport
Uma série limitada para quem não tem limites.

Courier Sport • Ar-condicionado de série • Direção hidráulica de série • Nova grade cromada • Novas rodas de liga leve • Acabamento interno exclusivo • Para-choques na cor do veículo • Espelhos retrovisores externos com lentes azuis • Maior altura livre do solo • Motor Zetec RoCam 1.6 • Protetor de caçamba.





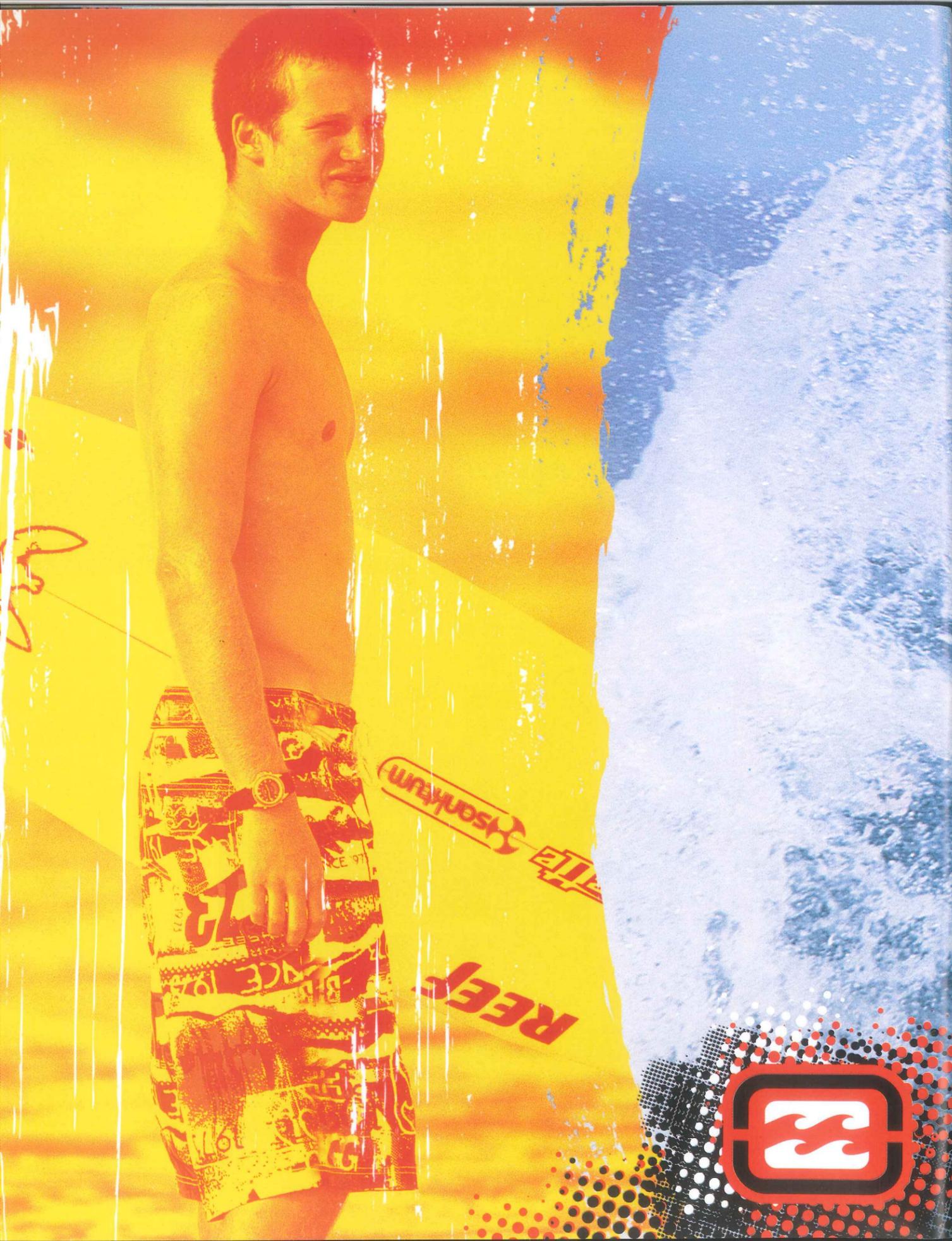
Campeã Mundial W.Q.S - 2000
Campeã ISA Maresia World Surfing Games - 2000
Campeã Brasileira Profissional - Super Surf 2000



Foto: Tony Fleury

Tita Tavares - Rocky Point

maresia
BOARDTECH
(11) 5581.6650 - (65) 292.3707 - (85) 292.3221
www.maresia.com.br



BILLABONG

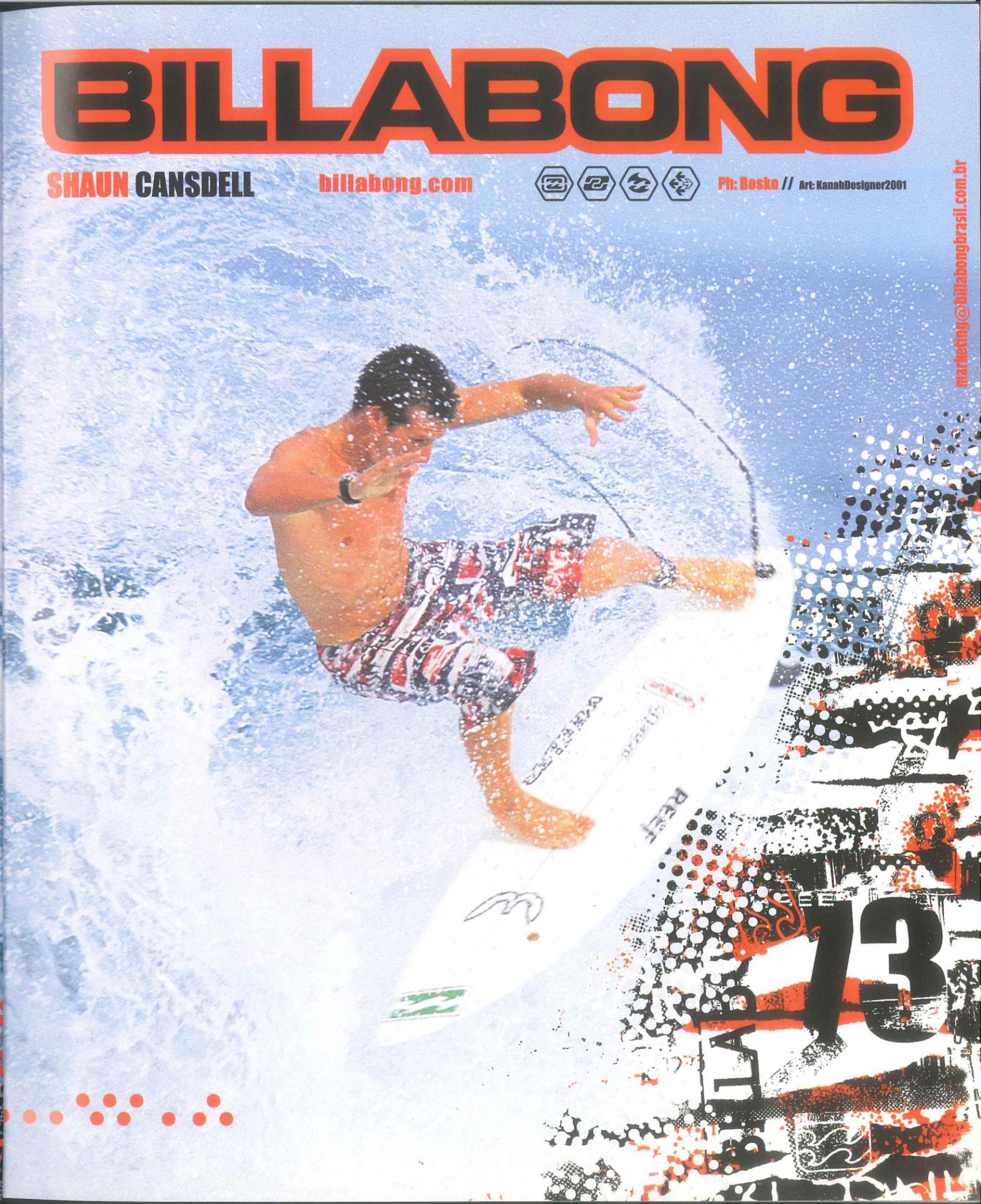
SHAUN CANSDELL

billabong.com



Ph: Bosko // Art: KanahDesigner2001

marketing@billabongbrasil.com.br



Observando

Muitas coisas têm ocupado a mente e o coração nos últimos e intensos tempos. Não é pra menos. O lançamento, a viabilização e a consolidação de Alma Surf não têm sido fácil. Esta intensidade de ações, conseqüentemente, dinamiza todas as fases de um processo de interferência no meio, influenciando, por sua vez, nosso trabalho no segmento. E não posso deixar de dividir com você, leitor, algumas observações importantes deste delicioso caos. Para começar, o perfil que fizemos com Joel Tudor mostra um tremendo paradoxo, onde um cara resgata velhos modelos e usa Long Board como a mais moderna referência do surf californiano. Isso, na verdade, está gerando um estilo e filosofia de vida, que, como sempre acontece, vem contaminando e influenciando o mundo todo, consolidando a vocação de "opinion maker", que é próprio do Sul da Califórnia. Na seqüência, observar o retorno de Saquarema, em grande estilo, ao cenário do Surf nacional, além de particularmente me alegrar, é também um resgate da vocação do lugar para grandes eventos. Saquá sempre foi palco de marcantes eventos de surf na nossa História, e, quando pautamos Saquarema, a intenção foi dar início a uma série de reportagens cobrindo os santuários do nosso litoral. E, merecidamente, pois o debut foi de alto nível. Observe, leia, siga as nossas páginas e constate com a gente. Emocione-se vendo o foco de nossas lentes na criançada brincando no North Shore, junto aos adultos, em um playground que, até então, só era usado por marmanjos, sarados e corajosos. Continuando a emoção, fique atento aos dias 22 e 25 de dezembro que reportamos. É de arrepiar o big surf praticado por um time de brasileiros, nos melhores picos de ondas grandes do Hemisfério Norte. Nosso editorial de inverno nos permitiu viver a essência de Alma Surf e fazer uma revista que retrate as emoções que o Surf produz. Nesta linha, viaje com o Surf das montanhas. Observe quantas emoções e revoluções estão neste contexto e reaja!! VIVA CADA VEZ MAIS SUA ALMA SURF. Não pare. Observe. Medite. Conscientize sua existência. E, boa leitura

Aloha, Romeu Andreatta

Alma Surf

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL

Romeu Andreatta Filho
romeu@almasurf.com.br

Maria Dias Carvalho
maria@almasurf.com.br

Fernando Mesquita
fmesquita@almasurf.com.br

ALMA SURF

Publisher
Romeu Andreatta Filho

Projeto Gráfico e Direção de Arte
Fernando Mesquita

Editor

Rosaldo Cavalcanti
rcavalcanti@almasurf.com.br

Chefe de Redação

Alberto J. R. Woodward
alwoodward@almasurf.com.br

Assistente de Redação

Patrícia Barros
patt@almasurf.com.br

Assistente de Arte

Guilherme Tremante
gui@almasurf.com.br

Fotógrafo

Beto Paes Leme

Colaboraram nesta edição

Texto

Carlos Burle, Eraldo Gueiros, Gary Linden,
Garret McNamara, Marcos Bocayúva,
Romulo Fonseca, Sean Davey e Taiu Bueno

Revisão

Nestor Lourenço

Fotografia

Beto Paes Leme, Fedoca, Fernando Mesquita,
Frank Quirarte, Guy Motil, Gordinho,
Jairo Goldflus, Kim Kimoto, Patrick McFeeley,
Ricardo Rojas, Sean Davey e Tim Mc Kenna

Departamento Comercial

Jaqueline Menegassi
jaqueline@almasurf.com.br

Departamento Financeiro

Florianio Sales
florianio@almasurf.com.br

Distribuição

Dinap S.A. - Distribuidora Nacional de Publicações

Fotolito

CyberGraf

Papel

Lumimax

Impressão

Camargo Soares

Jornalista Responsável

Alberto J. R. Woodward MTB 1822

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da
Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda.
As matérias publicadas não refletem necessariamente
a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:

Rua Dr. Fonseca Brasil, 295, Morumbi, SP
CEP: 05716-060
Telefone: 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br

Tiragem desta edição 20.000 exemplares

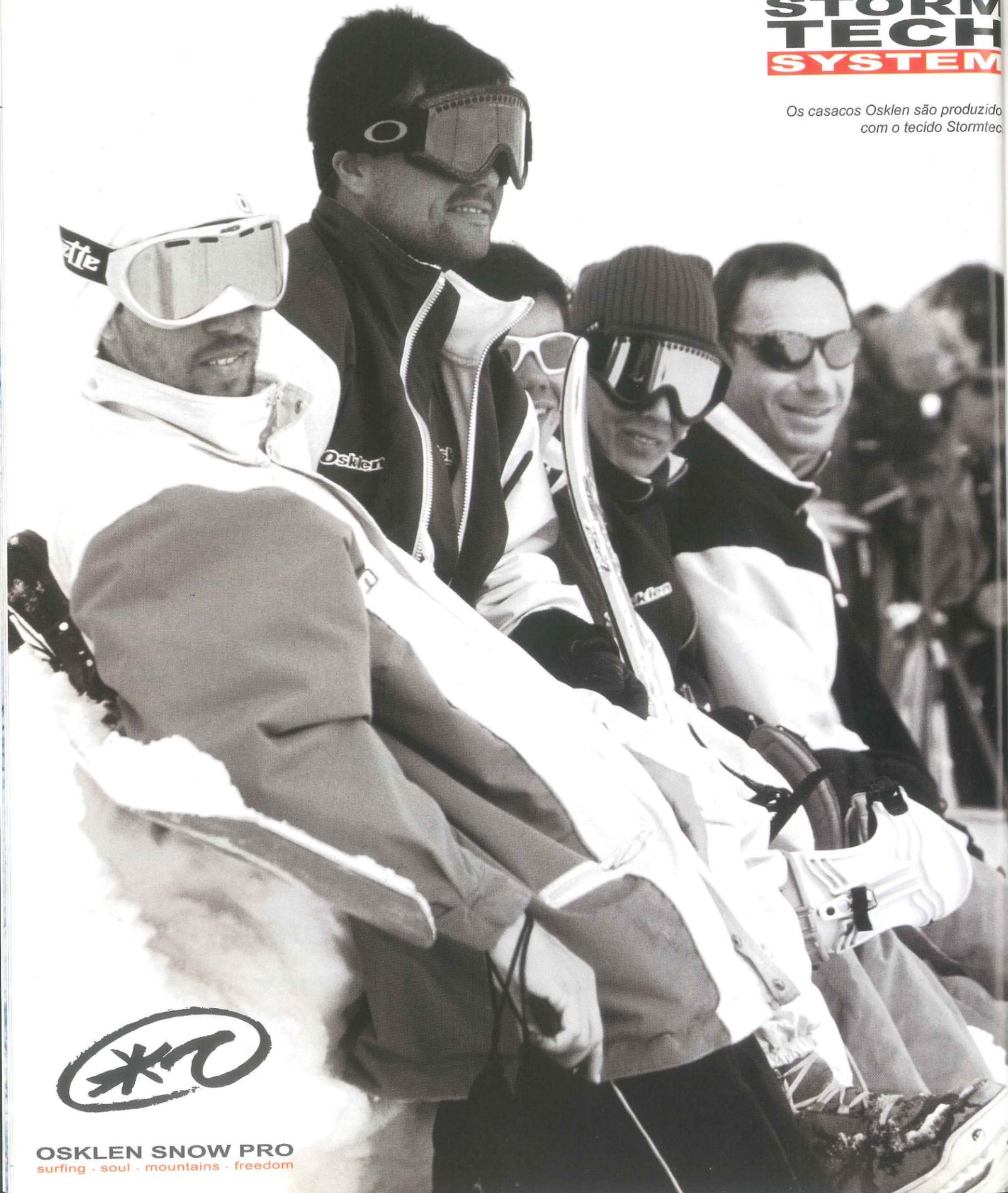


mod. Sapatênis exclusividade
SUNCAL
vendas: (16) 3720.0838

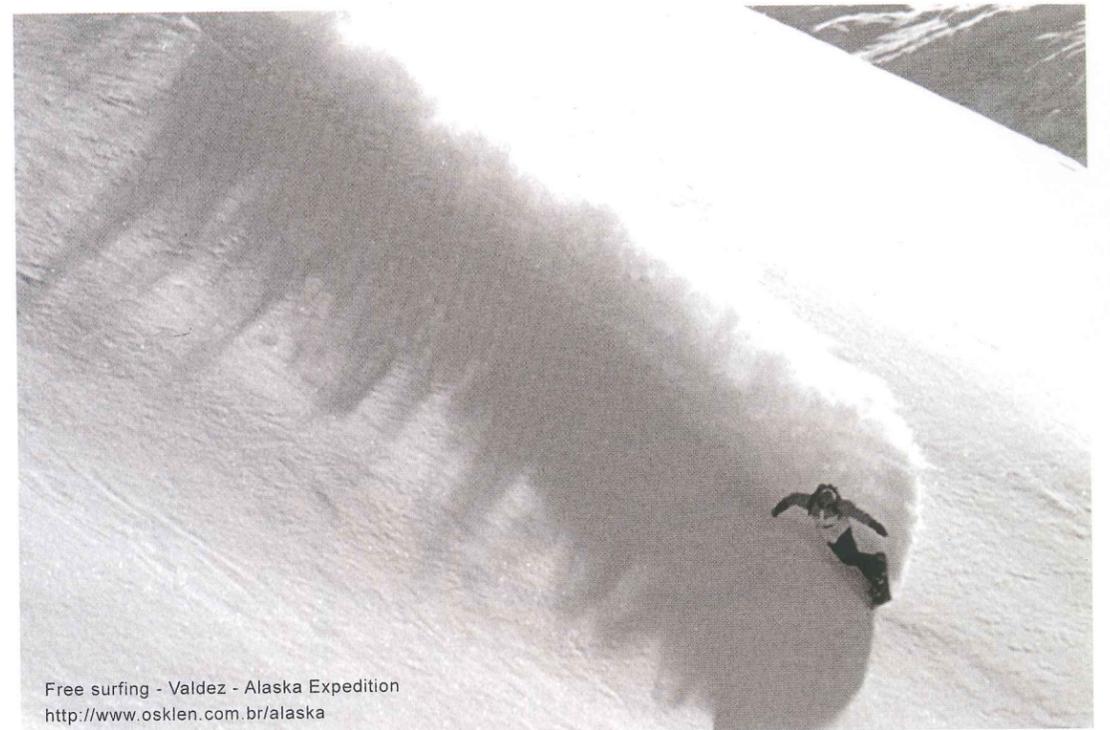
...maior ondão

STORM TECH SYSTEM

Os casacos Osklen são produzidos
com o tecido Stormtec



OSKLEN SNOW PRO
surfing · soul · mountains · freedom

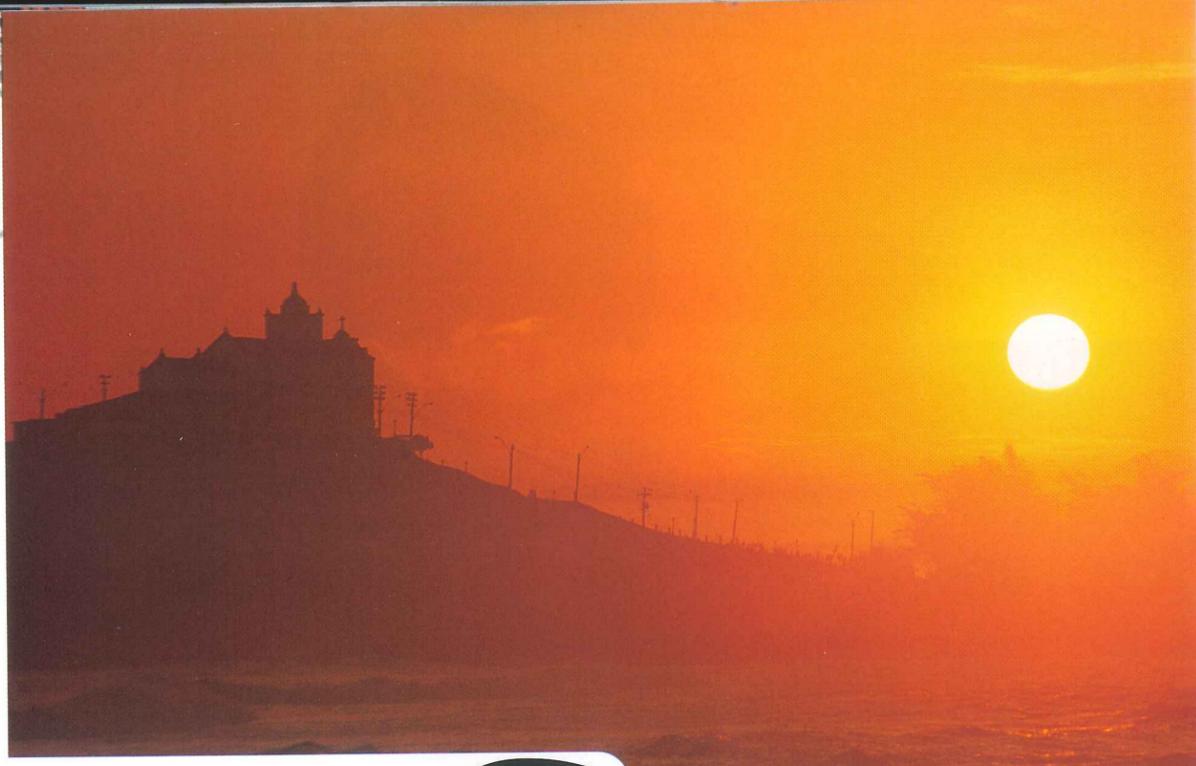


Free surfing - Valdez - Alaska Expedition
<http://www.osklen.com.br/alaska>

Osklen

anquia e atacado (21) 219 8950
J - Rio Sul · Barrashopping · Plaza Niterói · Fashion Mall · Búzios · Friburgo · Itaipava SP - Iguatemi S
F - Parkshopping BA - Iguatemi Salvador MG - BH shopping · Juíz de Fora RS - Iguatemi Port

www.os



Itaúna, foto: Beto Paes Leme

Por: Rosaldo Cavalcanti

Saquarema

A pequena cidade de Saquarema faz parte da história do surf no Brasil.



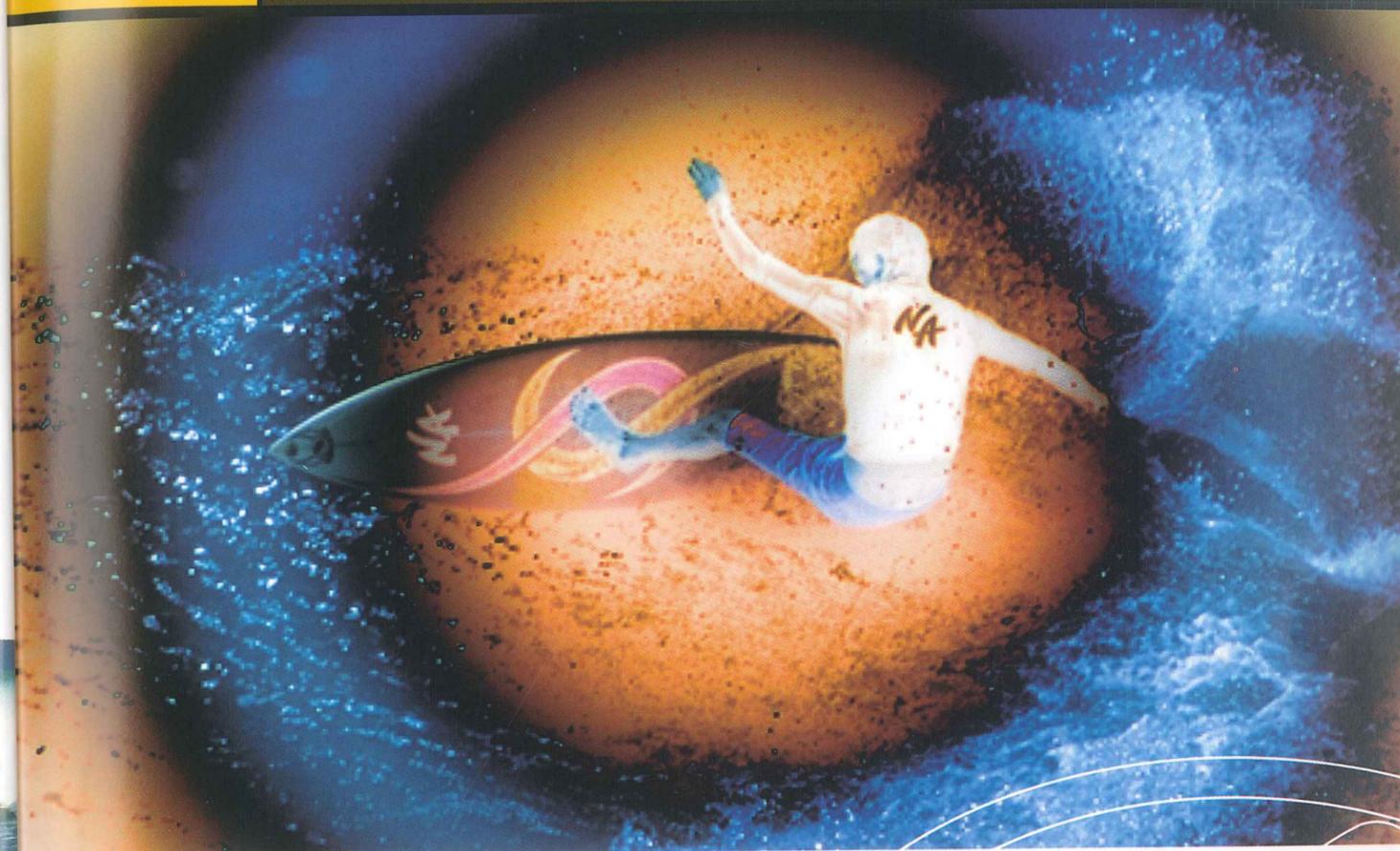
Descoberta pelos surfistas no final dos anos 60, ela foi, aos poucos, se tornando notável pela qualidade e tamanho das suas ondas. Hoje em dia é famosa por ser um dos melhores picos de surf do Brasil. Sua privilegiada localização geográfica faz com que qualquer swell que ronde o litoral carioca quebre sempre um pouco maior nas suas duas praias: Itaúna e Praia da Vila. Sede dos primeiros festivais de surf nacionais, Saquarema sempre atraiu surfistas, gatinhas, hippies e membros de algumas das tribos mais alternativas do Brasil. Durante alguns anos, principalmente na década de 70, o local foi a grande arena do surf brasileiro. Alguns dos melhores surfistas da época, entre eles Rossini "Maraca" Maranhão, os irmãos Pacheco, Betão, Bocão e os irmãos Proença, saíram do Rio



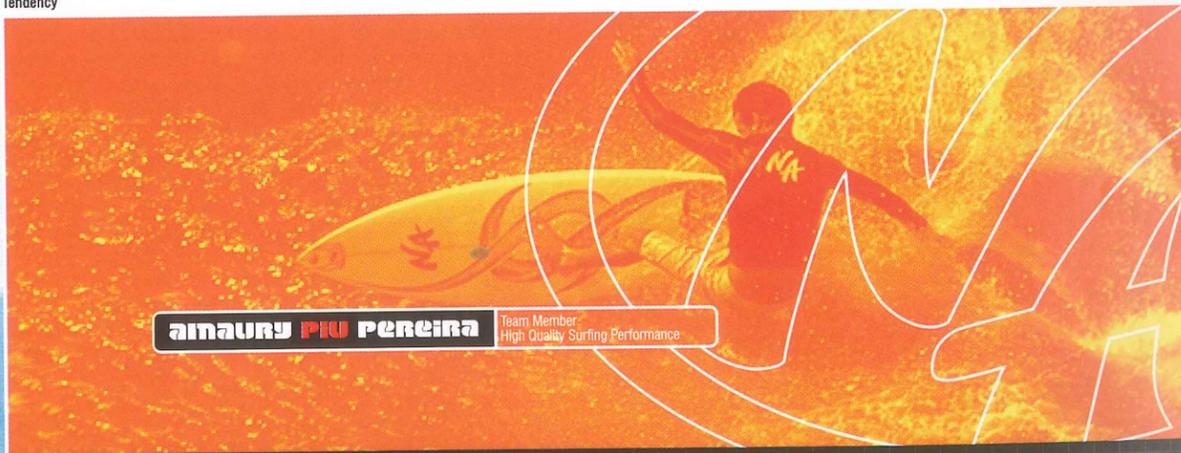
Bruno Santos em uma direita "Itaúnica", foto: Fed...



The Natural Art of Surfing
www.naturalart.com.br
(13) 3234 4727



After 2001 Collection - Soul & Classic Clothing Tendency



amaury PIU pereira Team Member High Quality Surfing Performance

BE SURF CLASSIC LINE | NA | NATURAL ART



Rita Lee durante um dos festivais de Surf e Rock dos anos 70.



Anos 70

Saquá

para morar em Saquarema. No intervalo entre as muitas e memoráveis sessões de surf, o tempo era dedicado ao trabalho. Com a fabricação de pranchas e parafinas, eles lucravam um bom dinheiro e se tornaram, então, os primeiros surfistas do Brasil a viver exclusivamente com a renda do surf. Podemos dizer que a indústria brasileira do surf, tem suas raízes ligadas ao que se passou em Saquarema no começo dos anos 70. Betão e Bocão, recém-chegados do Hawaii, montaram uma pequena fábrica no

terreno que compraram juntos, em Itaúna, e passaram a produzir as pranchas "Bocão e Betão". Enquanto isso, Otavio Pacheco e Paulo Proença fabricavam as famosas parafinas "Wax Mate", numa casa bem ao lado do pico de Itaúna. Nos finais de semana e nas férias, a cidade era invadida por um bando de surfistas cabeludos, que traziam junto suas gatas, pranchas, violões e barracas para acampar debaixo das estrelas nas areias de Itaúna. Hoje, entretanto, Saquarema não é mais a mesma. Nos últimos 25 anos muita coisa mudou. A paisagem bucólica e relativamente selvagem dos anos 70, quando praticamente não existiam construções em Itaúna, foi substituída por casas e, até mesmo, pequenos prédios. O crowd aumentou consideravelmente, e o localismo é uma realidade. Com o crescimento da cidade e com a melhora da estrada que liga Saquarema ao Rio, muitos surfistas se mudaram definitivamente para lá. O turismo é o principal negócio do pedaço. Graças ao surf, a pequena cidade de Saquarema ficou conhecida no mundo como referência de boas ondas no Brasil.

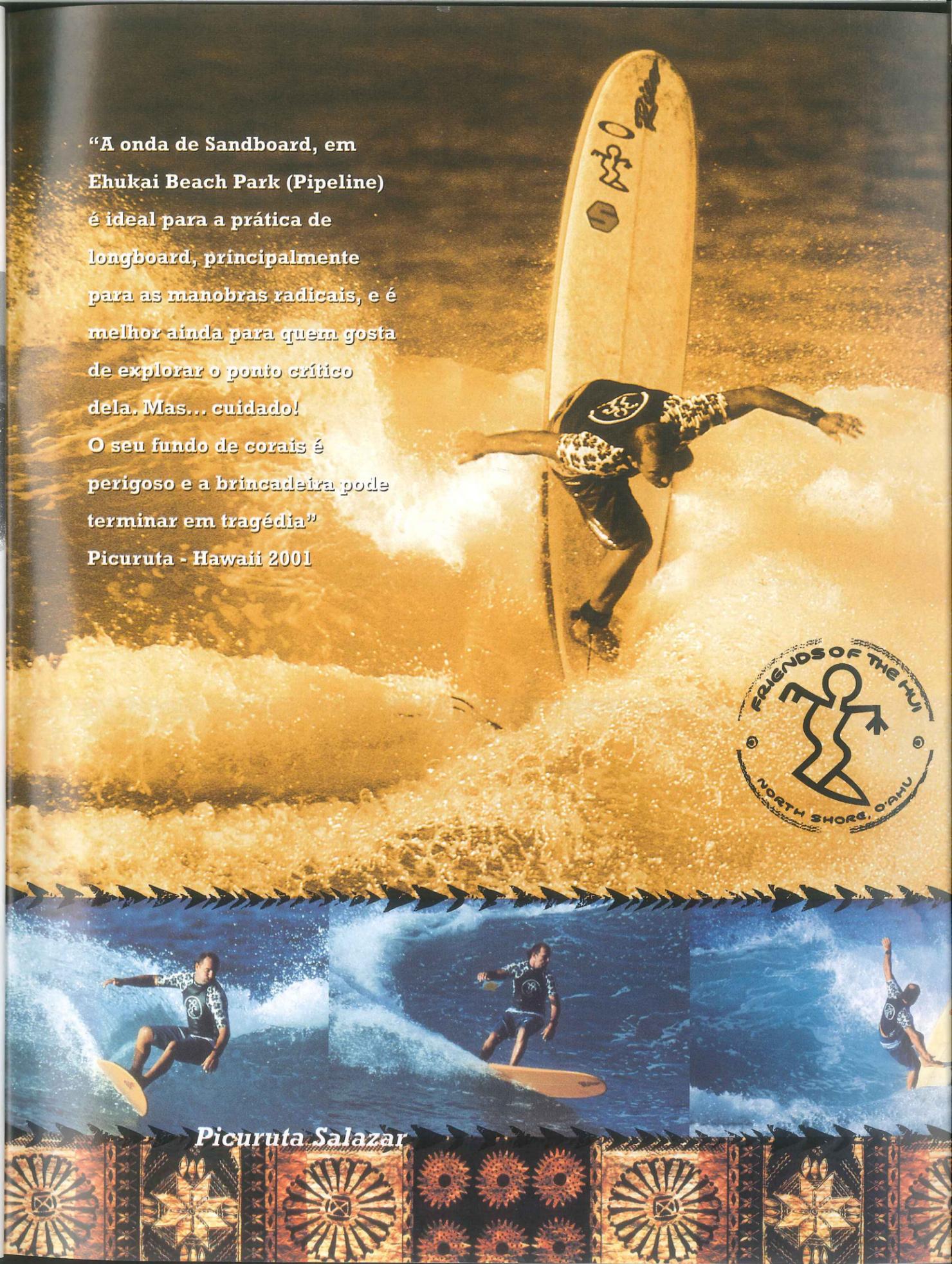


Fotos: Fedoca/www.brasilsurf.com.br

MELHOR ÉPOCA

Normalmente quebram ondas boas durante todo o ano. Mas os meses do outono e inverno costumam ser os melhores. Principalmente na praia de Itaúna, que recebe swells tanto de sul como de leste. A água pode ficar bastante fria (15-17 °C) durante os swells de leste, mas as longas esquerdas que costumam quebrar nesses dias compensam o sacrifício. Não deixe de levar com você uma boa roupa de borracha, de preferência um Long John, para os dias de água gelada. O clima costuma ser bastante agradável, chovendo muito pouco durante o ano. As manhãs e as noites do inverno podem ser um pouco geladas, mas logo que o sol aparece a sensação de frio é substituída por uma temperatura agradável, que costuma variar entre 23 e 30 °C. As "lestadas", como são conhecidos os swells de leste, costumam trazer as melhores e maiores ondas. Os dias de grandes esquerdas quebrando atrás da laje são considerados os melhores. As maiores ondas podem passar dos 10-12 pés e você vai precisar de uma prancha grande, provavelmente com mais de 8 pés, para ter alguma chance de remar até o pico e dropar as "morras". Mas não são apenas os dias de ondas grandes que tornam Saquarema em um lugar especial para os surfistas. Independentemente do tamanho das ondas, Itaúna costuma ser a melhor opção de surf no Estado do Rio durante a maioria dos 365 dias do ano. É difícil o mar ficar flat, a praia de Itaúna se estende por cerca de 2 quilômetros a partir do lado norte da igreja que a separa da Praia da Vila. É ao longo desta pequena extensão que quebram algumas das mais perfeitas ondas do nosso litoral. O fundo é de areia, mas a laje faz com que as ondas quebrem como se Itaúna fosse um verdadeiro "point break". Dependendo do tamanho e da direção do swell, as ondas podem ser direitas ou esquerdas. Normalmente, as direitas costumam ficar melhores durante os swells de sul e podem variar de 2 até 6, 8 pés. A laje faz com que exista um canal, por onde os surfistas podem entrar e sair do mar sem tomar nenhuma onda na cabeça. Porém, à medida que o mar sobe, as ondas tendem a quebrar atrás da laje. Esses são considerados os

"A onda de Sandboard, em Ehukai Beach Park (Pipeline) é ideal para a prática de longboard, principalmente para as manobras radicais, e é melhor ainda para quem gosta de explorar o ponto crítico dela. Mas... cuidado! O seu fundo de corais é perigoso e a brincadeira pode terminar em tragédia" Picuruta - Hawaii 2001



Picuruta Salazar

melhores dias do ano. Aqueles que entram para a história e fazem parte do folclore local. Não são poucas os relatos de dias grandes, com ondas de mais de 12 pés, quando poucos surfistas conseguiram varar a arrebenção. Nessas ocasiões, o canal desaparece e, para se chegar até o outside, é necessário estudar minuciosamente as condições antes de entrar na água. Um dos swells mais famosos até hoje, quebrou durante o "Festival Nacional de Surf", em 1975. Aquele campeonato foi conquistado pelo lendário Betão, e um moleque chamado Pêpe levou o título da categoria Júnior. Quem marcou presença naquele dia garante que as ondas estavam tão grandes, e quebrando tão lá fora, que os juizes mal conseguiam ver os competidores.

Foto: Fedoca



Itaúna é uma das melhores ondas do Brasil, independentemente do tamanho da prancha que você usar.

COMO CHEGAR

Saquarema está localizada no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, a cerca de 70 quilômetros da capital. Atualmente há duas estradas diferentes que ligam a cidade do Rio a Saquarema. O tempo médio de viagem pela estrada mais moderna é de cerca de 1 hora e meia. Partindo de São Paulo, ou dos demais Estados do sul, a melhor opção é chegar ao Rio pela via Dutra, pegar a Linha Vermelha e, em seguida, atravessar a ponte Rio-Niterói. Uma vez em Niterói pode-se escolher entre as duas estradas que ligam Niterói à Região dos Lagos. Pela estrada mais nova, costuma ser mais rápido, mas nos finais de semana e feriados, pode ficar congestionada, devido ao grande número de turistas que se deslocam em direção a Búzios, Cabo Frio e Araruama. A vantagem da estrada velha é que ela, normalmente, vai estar mais vazia, além de não ter pedágio. O tempo de viagem costuma ser praticamente o mesmo, independentemente do caminho que você escolher. No caso de sair dos Estados do norte (Espírito Santo, Bahia, etc.), a melhor opção é descer a Rio-Bahia e, cerca de 2 horas depois de passar por Campos, prestar atenção nas placas que vão indicar a entrada para Saquarema.



Visual aéreo da praia de Itaúna num dia de ondas boas. As esquerdas quebram ao lado da lagoa e correm em direção ao meio da praia.

Foto: Fedoca

ONDE FICAR

Nos últimos anos a infra-estrutura turística de Saquarema vem melhorando bastante. Hoje em dia, existem algumas pousadas e restaurantes bem razoáveis espalhados pela cidade. Em geral, os melhores locais estão localizados em Itaúna. As diárias não costumam ser caras, variando entre 30 e 80 reais por dia. Depende do nível do serviço oferecido pelos estabelecimentos. As melhores opções são Pousada das Pitangas (Itaúna), Pousada do Sudoeste (Itaúna) e a Maasai (em frente ao pico de Itaúna).



Fotos meramente ilustrativas, com alguns itens opcionais.

www.fiat.com.br

ISTO NÃO É UM ANÚNCIO.
É A VIDA MANDANDO UM RECADO
PARA VOCÊ.



- Nova família Motor Fire: 1.0 16V e 1.3 16V;
- Motor Torque 1.6 16V;
- Sistema VENICE;
- Fiat Code.



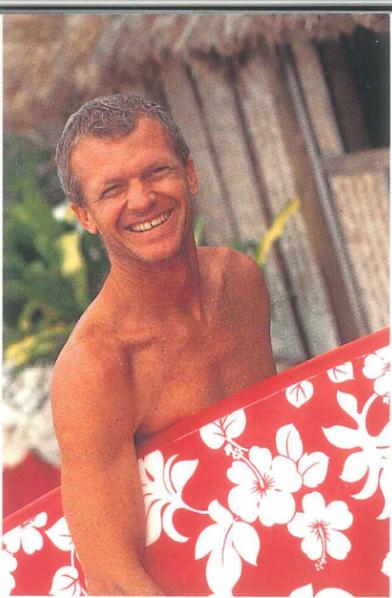
- Follow me Home;
- CD Changer;
- Airbag duplo com inibidor;
- ABS com tecnologia EBD.



NOVO PALIO WEEKEND. NOVO DESIGN, NOVO MOTOR, A MESMA EMOÇÃO.

MOVIDOS PELA PAIXÃO. **FIAT**

Gary Linden foto: Sean Davey



Por Gary Linden

"Qualquer marinheiro poderia lhe dizer, conferindo as correntes oceânicas e padrões de vento, que há muito swell entre Niterói e Cabo Frio. Mas o point de Itaúna me foi apresentado pelo Penho, um dos primeiros surfistas a ir morar em Saquarema. Isto foi em 1972, quando a então pequena aldeia de pescadores era muito calma e tranqüila. Aquele era um lugar mágico desde muito tempo. Não foi à toa que seus antigos habitantes construíram uma igreja magnífica, que mais parece uma jóia, bem em cima do pequeno morro que fica entre as praias de Itaúna e a Vila. Lembro-me que seguidores de algumas seitas afro-brasileiras deixavam evidências de oferendas e sacrifícios nas encruzilhadas das pequenas ruas de terra que cortavam a comunidade. Eu acabei sendo magneticamente atraído pelo lugar e lá construí uma casa para mim. Fui para Itaúna em busca de ondas fortes e de um estilo de vida simples. Tudo que eu queria era surfar, pescar, cultivar um jardim e fazer pranchas de surf. Alguns anos mais tarde, quando fui embora, percebi que as recordações das pessoas que me ensinaram a falar um novo idioma e a compartilhar do seu amor sem igual pela vida, eu levaria para sempre comigo. A elas sou eternamente grato. Nunca vou me esquecer do dia, quando as ondas estavam maiores do que qualquer coisa que eu já havia visto e nunca mais vi novamente. Não havia ninguém por perto e o mar estava simplesmente perfeito, quebrando atrás da laje de Itaúna e seguindo com força para o meio da praia. Eu me sentei no segundo andar de uma casa em frente ao pico e fiquei admirando a cena até não poder mais. Depois, peguei minha prancha "Diffenderfer" 7 pés, round pin, e comecei a remar sozinho em direção ao outside. Usei a laje para me proteger da força das espumas das ondas até pintar um intervalo entre as séries que me permitisse passar a arrebentação e então chegar lá fora. Peguei uma das maiores ondas da minha vida até aquele dia e, ainda, consegui completar a virada na base antes de cair e ser tragado pela espuma. Tive que sair do mar nadando. Provavelmente, uma das coisas mais incríveis de Itaúna é que você estará sempre sendo desafiado pela força das ondas e das correntezas. Isto faz com que surfar em Itaúna seja sempre um teste, um desafio que nunca acaba".



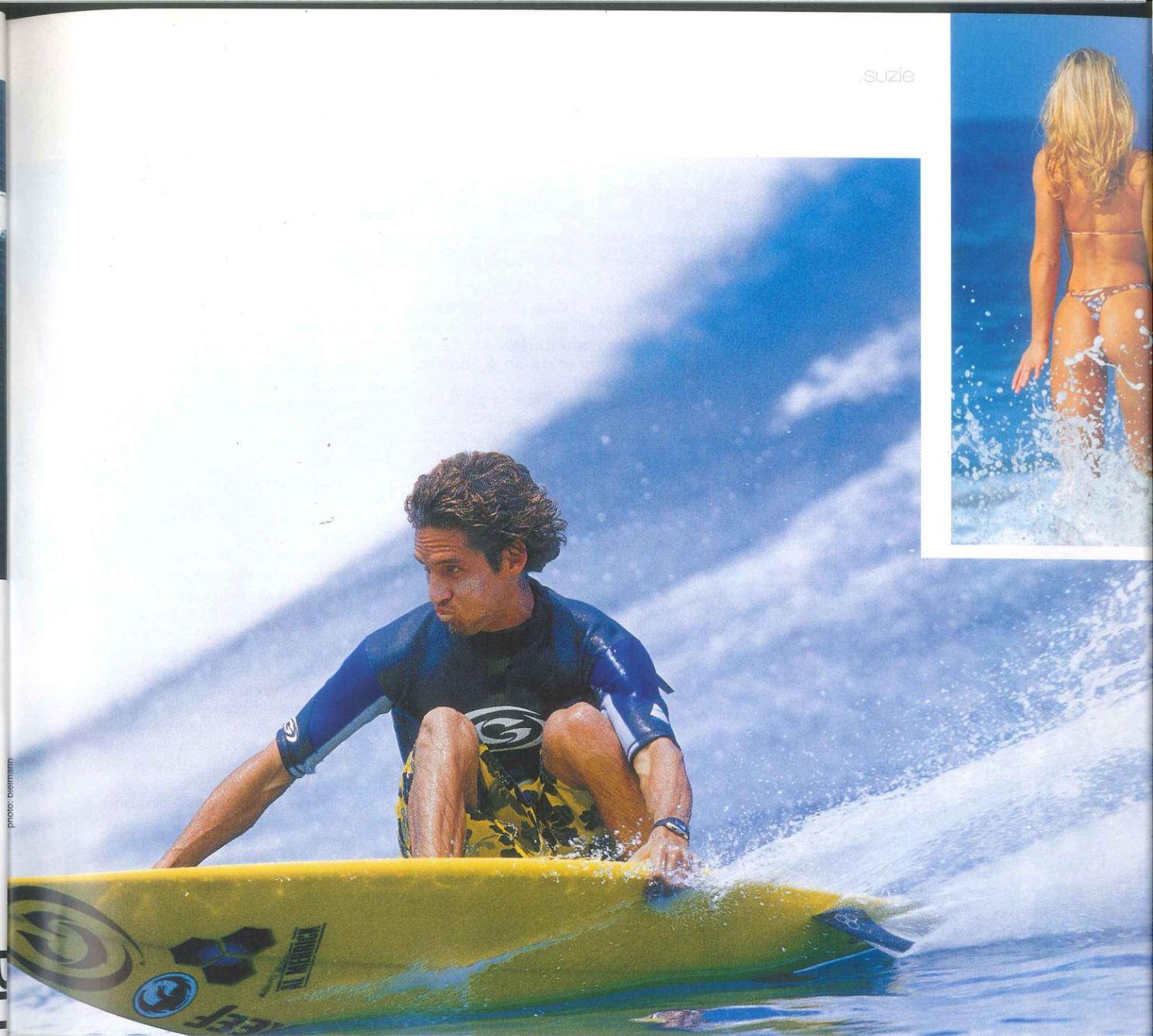
Triângulos rolando soltos em Itaúna.



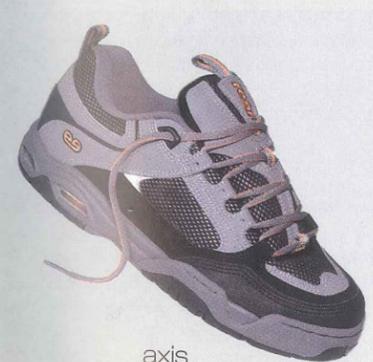
Fotos: Fedoca

As esquerdas da praia da Vila são fortes e tubulares.

Saquarema



suzie



axis

rob machado / reef1.com / progressive reform

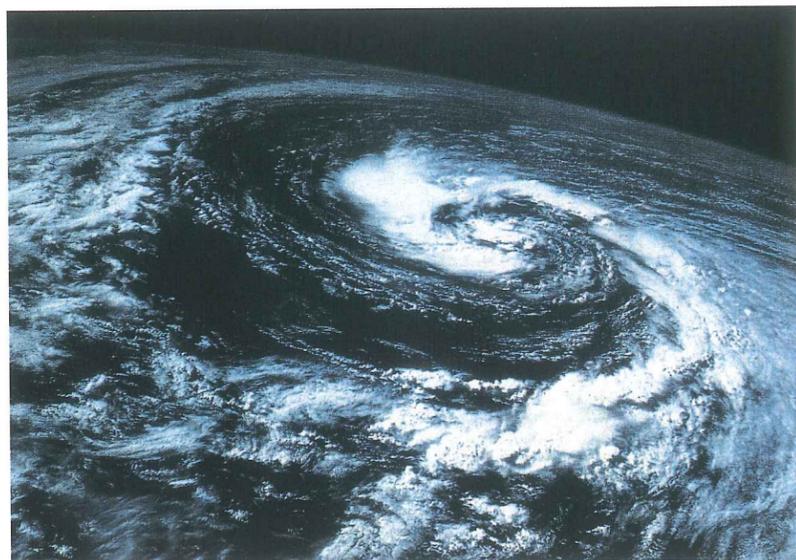
Tel.: (0xx11) 3225-0250



O Ciclo de Vida de uma baixa pressão

Cedo, esta manhã, meu telefone não parava de tocar. "Você já viu?" "Se eu já vi o quê?" "Não me diga que você não viu o gráfico!" Não, eu ainda não o havia visto, mas meus colegas de surfe estavam animados atrás de uma Baixa de 956mb que misteriosamente havia aparecido no Atlântico.

Trata-se de uma ocorrência comum. Uma Baixa surge no gráfico e, a partir daí, a chegada das ondas, e os telefonemas, estão garantidos. Uma vez que exista, então a questão de onde ela veio, originalmente, é raramente pesquisada. Mas a pressão baixa, ou depressão de latitude intermediária, é o mais importante fenômeno para gerar as ondas nas quais surfamos. Baixas memoráveis costumam receber nomes especiais, assim como se faz com os furacões: a Tormenta Braer, a Grande Tormenta de '87, a Tormenta de Burns Day, etc. Para nós, surfistas, a Baixa é uma parte essencial de nossas vidas e merece um pouco de atenção, portanto, aqui, vamos passar os olhos no ciclo de vida de um desses monstros.



As baixas pressões, ou depressão de latitude intermediária, é o mais importante fenômeno para gerar as ondas que surfamos.

Uma pressão baixa, na realidade, é apenas uma célula de ar cuja pressão é menor que a do ar em seu redor. Graças aos efeitos da rotação da Terra, ela também apresenta uma imagem de ar girando rapidamente à superfície. Isso, é que gera as ondas no mar, pelo atrito ao longo da superfície da água. Quanto mais profunda a depressão, tanto mais rapidamente o ar se movimentará. Quanto mais rapidamente se movimentar, maior será o atrito com a água, e maiores serão as ondas. Essas ondas, inicialmente ao acaso e dispersas, acabarão por se organizar em fileiras distintas de vagas dirigindo-se à nossa praia. Algumas das primeiras pessoas a estudar a formação de uma pressão baixa eram de um grupo de meteorologistas escandinavos, de Bergen na Noruega, encabeçados por certo Vilhelm Bjerknes. Eles apresentaram a teoria da Frente Polar – uma faixa na superfície da Terra, na qual o ar frio dos pólos se choca com o ar quente do equador, e na qual ocorre a geração da depressão de latitude intermediária. No hemisfério norte, por exemplo, a Frente Polar é onde temos o ar frio vindo do norte ao encontro do ar quente vindo do sul. São as chamadas "Massas de Ar" – blocos de ar com diferentes características físicas – no caso, suas temperaturas. Como o ar quente é menos denso que o ar frio, tende a deslizar sobre o ar frio e, usualmente, isso é o que está ocorrendo na Frente Polar, antes mesmo que qualquer tipo de Baixa comece a se desenvolver.

Agora, através de uma específica combinação de circunstâncias, uma perturbação pode ocorrer em algum ponto ao longo da frente. Por exemplo, a diferença norte-sul de temperatura do ar pode ser especialmente intensa em algum ponto, ou pode haver a influência de um fator externo, como a temperatura da superfície do mar. Tal perturbação é conhecida dos meteorologistas como uma instabilidade baroclínica. Se a perturbação for forte o suficiente e todos os fatores estiverem favoráveis, então a Frente Polar desenvolverá em si uma "onda atmosférica", que crescerá e se intensificará. O processo de ar quente deslizando sobre ar frio será especialmente intenso na área da perturbação. Assim, isso levará a uma queda localizada na pressão de superfície, causando que o ar passe a penetrar furiosamente vindo de outras áreas. Graças a aquele misterioso e onipresente movimento na Terra, a Força Coriolis, esse ar não apenas adentra diretamente ao centro da Baixa. Em vez, é defletido formando um imenso vortex giratório. No hemisfério norte, o ar irá circular em sentido contrário ao do relógio em torno do sistema e, no hemisfério sul, no sentido do relógio. Essa seção da Frente Polar agora poderá ser percebida dividindo-se em um sistema de frentes individuais: a frente quente, atrás da qual está o ar quente, e a frente fria, atrás da qual está o ar frio. Entre essas duas frentes, está o Setor Quente, uma área na qual os ventos de superfície são fortes e sopram na mesma direção ao longo de uma boa distância – as melhores condições para um rápido crescimento das vagas. Esse é o sistema de baixa pressão amplamente desenvolvido. Se todos os fatores forem favoráveis e a pressão de superfície conseguir atingir um índice baixo o suficiente, então os ventos serão fortes e as ondas grandes. No gráfico, uma Baixa profunda pode ser reconhecida imediatamente pela grossa massa de isobares densamente agrupados. Quanto mais agrupados estiverem, mais baixa será a pressão. Portanto, mais velozmente o ar estará penetrando e mais forte será o vento. O ar que penetra é defletido quase a 90 graus pela Força Coriolis, e assim a direção do vento é mais ou menos ao longo dos isobares. À medida que a depressão se propaga de oeste para leste, as frentes fria e quente acabarão se encontrando, formando o que se denomina de uma Frente Oclusa. Então, é quando a Baixa começa a enfraquecer e, finalmente, talvez após gerar alguns sistemas periféricos, a perder totalmente a sua identidade.

88.6% de chance de ser surfista.

99.9% de chance de ser surfista.

Contudo, é antes que tal oclusão se inicie, quando a Baixa está no seu amplo estado maduro, com as frentes fria e quente totalmente separadas, e os ventos soprando fortes e diretamente no setor quente, que ela nos é de maior valia. Quanto mais permanecer assim, e quanto mais se fixar sobre uma mesma extensão do oceano, maiores se tornarão as vagas. Uma Baixa muito profunda que estacione no seu percurso é raro, mas se isso acontecer, poderá bombear individuais vagas imensas durante dias a fio. Contudo, normalmente, quando as Baixas são profundas, a atmosfera contém muita energia a Baixa se deslocará rapidamente, dando espaço para que outra apareça logo a seguir. Tal situação significará que, certamente, embora não tenhamos uma falta de ondas, o oceano inteiro acabará tendo um cruzamento de direções de vagas. Como exemplo, mostramos uma seqüência de gráficos de tempo reais, do Atlântico, cerca do Ano Novo 1999-2000, a Tormenta do Milênio. Os gráficos mostram um nítido exemplo da formação de uma depressão, a partir de uma leve perturbação em um sistema frontal, até uma amplamente madura e oclusiva baixa pressão - tudo no espaço de apenas dois dias. A frente quente no gráfico é mostrada pela linha com os pontos nela, e a frente fria (usualmente mais extensa), pela linha com triângulos nela. A evolução da Baixa mostrada aqui é um exemplo extremo - efetivamente, o sistema aprofundou-se muito rapidamente, e ainda se moveu, rapidamente, em uma direção a nordeste. Aconteceu de haver a combinação especial de circunstâncias, exatamente justas para a coisa se aprofundar tão rapidamente que os meteorologistas pudessem classificá-la sob a terminologia de cyclogenesis explosiva. Desnecessário dizer-se que a constante faixa larga de ventos ocidentais no seu flanco sul assegurou grande surfe para a maior parte da Europa durante esse tempo, com limpas condições locais em muitos lugares. A evolução de uma depressão de latitude intermediária a partir de uma pequena perturbação localizada, até virar uma tempestade a plena força, é um excelente exemplo da série de efeitos duvidosos típicos de um sistema caótico. Dependendo de uma quase imprevisível série de fatores internos e externos, uma pequena perturbação, no estado inicial do sistema, pode ou crescer a uma proporção maciça, ou não ter efeito algum. Isso torna as pressões baixas tão fascinantes quanto as ondas que elas geram, cada uma diferente, essencialmente imprevisível e uma constante fonte de excitação para surfistas em todo o mundo.



Santiago/São Sebastião, Foto Samuel Berger



AS BÓIAS QUE MEDEM AS ONDULAÇÕES NO HAWAII.

Algumas bóias estão instaladas em volta das ilhas havaianas. As cordas, onde essas bóias estão presas, têm flutuabilidade quase neutra na água e proporcionam liberdade de movimento, tanto horizontal quanto vertical. Assim, registram fielmente o fenômeno do ar em movimento (os ventos) e das ondas. Estas bóias contam com instrumentos que medem, além da velocidade e direção do vento, a temperatura do ar e da água do mar, a pressão atmosférica, a altura e a frequência das ondas. A energia que possibilita o funcionamento dos instrumentos de medição e comunicação instalados nestas bóias é gerada por baterias que são sistematicamente recarregadas por painéis solares. O sensor de ondas é um acelerômetro que está localizado no interior da bóia. Esse aparelho registra a variação dos valores de gravidade a cada segundo, em períodos de 20 minutos, totalizando 1.200 observações a cada hora. Graças a estes dados, é possível identificar a velocidade e a altura que a bóia se move, para cima e para baixo, de acordo com a passagem das ondulações. Os dados são transmitidos de hora em hora para um satélite e, depois, enviados para a central de bóias da NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration - Administração Nacional de Oceano e Atmosfera), e de lá para os escritórios nacionais de meteorologia. Essas informações nos permitem saber, entre outras coisas, quanta energia está associada a uma determinada ondulação. Isto é possível por meio da determinação da velocidade com que esta ondulação está se movendo na superfície do oceano. Resumindo: quanto mais longa for a frequência, maiores serão as ondas.



Pedro Henrique

fotos: Rick Werneck

Hawaiian Dreams
PERFORMANCE BOARDSHORTS



TEL: (11) 6347 0040

S U N , S U R F A N D S U N D E K





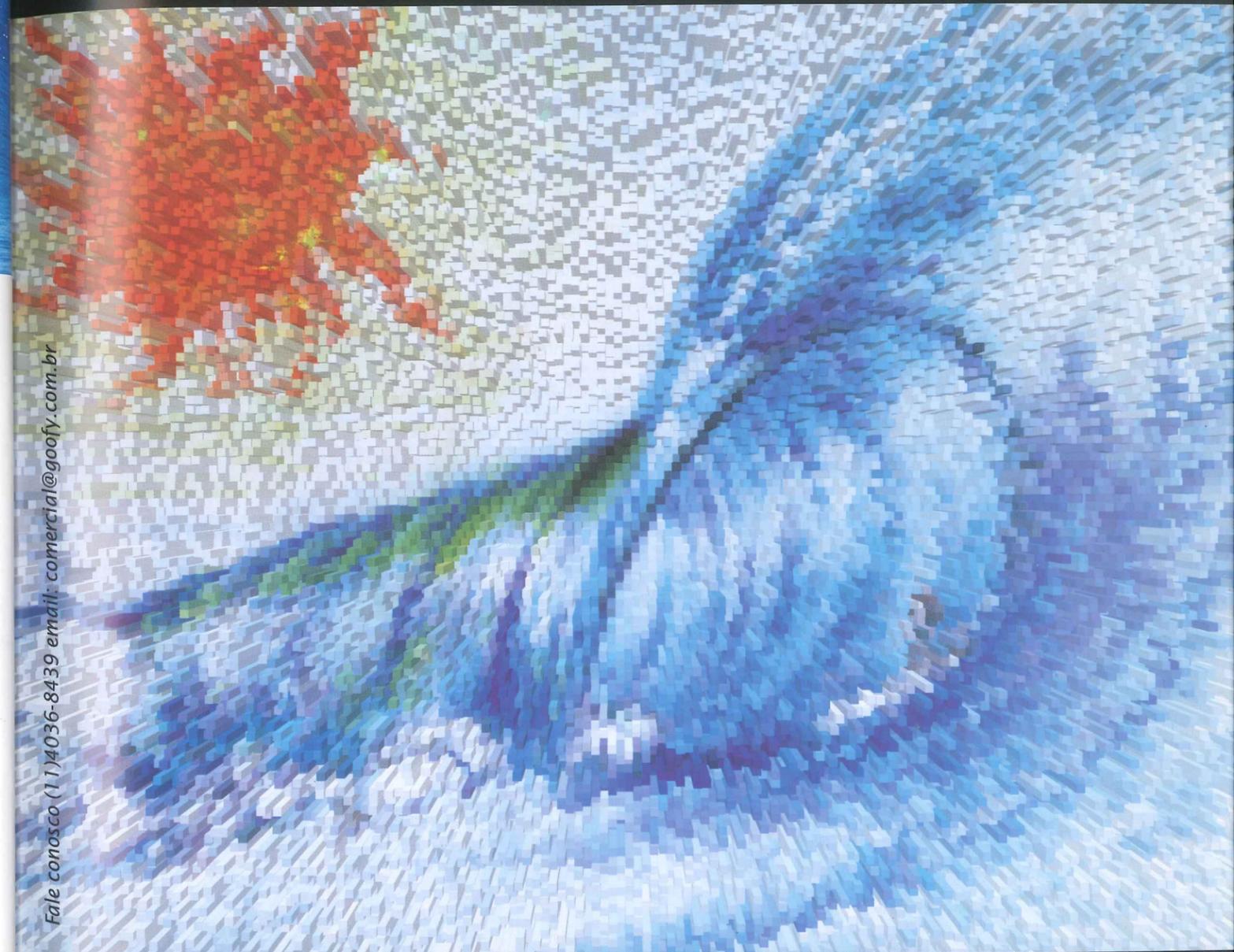
Surfando como um pássaro

Por Rosaldo Cavalcanti, fotos Tim MacKenna

Quem não conhece Laird Hamilton? Quem já não ouviu falar desse corajoso surfista havaiano, que gosta de desafiar a natureza, planejando façanhas inéditas, que jamais poderiam ser realizadas por um ser humano normal. Conhecido como o "Super-Homem", Laird já cruzou o canal da Mancha remando sobre uma prancha, já botou pra baixo nas maiores e mais perigosas montanhas de neve do planeta, é excelente wind surfista, um dos pioneiros do "tow in" e surfou aquela que foi considerada a "Onda do século". Ufa! O cara é um verdadeiro "casca grossa". Mas Laird não está satisfeito com tudo que já conquistou e, pelo visto, sua aposentadoria ainda está longe de acontecer. Na verdade, ele acaba de inventar mais uma loucura? A novidade é um revolucionário modelo de prancha. Durante o último inverno havaiano, Laird foi visto testando sua mais nova criação em Jaws, na ilha de Maui. O bôldo mistura conceitos de uma prancha de snow board, um Wake board e uma prancha de surf. Pode parecer estranho, mas é isto aí mesmo. A grande novidade, por trás deste novo modelo, é uma quilha de alumínio. Graças a esta quilha, a prancha precisa apenas atingir a velocidade mínima de 5 nós para deslizar sobre ondulações oceânicas. São incríveis e ilimitadas as possibilidades que se abrem com este novo modelo. Laird iniciou os testes em ondas de apenas 2 pés. Depois de conhecer um pouco melhor seu funcionamento, ele passou a testá-lo em ondas maiores. Num dia de 8 pés, em Jaws, ele teve a certeza de que sua mais nova invenção realmente funcionava. "Esta nova prancha é fantástica!", garante seu criador. A idéia, por trás do projeto, é surfar ondulações no meio do oceano. "Elas não precisam nem quebrar para serem surfadas. Basta a prancha atingir uma velocidade mínima para que passe a flutuar no ar e, assim, se manter pelo tempo que durar a ondulação. "Para que a prancha atinja 6 nós de velocidade, ela precisa da ajuda de um jet ski. Neste caso, o surfista é rebocado pela máquina até atingir a velocidade necessária, para, daí

em diante, seguir sozinho. A explicação técnica é simples: "O nível de atrito com a água diminui na medida em que o fundo da prancha não está mais em contato com a água. Por isso, não existem muitos empecilhos para que a prancha continue sendo empurrada, mesmo que a ondulação não quebre", explica Laird. As poucas pessoas que tiveram acesso ao projeto, e puderam ver seu criador testando o novo modelo, ficaram impressionadas com os resultados. "Nunca vi nada igual. As possibilidades são infinitas," explica Titus Kinikimaka, um dos mais respeitados e experientes "Big wave riders" havaianos. A prancha, que até hoje não foi batizada com nenhum nome especial, é toda feita de fibra de vidro e tem um outline

Goofy...

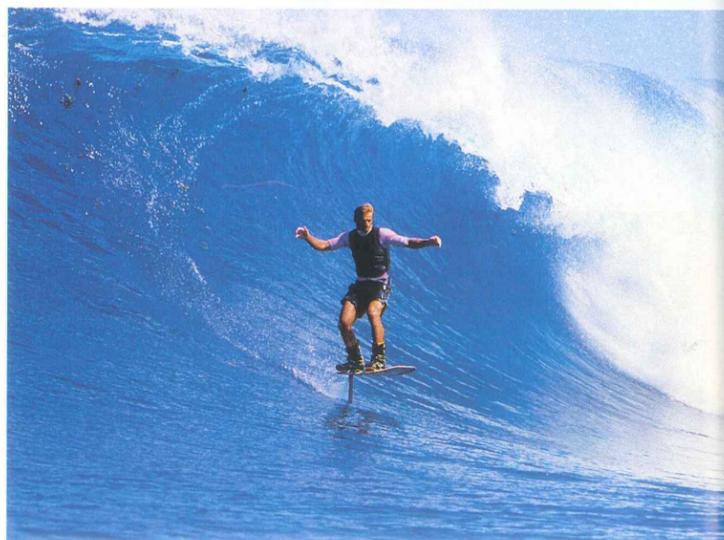
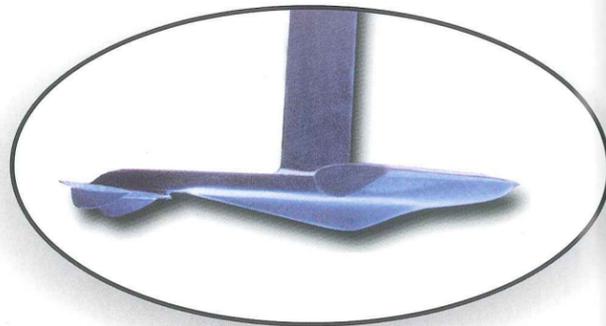


Fale conosco (11) 4036-8439 email: comercial@goofy.com.br

Surf na arte de quem surfa...

A quilha de alumínio tem o formato de um avião na sua base, sendo a principal responsável pelo funcionamento da prancha.

bastante similar ao de um Wake board. No seu deck estão fixadas botas muito parecidas com as existentes nas pranchas de snow board. No fundo está o grande segredo: uma longa quilha de alumínio, que tem a forma de um avião na base. As asas deste "avião" são a única parte da prancha que permanece em contato com o mar depois que a prancha atinge os 6 nós de velocidade e passa, então, a se movimentar sobre a água. Um estranho e diferente zumbido pode ser escutado enquanto a prancha desliza sobre o mar. O mais incrível de tudo isso é que Laird se inspirou nas baleias para criar seu mais novo projeto. Durante muitos anos ele ficou tentando entender como as baleias faziam para viajar milhares de quilômetros, desde o pólo norte até o Hawaii. "As baleias chegam ao Hawaii impulsionadas pela energia das ondulações. É por isso que elas sempre aparecem com os primeiros swells do inverno", explica Laird. "Nós demoramos milhões de anos para compreender isto. Minha idéia é surfar ondulações gigantescas, que só existem no meio do oceano. Ondas que não quebram, mas que têm energia suficiente para me empurrar até onde for possível. Vou poder surfar as ondas mais longas do planeta", garante. Se tudo correr conforme o planejado, Laird e sua nova invenção devem entrar para o Guinness Book, o livro dos recordes, depois de surfar uma onda que pode chegar a ter, quem sabe, até 5 horas de duração. Quem viver verá!



...still crazy after all these years...



W W L I G H T N I N G B O I T . C O M . B R

Tel.: (0xx11) 38495089 / Fax 38424212

LAIIRD HAMILTON



Amado ou odiado, cultuado ou criticado, Joel Tudor surgiu para escrever seu nome ao lado dos mais influentes surfistas da história. Makaha, Hawaii - Foto: Guy Motil

LONGBOARD

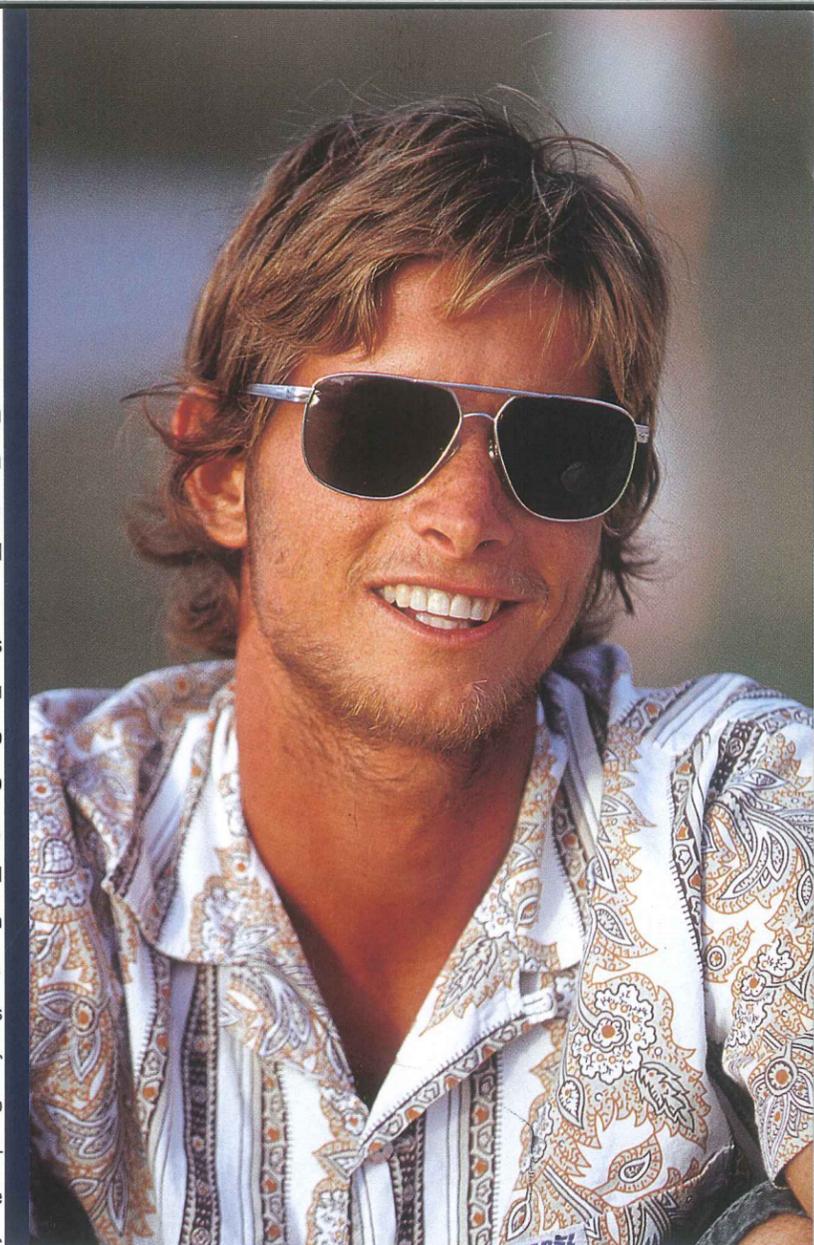
"O Surf é pura diversão e o melhor surfista não é aquele que usa apenas um tipo de equipamento. O surfista completo é capaz de mudar de equipamento conforme as condições do mar e se divertir do mesmo jeito."

Foto: Guy Motil

Joel Tudor tem 24 anos e surfa desde os oito. Ele é o líder de um novo movimento - conhecido na Califórnia como "Longboard Revolution"- que mistura o clássico e o moderno num mesmo estilo de surf.

Esta revolução teve início em 93, 94 e, graças a ela, o longboard voltou a ter destaque e está se popularizando pelo mundo todo. Desta vez com uma diferença: não são mais apenas os velhos que estão surfando de longboard. Naturalmente, Joel se tornou o grande ícone deste movimento. Inspirados por ele, um número cada vez maior de moleques passaram a surfar com a graça e o estilo dos longboarders. Na primeira metade da década de 90, o longboard profissional ainda engatinhava, quando o nome de Joel Tudor começou a ser ouvido com mais frequência nas praias da Califórnia. As premiações eram muito baixas e os patrocínios, raridades. Considerado o melhor surfista da sua geração, Joel Tudor cresceu nos arredores de La Jolla, um dos melhores bairros de San Diego, a maior cidade do sul da Califórnia e um dos mais antigos e tradicionais pólos do "soul surf" californiano. "Eu me sinto afortunado por que tive a oportunidade de aprender a surfar nos "reef breaks" de La Jolla. Eu sempre gostei de tubos. Ondas como Big Rock e Blacks me ajudaram a aprender a entubar." Joel sempre orientou seu surf em direção aos tubos.

"Gery Lopez foi um dos meus primeiros ídolos. Eu adorava, e ainda adoro, vê-lo surfando naqueles filmes de surf dos anos 70." Joel é dono de uma interessante videoteca, que usa para estudar o estilo e as pranchas dos seus surfistas favoritos. "Tenho a maioria dos filmes antigos: Morning of The Earth, Evolution, Slippery When Wet, etc. É neles que observei atuação de surfistas do calibre de um Phill Edwards, de um Michael Petterson, um Wayne Lynch ou de um Nat Young. Estes caras marcaram época e mudaram a cara do surf moderno." Até há alguns anos, Joel gostava de surfar qualquer tipo de onda com um longboard. Mas, hoje em dia, ele pensa diferente: "Cheguei à conclusão que as pranchas pequenas são as melhores para surfar ondas grandes e buracos. Os longboards funcionam mais nas merrecas." Atualmente, quando está no Hawaii, Joel tem preferido surfar com réplicas das "pin tails" dos anos 70. Independentemente do equipamento que esteja usando, ele é um excelente "tube rider". Suas performances em G-land,



Joel é um camaleão, que muda conforme as circunstâncias. Ninguém sabe muito bem o que se esconde por trás deste rosto angelical.



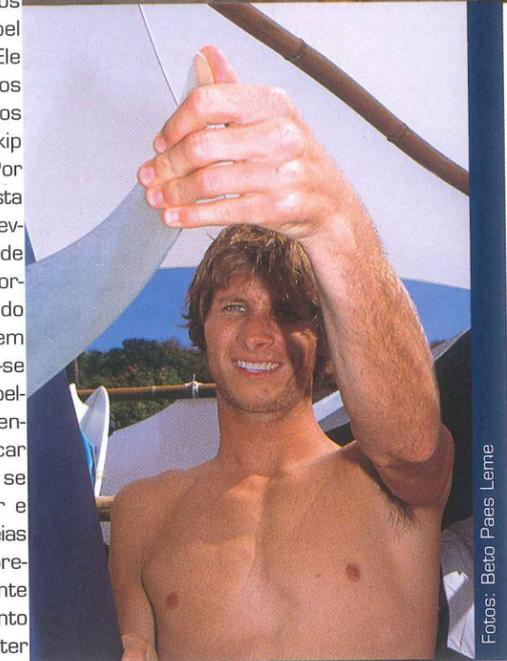
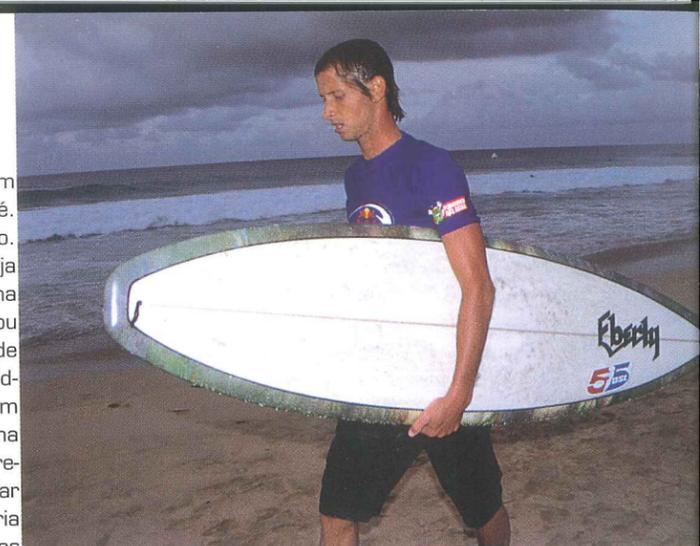
Suas atuações em ondas como Pipeline lhe renderam respeito no North Shore, foto: Sean Davey

Joel Tudor

Pipeline, Puerto Escondido e Fernando de Noronha não deixaram dúvidas sobre o seu talento na hora de andar por dentro dos tubos. "Não é fácil dirigir um longboard nos tubos. Principalmente por causa do tamanho e do peso deles. Ao contrário das pranchas pequenas, os longboards não são muito manobráveis", explica. Joel é um dos maiores críticos do chamado "Longboard progressivo" e já deixou isto bem claro em inúmeras ocasiões: "Os aéreos, os 360° e os floaters não foram criados para o longboarders. Se você quer arriscar manobras radicais, ou então ficar derrapando a sua rabeta, bem, neste caso é melhor pegar uma mini model. Mas se você prefere dirigir um Cadillac, então o seu lance é um longboard." Para Joel é importante não confundir as bolas: "O longboard tem mais a ver com graça, estilo e fluidez." Já faz muito tempo que o nome de Joel Tudor é uma lenda na Califórnia. Famoso desde quando era apenas um moleque de 12 anos, seu talento natural é reverenciado ao longo de toda a costa californiana. De San Diego até Santa Cruz. Não foram poucas as vezes que as pessoas sentaram na areia para admirar o seu surf. Joel começou a pegar ondas quando tinha menos de 8 anos de idade. "Quando era pequeno, eu não gostava de ir à praia. Odiava a areia. Meu irmão Josh, dois anos mais velho que eu, começou a surfar primeiro."

Até um pouco antes de completar 11 anos de idade, Joel usava um bodyboard e confessa que não tinha nenhuma expectativa em ficar de pé. O seu pai, Joe Tudor, é um surfista conhecido nos arredores de San Diego. Numa ocasião, Joe levou seu filho mais novo numa viagem pela Baja California. "Na primeira oportunidade que tive, eu o coloquei deitado na minha prancha e o empurrei numa onda. Para minha surpresa, ele ficou em pé logo na primeira tentativa. Dali em diante, não parou mais de evoluir", relembra o pai coruja. Um belo dia descobriu o longboard e decidiu mudar de equipamento. Aos 12 anos o pivete já era uma realidade. Um talento indiscutível. Em pouco tempo a Califórnia havia ficado pequena demais para ele. Quando ainda era um moleque de treze anos, Joel frequentemente era levado por seu pai e pelo irmão mais velho para surfar ondas bem maiores que a imaginação de um garoto da sua idade poderia conceber. Ondas de verdade. Massarocas d'água em lugares sinistros como a ilha de Todos Santos, no México. Quando completou 13 anos, Joel era considerado quase que um veterano, tamanha era sua experiência. Ele evoluiu muito rápido, inspirado pelos seus ídolos e copiando o estilo dos surfistas que considera os melhores de todos os tempos. Inicialmente os californianos. Nomes como Lance Carson, Miki Dora, Phill Edwards e Skip Frye. Depois os australianos. Entre eles o enigmático Wayne Lynch. Por sinal, um dos seus maiores ídolos na atualidade. Considerado o surfista mais progressivo do planeta no começo dos anos 70, Wayne Lynch revolucionou o surf com suas manobras e estilo único de surfar. Depois de impressionar a todos com suas performances e vitórias nos mais importantes campeonatos australianos da época, ele simplesmente sumiu do mapa durante mais de uma década. Lynch se embrenhou numa viagem espiritual, se desligou das competições e fugiu da mídia. Joel sente-se atraído pelo mito de Wayne Lynch: "Acho que me identifico com a sua rebeldia. Wayne foi o responsável por mudanças importantes no comportamento dos surfistas do mundo inteiro. A maneira pela qual ele passou a atacar as ondas, principalmente de back side, fez com que outros surfistas se sentissem instigados a copiá-lo." Nos últimos quatro anos, Joel Tudor e Wayne Lynch passaram um bom tempo juntos. Surfando e trocando idéias sobre novos e revolucionários modelos de pranchas. Joel sempre foi precoce. Ele começou a competir quando tinha 14 anos. No ano seguinte entrou para a história como o mais jovem surfista a vencer um evento profissional sancionado pela ASP. Durante alguns anos, mesmo sem ter conquistado seu primeiro título mundial, já era considerado o melhor longboarder do mundo. Em 1992, com 16, Joel chegou até a final do mundial de longboard em Biarritz. Mas acabou sendo derrotado por Joey Hawkins. Mesmo sem vencer o título mundial, ele fez sucesso instantâneo na França. A mídia e o público francês adoraram aquele moleque loirinho californiano, que parecia estar dançando "balet" em cima do seu longboard. Não demorou muito para que uma marca francesa, OXBOW, o elegesse como seu mais novo garoto-propaganda. Em seguida, foi enviado

à Austrália para passar uns tempos com o ex-campeão mundial Nat Young, também patrocinado pela marca francesa. O objetivo era dar um pouco mais de experiência e maturidade para o jovem e talentoso californiano. Joel e Nat se deram muito bem e o polêmico surfista australiano praticamente adotou o moleque. Nat Young acabou se tornando o mais importante e influente surfista na carreira de Joel. A relação quase paternal que floresceu entre eles foi fundamental para que Tudor pudesse aproveitar todo o potencial em termos de evolução. Segundo Nat: "O Joel é tão parecido comigo, mas tão parecido, que chega a ser ridículo." Depois de alguns meses surfando os "point breaks" australianos, os dois saíram viajando juntos pelo mundo. Competindo e participando de promoções para seus patrocinadores. "O Nat é como um segundo pai para mim. Ele me colocou debaixo das suas asas e me ensinou muita coisa. Dos 16 aos 18 anos eu viajei sem parar, com ele. Para mim, ser pago para surfar ondas perfeitas e viajar pelo mundo ao lado de um dos meus maiores ídolos era como um sonho." Joel sabe muito bem qual foi a importância de Nat na evolução do surf moderno. Principalmente a partir do final dos anos 60. Joel sabe muito bem qual foi a importância de Nat na evolução do surf moderno. Principalmente a partir do final dos anos 60. "Graças a ele e a visionários como George Greenough e Bob Mactavish é que surgiram as "mini Models" e os "V-bottoms". Sem as suas idéias não teria acontecido a 'Short Board Revolution'. Estes caras mudaram todos os parâmetros da época, redirecionando o surf através das manobras. A influência que eles exerceram jamais poderá ser questionada."



Fotos: Beto Paes Leme

Joel está cada vez mais encantado pelas "single-fins". Atualmente, a maioria das suas pranchas têm apenas uma quilha. Algo estranho para quem cresceu vendo as pranchas de 3 quilhas dominando a preferência de 99% dos surfistas. Talvez por isso ele tenha procurado uma outra alternativa. Só para ser diferente. É a cara dele fazer este tipo de coisa. Talvez aí esteja a explicação para sua originalidade.



Enquanto estava viajando e conhecendo alguns dos melhores "surf spots" do planeta, Joel era obrigado a ouvir críticas ao seu comportamento. "No colégio, meus professores diziam que eu não iria muito longe na vida se ficasse apenas surfando. Se fosse para me dedicar a um esporte, era melhor jogar tênis." Mas ele estava se sentindo no topo do mundo. "Que vida poderia ser melhor do que aquela?" Malibu, Califórnia, 1994. Joel estava no mítico "point break" de direitas disputando mais um título mundial. Seus "nose rides" de back side não deixaram dúvidas sobre quem era o melhor sufista do campeonato. Numa final contra três havaianos ele foi implacavelmente marcado e acabou derrotado pela união e disciplina tática dos seus adversários. Joel saiu da praia inconformado com o resultado. Em 1995, e novamente em 1996, a história não foi muito diferente. O tão sonhado título mundial continuava longe das suas mãos. Joel queria provar que era de fato o melhor longboarder do mundo, mas para que isso acontecesse precisava mais do que nunca ganhar um mundial. Em 1997 o título foi disputado em Makaha, na costa oeste da ilha de Oahu, no Hawaii. Uma das ondas mais difíceis do mundo. Cheia de armadilhas para os "haoles". A missão de Joel ficou ainda mais difícil. Quem seria capaz de derrotar os havaianos em sua própria casa? Logo eles, que vinham exercendo um domínio quase absoluto na categoria desde 1993. Principalmente Rusty Kealuana. Local de Makaha, Rusty já havia vencido dois títulos mundiais de longboard (Haleiwa e Malibu) e era sem dúvida o favorito. Para surpresa geral, Rusty acabou eliminado antes da final, mas Joel Tudor teve que adiar mais uma vez o sonho de conquistar um mundial. Em 1998 a OXBOW anunciou que levaria a disputa para as Ilhas Canárias. Nas longas e perfeitas esquerdas do atlântico norte, Joel finalmente derrotou a tudo e a todos: "Não sou mais um perdedor. Agora estou relax. Sou o campeão do mundo. Hoje eu posso dizer que sou o melhor", declarou, com um imenso sorriso, logo após vencer seu primeiro título mundial. Missão cumprida. Joel cultua a nostalgia. Algo que tem a ver com as suas raízes californianas. Entre outras coisas, ele se orgulha de ser um dos membros do "Wind" Sea Surf Club, um dos mais antigos e tradicionais do mundo. "Eu gosto desta minha descendência. Me sinto honrado por estar carregando esta tradição comigo." Sua reverência e seu respeito pela tradição fizeram com que cultivasse uma profunda admiração por alguns de seus ancestrais. Joel é um estudioso das tendências e dos modelos de pranchas mais antigos. "Sem eles nós não teríamos chegado até aqui". Há muito tempo está empenhado em conhecer suas origens e nutre um profundo respeito por alguns surfistas mais velhos. Nomes como Donald Takayama, David Nuuhiwa e Skip Frye. Todos eles verdadeiras lendas na Califórnia e alguns dos seus maiores ídolos e gurus. A recíproca é verdadeira. Basta saber o que Skip Frye tem a dizer sobre Joel Tudor: "São poucos os surfistas que paro para ver surfar. E o Joel é um deles. O mais incrível é que cada vez que o vejo surfando parece estar melhor do que nunca. Ele é capaz de fazer todos os truques, mas é a maneira pela qual flui sobre a água que o faz diferente dos outros." Mestre dos tubos e dos nose ridings, seu estilo dentro e fora d'água já lhe renderam comparações com outros influentes surfistas americanos como Tom Curren e Kelly Slater. Apesar de já ter confessado inúmeras vezes que se inspira em outros surfistas, o estilo de Joel é totalmente original. "A meu ver, o surf é uma forma de arte. Eu procuro dar mais ênfase ao estilo e ao meu posicionamento sobre a prancha. Esta combinação é infalível. Independentemente do equipamento." Até por volta de 1992, longboard era "coisa de velho". Mas a falta de alma no surf incomodava muita gente. A indústria inclusive. O circuito mundial da ASP sofria do mesmo mal. Os top 44 não tinham carisma suficiente para se transformar nos ídolos que o esporte precisava para continuar crescendo, e muitos surfistas os ignoravam. O surf vivia uma espécie de crise de identidade. Foi quando Joel e alguns de seus contemporâneos reencontraram o espírito do surf no bico dos seus longboards. O nose riding e o Hang Ten resgataram a alma do surf. "Gosto de curtir a sensação de estar deslizando sobre as ondas. Às vezes não preciso fazer nenhuma manobra. Dou apenas alguns passos até o bico do meu longboard e fico por lá até não poder mais." Joel é quase uma unanimidade. Seus poucos críticos o acusam de manipular a mídia. De tentar construir uma falsa imagem de si mesmo. Ele é como um camaleão, que muda conforme as circunstâncias. "Independente do lado da sua personalidade que

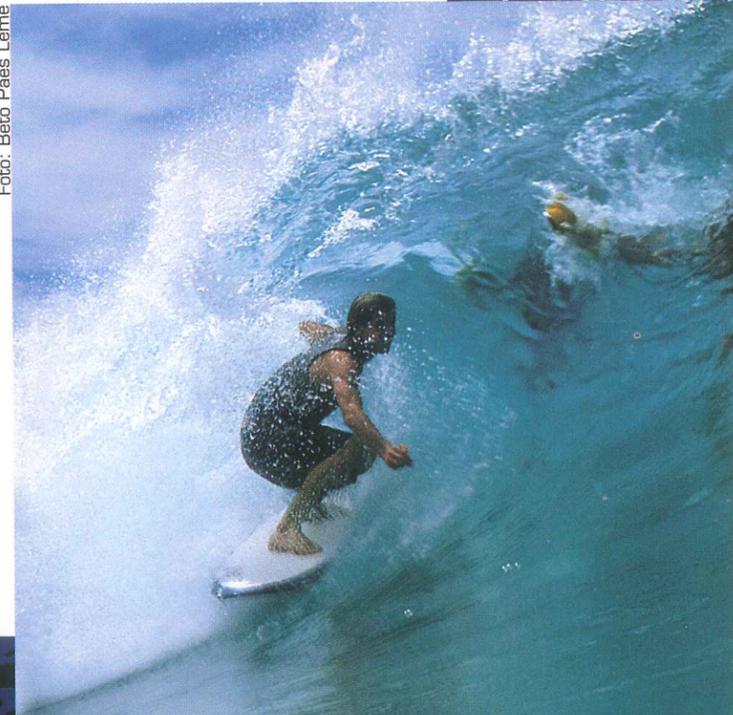


Suas melhores performances, pelo menos as mais artísticas, acontecem nos dias pequenos, num longboard. Caminhando sobre ele. Indo até o bico e dando um tempo por lá. Nestas condições, ele é quase imbatível. Fotos: Guy Me...



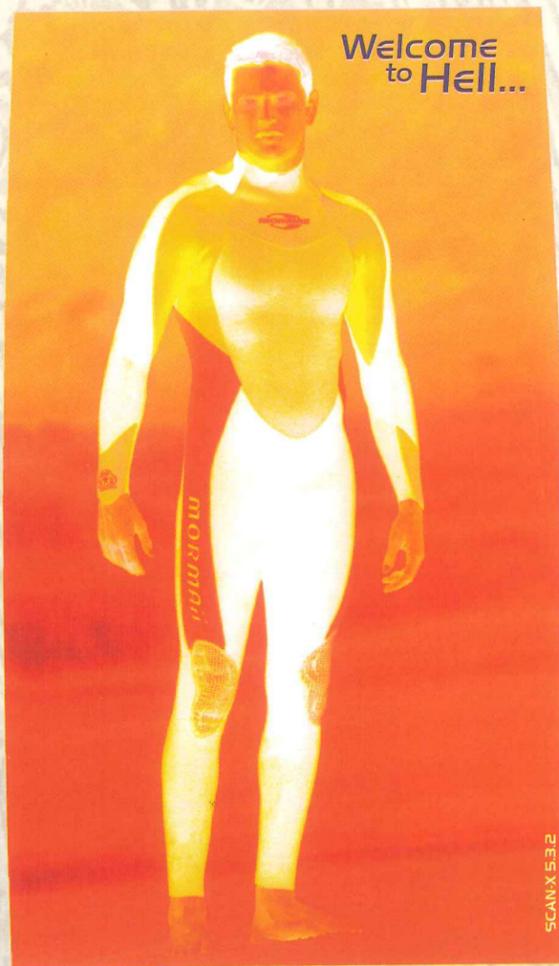
resolver mostrar, a performance de Joel vai ser sempre espetacular", garante o surfista e jornalista especializado Matt Wharshaw, que já escreveu algumas matérias sobre Tudor e sabe muito bem o que se esconde por trás daquele rosto angelical. Amado ou odiado, cultuado ou criticado, Joel Tudor surgiu para escrever seu nome ao lado dos mais influentes surfistas da história. Suas melhores performances, pelo menos as mais artísticas, acontecem nos dias pequenos, num longboard. Caminhando sobre ele. Indo até o bico e dando um tempo por lá. Nestas condições, ele é quase imbatível. Suas atuações em ondas como Pipeline lhe renderam respeito no North Shore, e os tubos que encarou em algumas das ondas mais tubulares do planeta lhe garantiram um lugar entre os melhores "tube riders" da atualidade. Para ele, os surfistas têm um eterno compromisso com a evolução: "O surf evoluiu muito nos últimos anos. Hoje em dia, estamos explorando partes das ondas que não podiam ser surfadas quando comecei. O futuro? Bem, quem sabe onde ele vai nos levar?" Considerado um purista, Joel foi sempre muito influenciado pelo que rojava em sua cidade natal. "Em San Diego o movimento purista é muito forte. Muitos surfistas só têm pranchas brancas, roupas de borracha pretas e jamais usam cordinha." Por outro lado, como bom pupilo de Nat Young, Joel não gosta e, pior, não sabe perder. Foi assim em Fernando de Noronha durante o campeonato de tubos patrocinado pela Red Bull. Apesar de ter sido o surfista mais completo do evento, o único que realmente surfou bem tanto de long como de short board, Joel acabou sendo derrotado por Gavin Beschen na final. Depois que o resultado oficial foi anunciado, ele perdeu o bom humor. "Não gosto de perder. As competições não são muito importantes para mim, mas quando estou competindo quero sempre ganhar." Joel é um naturalista por excelência. Apesar de ter comido muita "junk food" até o início de sua adolescência, hoje em dia tem hábitos pouco convencionais na hora de se alimentar. Evita comer açúcar, não ingere nenhum tipo de carne, nem mesmo peixe, e normalmente é obrigado a carregar seus próprios alimentos durante as viagens. Foi assim em Noronha, quando parte da sua bagagem, exatamente aquela onde estavam guardados seus alimentos, não coube no pequeno avião que faz a rota Recife-Noronha. Resultado: Joel ficou praticamente um dia sem se alimentar, enquanto esperava sua comida chegar no próximo voo. Sua dieta vegetariana tem até nome: "vegan". Ele é uma espécie de "hippie" do século XXI. Até mesmo suas preferências musicais e ideológicas são mais "mellow", comparadas com as da maioria das pessoas. Assumidamente contra a violência, ele prefere um "jazz" a um "trash rock" e está mais para um "Hang Ten" do que para um aéreo.

Foto: Beto Pees Leme



Os tubos que encarou em algumas das ondas mais tubulares do planeta lhe garantiram um lugar entre os melhores "tube riders" da atualidade.

Joel gosta de se envolver no processo de criação das suas próprias pranchas. "Gery Lopez, Pipeline e as pranchas que ele usava na época foram a melhor combinação que já existiu. Na minha opinião, Gery Lopez e suas pranchas chegaram perto da perfeição em Pipeline." Joel decidiu estudar a fundo as linhas das pranchas que Lopez usou há cerca de 30 anos em Pipeline: "Estava tudo certo nelas. O outline, as bordas, o rocker, o fundo. Eu copieei aqueles modelos". Joel conheceu Gery quando ainda era um moleque. O mestre o convidou para passar um inverno na sua casa de Pipeline e os dois tiveram tempo para sentar e conversar sobre surf. "Gery me ensinou muito sobre como surfar em Pipeline. Ele deu uma olhada nas minhas pranchas e disse o que elas tinham de errado. Ele é um shaper experiente e sabe tudo sobre o assunto. Suas pranchas são criadas para andar por dentro dos tubos." Joel está cada vez mais encantado pelas "single-fins". Atualmente, a maioria das suas pranchas têm apenas uma quilha. Algo estranho para quem cresceu vendo as pranchas de 3 quilhas dominando a preferência de 99% dos surfistas. Talvez por isso ele tenha procurado uma outra alternativa. Só para ser diferente. É a cara dele fazer este tipo de coisa. Talvez aí esteja a explicação para sua originalidade. "As 'single fins' te possibilitam surfar com mais elegância e fluidez. As pranchas de 3 quilhas são melhores para as manobras. No final das contas, são dois modelos completamente diferentes." Joel é partidário das "single-fins". Independentemente do tamanho da prancha. Praticamente todas as suas têm apenas uma quilha. Segundo ele, este modelo faz com que o surfista surfe com mais estilo: "Não foi à toa que alguns dos maiores estilistas de todos os tempos apareceram na era das single-fins." Joel não se impressiona com os aéreos que surfistas como Kelly Slater, Bruce e Andy Irons, Shane e Gavin Beschen, entre outros, costumam arriscar de vez em quando. Para ele este tipo de manobra não é novidade: "Christian Flechter já estava voando em Trestels há mais de 20 anos. O que há de novo nisso? Para mim, a grande novidade do momento é o renascimento do estilo através do longboard moderno. Isto sim é revolucionário." Joel faz questão de frisar que não está falando apenas de performance. O ponto não é esse. Para ele, o surf é muito mais uma forma de arte, uma questão de valores e um estilo de vida do que meramente um esporte competitivo. "O Surf é pura diversão e o melhor surfista não é aquele que usa apenas um tipo de equipamento. O surfista completo é capaz de mudar de equipamento conforme as condições do mar e se divertir do mesmo jeito. Seja num longboard ou numa 5'10". Joel acredita que todos os surfistas deveriam entender pelo menos um pouco sobre o funcionamento do seu equipamento. "Isto os ajudaria a surfar melhor. Não entendo como alguém pode encomendar uma prancha nova sem saber como funciona um determinado tipo de fundo, ou como o tamanho e o posicionamento da quilha vai influenciar sua performance. São coisas básicas." No futuro os critérios de julgamento das competições de surf serão revistos. Pelo menos é o que Joel Tudor acredita: "As disputas vão passar a envolver diferentes estilos de surf numa mesma categoria." Ele está sempre preocupado em descobrir algo que ainda não sabe. "Estou aprendendo com os mais velhos. Eles viveram mais e por isso acumularam mais conhecimento. Tenho apenas 24 anos e sei que não sei nada. Sou apenas um aprendiz de feiticeiro." Joel busca no passado as soluções para o presente e as perspectivas para o futuro. É com uma mensagem positiva que ele termina nossa entrevista: "O estilo não está morto. O espírito do surf ainda está entre nós. Respeitar a tradição não significa envelhecer. Quero surfar até morrer de prazer."



Mantendo a tradição de produzir equipamentos de alta performance, a Mormaii está lançando para o inverno de 2001 a nova SCAN-X. Esta roupa vem substituir o modelo SCANNER, o mais vendido nos últimos anos para a prática do surf em águas geladas.

O novo modelo incorpora materiais e vedações de última geração como os utilizados na aclamada 2nd Skin e o seu design revolucionário proporciona um aquecimento extra do tórax devido a uma dupla camada de neoprene na região do mediastino.

Se você estiver programando uma trip para um pico com águas de 15°C ou menos e não queira limitar seu tempo de surf por causa do frio, leve uma SCAN-X.

Mais informações: mormaii@mormaii.com.br



Acesse nosso site www.mormaii.com.br e confira a uma roupa de neoprene.

Surfer: Ademir Calunga, foto: James Thistled Pipeine





Brincando no playground de Netuno

Das crianças será o reino do céu

A velocidade das revoluções do Surf sempre foram expressivas, primeiro com materiais, depois equipamentos, tendências, manobras, tamanho de onda (tow in), enfim... Nestes últimos 30 anos o Surf se supera incansavelmente. Para mim, a mais nova quebra de limites, hoje, é assistir a performances, inimagináveis há bem pouco tempo, de crianças no "Hawaii", o éden do Surf mundial. Encanta-me assistir "The Kids" brincando no playground de Netuno, o Oceano, em ondas de gente grande!! Delicie-se com estes novos limites e imagine quais serão as novas fronteiras que estes garotos estarão cruzando daqui a 10 anos.....

Foto: Sean Davey

Júnior Faria, 14 anos, pronto para ficar lá dentro de mais um tubo.



John John parece não ter medo de nada. Para um surfista do seu tamanho, ele pode ser considerado um verdadeiro "Big rider". Repare a expressão do surfista no rabo da onda. Ele parece não acreditar na cena que está vendo.

Entrevista e fotos: Sean Davey
Tradução: Gabriela Nalon Andreatta

O fotógrafo australiano Sean Davey, conversou por alguns minutos, no North Shore da ilha de Oahu, com a mais nova sensação havaiana: John John Floresce. O moleque, mal deu seus primeiros passos e já estava dropando suas primeiras ondas. De lá para cá, somou sete invernos havaianos no seu currículo. Um verdadeiro veterano em termos de Hawaii.

John John



John John

Bri **n**do
no **l**and
de **N**etú **n**o

Sean Davey: John John, você está saindo em todas as revistas este ano. Quantas fotos já foram publicadas?

John John Floresce: Umas 30.

S.D.: Isso é bastante, principalmente para um garoto da sua idade.

Quantos anos você tem e há quanto tempo está surfando?

J.J.F.: Tenho oito. Comecei com um ano de idade.

S.D.: Quantos anos você tinha quando ficou em pé na prancha pela primeira vez?

J.J.F.: Dois.

S.D.: Você se lembra da onda?

J.J.F.: Não.

S.D.: Você se lembra do seu primeiro tubo?

J.J.F.: Não.

S.D.: Onde você surfou a maior onda da sua vida?

J.J.F.: Em Pupukea, e ela tinha em torno de sete pés.

S.D.: Sete pés no estilo havaiano?

J.J.F.: Sim.

S.D.: Isso é provavelmente cinco vezes o seu tamanho. O que aconteceu na onda?

J.J.F.: Fiz umas manobrinhas e saí fora.

S.D.: Eu vi que você estava se aventurando em Pipeline durante este último inverno. Já pegou alguns tubos lá?

J.J.F.: Eu peguei uns pesados no Beach Park (Ehukai Beach Park).

S.D.: Você se lembra das suas melhores ondas?

J.J.F.: Eu me lembro de uma esquerda que peguei no Beach Park.

Era bem pesada e o meu amigo estava na minha frente. Passei por ele e depois segui fazendo umas manobras. No final, saí fora antes de ela fechar.

S.D.: Agora surgiram um monte de meninos, mais ou menos da sua idade, no surf. Você tem algum rival?

J.J.F.: Talvez o Kekoa.

S.D.: Quem você considera o melhor surfista do North Shore e por quê?

J.J.F.: Humm...(uma pausa grande). Não sei. Acho que todos eles.

S.D.: A maioria das crianças, na sua idade, já pensam no que querem ser quando crescer. Você sabe o que quer?

J.J.F.: Quero ser surfista profissional.

S.D.: Em que estilo de surf você quer se tornar melhor? Manobras, tubos ou ondas grandes?

J.J.F.: Manobras e tubos.

S.D.: Existe alguma manobra que você está treinando mais do que outras?

J.J.F.: Humm... Provavelmente o aéreo e o 360°.

S.D.: Você já completou algum?

J.J.F.: Já. Eu completei um 360° em V-land uma vez.

S.D.: Você tem irmãos menores. Eles estão seguindo os seus passos?

J.J.F.: Sim. O Nathan está surfando na espuminha.

S.D.: E a sua mãe, não fica preocupada com vocês surfando?

J.J.F.: Não. Ela fica olhando quando estamos surfando.

S.D.: Você já passou algum sufoco dentro d'água?

J.J.F.: Sim. Uma vez em Pupukea, no banco de areia. Quando o mar sobe, ali fica pesado.

S.D.: Melhor no fundo de areia do que nos corais, não é?

J.J.F.:(mudo)

S.D.: Qual foi a melhor coisa que você já fez no surf?

J.J.F.: Uma vez, quando fiquei sete segundos dentro de um tubo.

S.D.: Uau! sete segundos! Qual foi a melhor coisa que você já viu alguém fazendo no surf?

J.J.F.: O rodeo flip do Kelly.

S.D.: Quantas vezes por dia você surfa?

J.J.F.: Três ou quatro vezes.

S.D.: Qual o seu pico favorito e por quê?

J.J.F.: Gas Chambers, Ehukai Beach Park, Pupukea e Pipe.

S.D.: Todas essas?

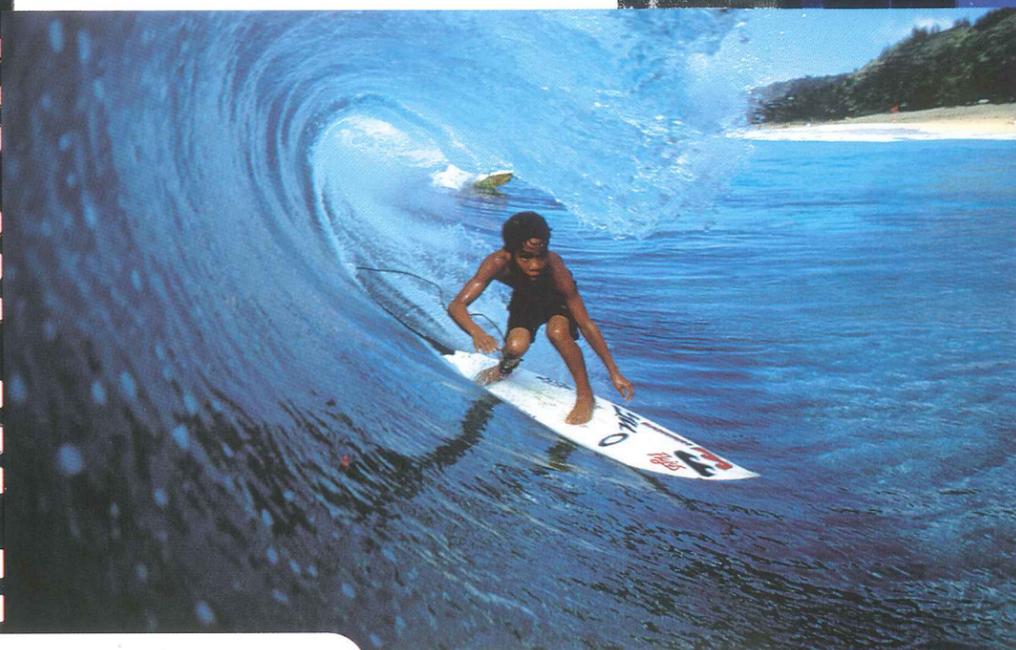
J.J.F.: Sim.

S.D.: Fora o surf, ou talvez um skatista, você tem algum outro plano para o futuro? Qual seria?

J.J.F.: Não, pelo nenos por enquanto nenhum.

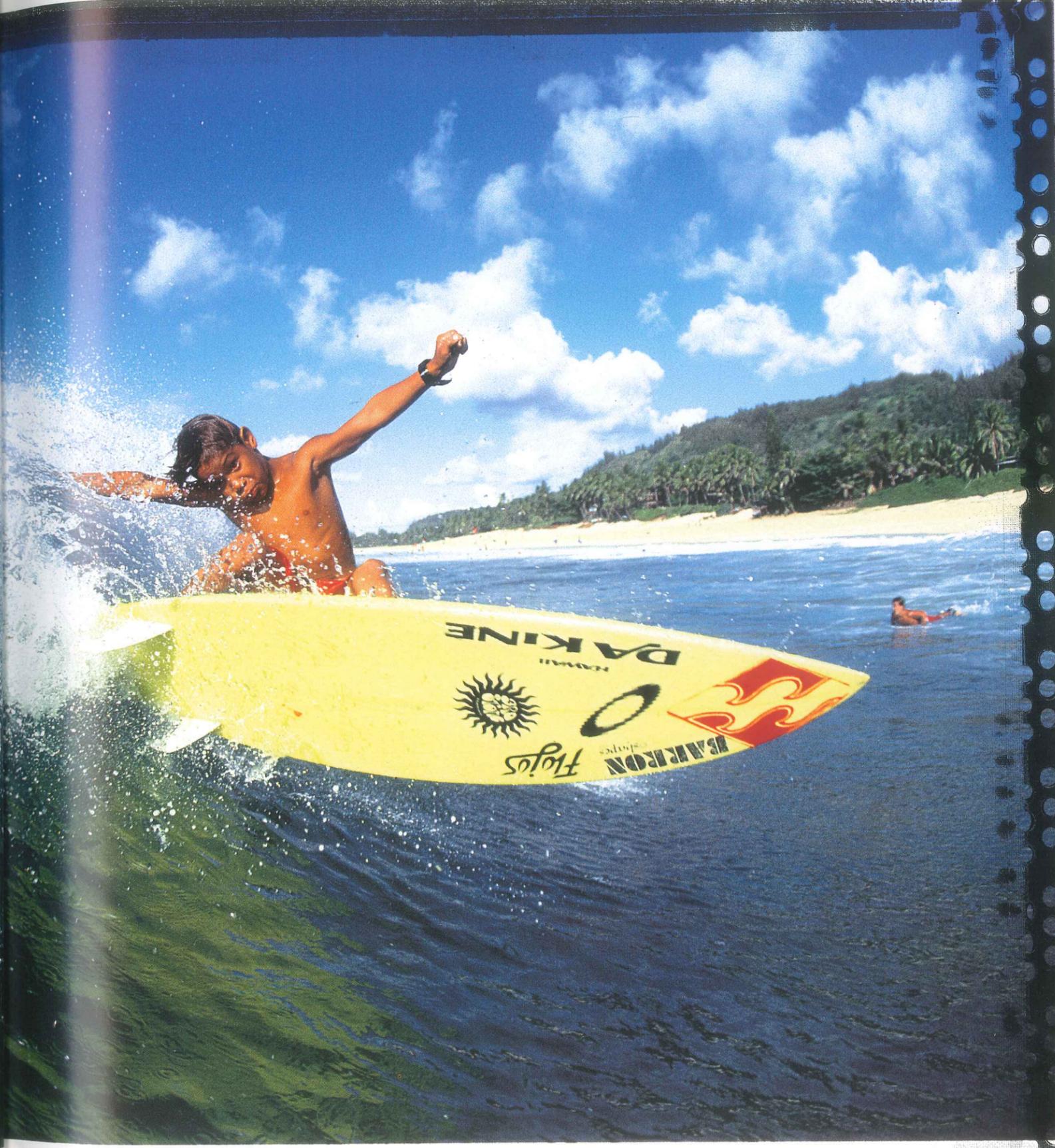
S.D.: Tem mais alguma coisa que gostaria de dizer?

J.J.F.: Humm... Não.



T.J. Barron brincando no quintal de casa.

Bri c ndo
n
P l a g a n d
d e N e t u n o



T.J. mostrando os logotipos no fundo de sua prancha.

Foto: Sean Davey

Garret Macnamara

Data: 25/12/2000

Local: North Shore, Oahu, Hawaii

Tamanho: mais de 20 pés



Inverno no hemisfério **N**orte

O último inverno no Hemisfério Norte ficou marcado pela sua consistência.

Certos dias entraram para a história como os mais casca-grossa de todos os tempos. Leia os relatos de alguns surfistas sobre os maiores dias desta última temporada de ondas grandes no Pacífico Norte.

O Melhor de todos os tempos?



Foto: Frank Quirarte

Data: 22/12/2000

Local: Mavericks, Norte da Califórnia

Tamanho: fácil uns 35 pés

Rodrigo "Monster" Rezende

POR: CARLOS BURLE

"No dia 20 de dezembro eu estava no Hawaii, esperando a chegada de um novo swell que havia sido previsto pela internet. Enquanto o pessoal do "Power Surf Team" se preparava para correr o campeonato de Tow In, em Jaws - evento que eu inicialmente iria participar -, procurei o Clyde Aikau para saber se havia alguma chance de o Eddie Aikau ser realizado no mesmo dia. O Clyde me aconselhou a ficar em Oahu porque o swell poderia ser grande o suficiente para o Eddie. Enquanto o "Power Surf Team" partia para Jaws, eu fiquei em Oahu e acabei dando uma caída em Waimea. O mar começou a subir já no fim de tarde daquele dia, e eu fiquei esperando para ver o que iria rolar no dia seguinte. No dia 21 de dezembro, acordei cedo e fui surfar em Waimea. Naquela manhã, eu já estava sabendo que havia um swell gigante indo para Mavericks. Quando sai da água, dei uma conferida na bóia e não acreditei no que estava rolando. Ela estava marcando 48 pés/17 segundos. Eu nunca tinha visto uma bóia com aquelas proporções. Foi quando tive a certeza de que dentro de 24 horas um swell gigante estaria chegando em Mavericks. Falei pra mim mesmo: "Não vou mais para Jaws, não posso perder esse swell em Mavericks". Eu sabia que com uma bóia daquelas, as ondas poderiam ficar tão grandes quanto aquelas que quebraram nesse mesmo lugar, em outubro de 99, quando os locais, liderados pelo Peter Mel, surfaram as maiores ondas de todos os tempos na Califórnia. As condições estavam épicas, e eu não poderia perder uma oportunidade como aquela. No caminho de volta para casa no North Shore encontrei o Ross Clark Jones e fui logo perguntando: "Você vai para Mavericks?" O Ross disse-me que ainda não estava sabendo de nada. Mas depois que lhe contei sobre a bóia, fomos juntos comprar as passagens de avião para São Francisco, na Califórnia. Eu já havia falado com o Rodrigo Rezende e com o Danilo Couto, e eles também estavam dispostos a pegar o swell em Mavericks. Combinamos de nos encontrar no aeroporto de Honolulu, algumas horas mais tarde. Estava na cara que o swell ia ser muito grande. Uma vez em Mavericks, mesmo com o Rodrigo e o Danilo decididos a surfar remando, eu sabia que seria difícil pegar ondas daquele tamanho sem a ajuda de um jet ski. Acordei muito cedo no dia 22 de dezembro e, por volta das 5h30 da manhã, já estava atrás de um jet para nos rebocar. Depois de arrumar um emprestado com a Shawn Alladio, voltei para o hotel e acordei os caras. Quando eram umas 7 horas nós estávamos checando o pico. Foi aí que tivemos a certeza de que as ondas estavam enormes. Ninguém acreditava no que estava vendo. De cara deu pra notar que aquele era o maior mar que a gente já tinha visto em Mavericks. Tinha fácil uns 35 pés. De manhã cedo o sol estava brilhando, e um terral fraco fazia com que as ondas ficassem ainda mais difíceis. Ou seja, as condições estavam perfeitas! Enquanto isso, uns 10 jets já estavam na água. Apenas um surfista tentava surfar remando, mas acabou vacando numa onda, quebrando sua prancha ao meio. Estava impossível entrar remando nas ondas. Como o Danilo não tinha muita experiência em pilotar jet, eu comecei, puxando o Rodrigo para dentro das maiores ondas que ele já surfou. Os fotógrafos no canal fizeram altas fotos. Rodrigo pegou boas ondas e, ao final de cada uma delas, saía gritando. Segundo ele, aquelas eram as maiores que ele já tinha pego na vida. Depois foi a vez de ele me puxar. Na minha melhor onda, infelizmente, o Rodrigo me colocou muito atrás, e terminei não conseguindo passá-la. Na seqüência, acabei tomando a série toda na cabeça. Três ondas de vinte pés. Fui salvo pelo jet ski quando já estava quase em cima das pedras. Demoramos um tempão para achar a minha prancha. Quando conseguimos voltar para o outside, o sol tinha desaparecido e o vento havia entrado. De qualquer maneira, acabei pegando as duas maiores ondas da minha vida. Depois foi a minha vez de rebocar o Danilo para dentro de ondas, sem dúvida, inesquecíveis para ele. Resumindo: foi o maior mar da nossa vida. Aquela acabou sendo uma manhã muito desgastante. Depois que a gente saiu da água, fomos comer e descansar um pouco. Os caras não queriam cair no final de tarde, mas eu disse que outro mar como aquele seria difícil de rolar. Foi o suficiente para convencê-los a voltar pra água. Acabamos pegando ondas monstruosas e fazendo um fim de tarde alucinante. Para mim, o dia 22 de dezembro vai ficar marcado como o maior mar que já peguei em toda a vida."

POR: ERALDO GUEIROS

"Nós fomos para Jaws um pouco antes do dia 25 de dezembro. Nossa viagem para Maui, onde fica localizada a onda de Jaws, tinha como objetivo principal participar do primeiro campeonato mundial de "tow in". Chegamos em Maui no dia 18, já que um swell de 15 a 20 pés estava previsto para quebrar. O swell acabou chegando com muito vento, mais de 25 nós, e o campeonato não rolou. Entretanto, os organizadores disseram para nós ficarmos em Maui, pois um outro swell estava sendo esperado, e o campeonato poderia ser realizado a qualquer momento. Finalmente, no dia 25 de dezembro, o evento acabou acontecendo. No dia do campeonato, a bóia marcava 20 pés/20 segundos. A direção do swell, norte - oeste, era boa para Jaws, e o vento estava fraco, com 10 - 15 nós. Ou seja, as condições estavam clássicas. Melhor que isso, só se o swell estivesse um pouco maior e mais consistente. De 0 a 10, eu diria que a média foi 8. O mar estava grande, com 20-25 pés, liso, perfeito, clean e, a água, azul. Show! Uma pequena multidão acompanhava o campeonato de cima do penhasco, enquanto uns 12 jet skis se movimentavam dentro d'água. Eu, o Edson e o Silvio Mancusi nos revezávamos dentro d'água. Nós tínhamos dois jets. Enquanto um ficava no canal, o outro era usado para rebocar um de nós para dentro das ondas. Eu já havia usado uma prancha 7'2", shapeada pelo Beto Santos, no swell anterior. O modelo foi baseado numa prancha do John Carper que o Peter Mel usou num dia de 40 pés em Mavericks. Inicialmente, pensei que a prancha fosse funcionar bem, mas para Jaws ela era muito leve. Por causa do vento, e também porque a onda de Jaws tem muita velocidade, tive dificuldades em descer as ondas. Decidi pegar uma prancha emprestada do Romeu Bruno, uma 7'4", mais pesada e com 2 quilhas retas. Foi com essa prancha que peguei onda no dia 25. Era uma prancha razoável, porém um pouco grande, talvez muito larga de bico. E o lance das duas quilhas, para mim que não sou wind surfista, deixou-me inseguro porque não tem aquele pivô; então meio que você vai querer cavar e enfiar aquela terceira quilha; a prancha fica meio assim, mas não derrapa. É estranho. Laid Hamilton sempre pega as maiores ondas e nesse dia não foi diferente. Ninguém vem do pico como o Laird. O pico é praticamente igual a um Sunset gigante, porque tem o pico de norte lá atrás, tem o pico de oeste e tem o inside bowl. Jaws é muito perigoso na zona de impacto e ninguém quer ficar caindo nesse lugar; então, é por isso que a maioria das pessoas dropa no pico de oeste ou no inside, para ficar o mais próximo possível do canal. Se você cair lá atrás, até para te resgatar fica difícil. Em Jaws é relativamente raso para o tamanho da onda, por isso a zona de impacto é porrada, você vai ser cuspidos se cair ali atrás. Então, você só vê o Laird vindo lá de trás, porque fora a coragem, tem que ter a manha de puxar. Não é fácil você vir lá de trás numa onda de 25, 30 pés, a onda já formando e pilotar o jet ski, porque - eu achei- isso em Jaws é tão difícil quanto surfar, por causa do tamanho da onda, da velocidade. Em Jaws, uma vez que você vê a onda, que você vira para a beira, tem que acelerar o tempo inteiro; não tem essa de ficar esperando, pois ela vem comendo atrás. É uma onda linda, perfeita. Outro lance difícil na hora de pilotar é que, uma vez que você bota o cara na onda e está ventando - e normalmente está ventando -, o véu é tão grande atrás da onda, que você só vai conseguir enxergar o surfista, se você correr muito e passar a onda, chegar no canal e olhar; ou quase lá na beira, no final da onda. Eu pilotei todo tipo de jet lá, o Yamaha 750, o Yamaha 1200 que é o melhor, o Xcell 1200, e o Wave Runner 750, que também é muito bom. É uma máquina pequena, mas tem um bom casco e surfa bem a onda. Pilotei ainda os Kawasaki, que são bem difíceis, porque foram feitos para corrida, tem muito peso no bico e não fura a espuma tão bem; fica querendo entrar de bico."



Foto: Patrick McFeeley / Revista Fluir

Eraldo Gueiros

Data: 25/12/2000

Local: Jaws, Maui, Hawaii

Tamanho: 20-25 pés. swell de norte - oeste,

POR: GARRET MACNAMARA

A manhã estava linda e ensolarada no dia de Natal e a bóia marcava 20 pés/20 segundos, o que significava ondas com mais de vinte pés. Fui para o porto de Haleiwa, onde Kelly Slater me esperava ao lado de Randy Lane, o melhor piloto de jet ski do North Shore. Lá também estavam dez outros jets com seus pilotos e surfistas se preparando para mais um dia de batalha. Fomos todos para o pico conhecido como Avalanche, onde as ondas tinham pelo menos uns 20 pés. A primeira onda que peguei foi a maior e a melhor do dia. O Sean Davey estava sobrevoando o North Shore de helicóptero e tirou uma foto na qual minha onda parece ter uns 60 pés. Eu procurava surfar com segurança porque ainda estava me recuperando de uma fratura na costela. Na minha segunda onda, dei uma virada forte na Base, antes de completar dois "snaps" seguidos no lip. Depois disso eu estava amarradão. De cabeça feita. Acabei caindo na minha terceira onda e sendo amassado por ela. Kelly teve que me resgatar. Quando ele apareceu na zona de impacto, pulei na parte de trás do Jet, onde já estava o Kalani Foster. Com nós três a bordo, o Jet ficou pesado e lento demais. Foi nesse momento que uma montanha de água branca, com uns 20 pés de altura, parecia querer nos engolir. Abandonei o Jet para que ele ficasse mais leve e tivesse velocidade suficiente para sair do caminho daquele monstro. Faltou pouco para que a onda acabasse com nosso dia. Na seqüência, preocupados comigo, Kelly e Kalani voltaram o mais rápido possível para me resgatar. Sem problemas!!! Gosto de tomar uns caldos de vez em quando. É uma boa maneira de se preparar para enfrentar momentos mais cavernosos. Em seguida foi a vez de Kelly ser puxado. Slater preferiu aproveitar a sua primeira onda para se acostumar com a prancha e também com a onda. Um tempinho depois ele começou a arriscar algumas manobras e a surfar como se as ondas tivessem apenas 4 pés. De Avalanche nós tínhamos avistado tubos perfeitos rolando em Puena Point. Fomos para lá e eu disse ao Kelly: Go!! Ele disse: No!! Slater não queria arriscar muito. Preferiu observar primeiro o que estava acontecendo, antes de se jogar. Mas eu decidi arriscar a sorte naquelas ondas. Confesso que fiquei um pouco com medo no começo, principalmente porque eu sabia que estava surfando numa área conhecida pela presença de tubarões e por ondas grandes, tubulares e inexploradas. Minha primeira onda foi crescendo, crescendo, enquanto eu continuava dropando, sem saber ao certo o que iria acontecer depois. Eu estava pronto para tudo, mas sabia que se aquela onda me pegasse, provavelmente eu seria jogado contra as pedras. Minha onda seguinte formou um pico perfeito. Dei uma atrasada e, na seqüência, joguei pra dentro do tubo. Nesse momento, o Kalani viu um tubarão enorme bem ao meu lado. Kelly e Kalani ficaram assustados e disseram que a nossa brincadeira estava ficando perigosa demais. Depois disso, decidimos checar as ondas em "Himalaias". Reboquei o Kalani para dentro de uma "morra", que contava fácil com uns 20 pés. Ao sair dela, ele me disse: "Foi a onda da minha vida, mas vou parar por aqui e ficar olhando do canal". Em seguida, reboquei o Kelly para dentro de várias ondas. Dava pra notar que ele estava adorando. Tudo que eu dizia era "Feliz Natal, Kelly". Slater queria dar um presente de Natal para Rob Machado e Ross Williams e resolveu ligar para eles do celular. Pouco tempo depois, os dois apareceram na praia e nós fomos pegá-los para dar uma volta. Inicialmente eu coloquei o Ross numas ondas pequenas, que o deixaram com um sorriso de orelha a orelha. Desejei-lhe um Feliz Natal, antes de rebocá-lo para o interior de mais algumas ondas. Rob Machado foi obrigado a surfar de base trocada, já que as alças da nossa prancha estavam posicionadas para surfistas que usam o pé esquerdo na frente. Por isso, tive que afrouxá-las e torcer para que ele conseguisse se adaptar. Sua primeira onda tinha uns 15 pés. Do jet deu pra ver que ele estava sorrindo enquanto surfava. Apesar do sorriso, as alças estavam incomodando e acabaram lhe causando um machucado no pé. Nossa sessão chegou ao fim quando o sol estava quase se pondo. No caminho de volta para o porto de Haleiwa, fui ouvindo os agradecimentos pelo presente de Natal, enquanto aproveitava para curtir os últimos momentos de mais um dia de ondas grandes no Hawaii.

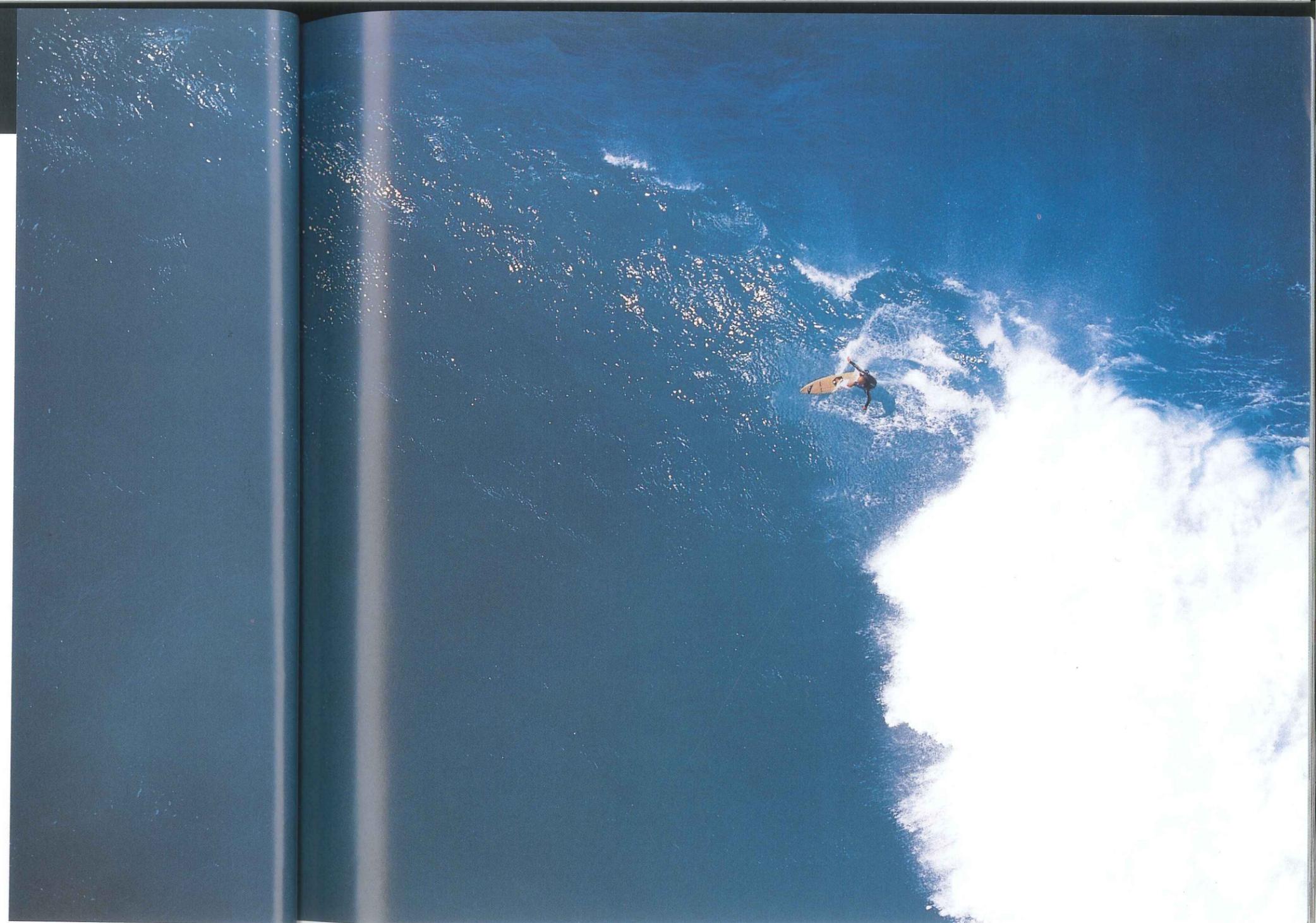


Foto: Sean Davey

Kelly Slater

Data: 25/12/2000

Local: North Shore, Oahu, Hawaii

Tamanho: mais de 20 pés

POR: ROMULO FONSECA

"Foi o maior dia de inverno no Hawaii. Na noite do dia 16 de janeiro, a bóia chegou a 23 pés/20 segundos. Este ano o Eddie Aikau era para ter um formato diferente. Inicialmente, estava prevista a realização de uma triagem, durante o primeiro swell com mais de 15 pés. A idéia era dar uma oportunidade para todos os alternates. Só depois da triagem, no primeiro swell com mais de 20 pés, é que o campeonato deveria ser realizado. No dia 17, o mar já estava bem grande pela manhã. As maiores séries tinham uns 20 pés sólidos. Acredito que o pico do swell tenha sido durante a madrugada. Cheguei em Waimea por volta das 7 horas. Já estava claro e havia umas 8 ou 10 pessoas na água. Quando eu estava entrando no mar, quebrou uma série que fechou a baía. Foram quatro ondas muito grandes, que deram para sentir a pressão. A correnteza estava muito forte, jogando para o canto esquerdo de Waimea. Para variar, o quebra-coco estava animal! Quando cheguei lá fora, a maioria dos surfistas que encontrei no pico eram brasileiros: Rodrigo Resende, Calunga, Danilo Couto e o Biro eram alguns deles. Ninguém ainda sabia se o campeonato iria rolar ou não, mas nossa sessão de free surf acabou tendo que ser rápida. Mesmo assim, o Calunga conseguiu pegar duas ondas bem grandes, que devem concorrer ao Big Trip deste ano. O campeonato começou por volta das 9 horas. As ondas estavam excelentes, com séries de 20 pés e pouco vento. Isso geralmente torna as condições na baía bastante difíceis. Um detalhe me chamou a atenção: a maioria das ondas surfadas no campeonato foram completadas, o que normalmente é raro de acontecer. Tive oportunidade de assistir a quase todas as versões do Eddie Aikau nesses últimos 12 anos e poucas vezes vi tantos drops serem completados. Sem dúvida nenhuma, as condições estavam ótimas para a realização do evento. Normalmente o Eddie Aikau conta com vacas espetaculares e um ou outro surfista se machuca. Desta vez, o único acidente do dia aconteceu com o havaiano Brian Kealuana, que saiu da água com o tímpano perfurado. Este ano, surfistas como Shane Dorian estavam procurando os tubos, provando que o surf de ondas grandes na baía está entrando numa nova fase. Até pouco tempo atrás era difícil ver alguém tentando entubar em Waimea. No final das contas, o grande destaque foi mesmo Ross Clark Jones, que ganhou o campeonato de uma forma relativamente fácil. Ross pegou uma onda gigante logo no primeiro round e marcou 92 pontos, o que lhe garantiu a liderança desde o início da disputa. A exemplo dos anos anteriores, o Eddie Aikau foi realizado em dois rounds distintos. Só depois disso é que foram computadas as quatro melhores ondas de cada competidor. O Ross acabou pegando três ondas boas ainda no primeiro round. A maré encheu na parte da tarde e o mar ficou mais inconsistente, com longas esperas entre as séries durante o segundo round. Por causa disso, algumas baterias disputadas à tarde contaram com poucas ondas. Sem dúvida, esse foi um dos maiores dias do inverno. Infelizmente o Carlos Burle, primeiro e único brasileiro convidado para correr o Eddie Aikau, não apareceu para pegar sua camiseta de competição. Ele ligou pra minha casa de manhã, bem cedo, avisando que estava no Brasil e que não ia poder competir porque estava machucado. Antes da primeira bateria entrar na água, nós, brasileiros, ainda tentamos fazer uma pressão em cima dos organizadores para ter pelo menos um 'brazuca' no campeonato, no caso o Rodrigo Resende. Mas o George Downing, diretor de prova, não atendeu aos nossos pedidos. Ele explicou que era obrigado a obedecer à lista de alternates, mas que, no ano que vem, iria convidar mais brasileiros para ficar entre os alternates.



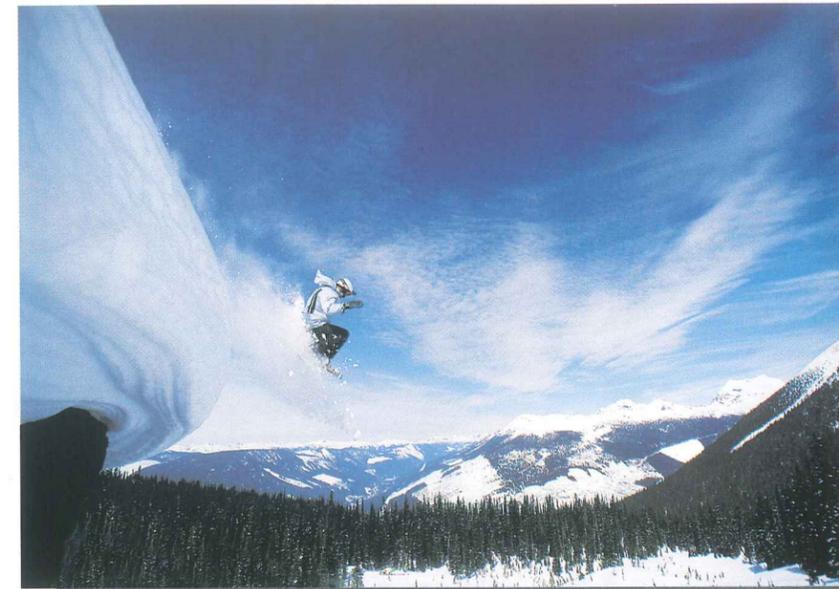
Foto: Sean Davey

Ross Clark Jones

Data: 17/01/2001

Local: Waimea, Oahu, Hawaii

Tamanho: 20 pés sólidos



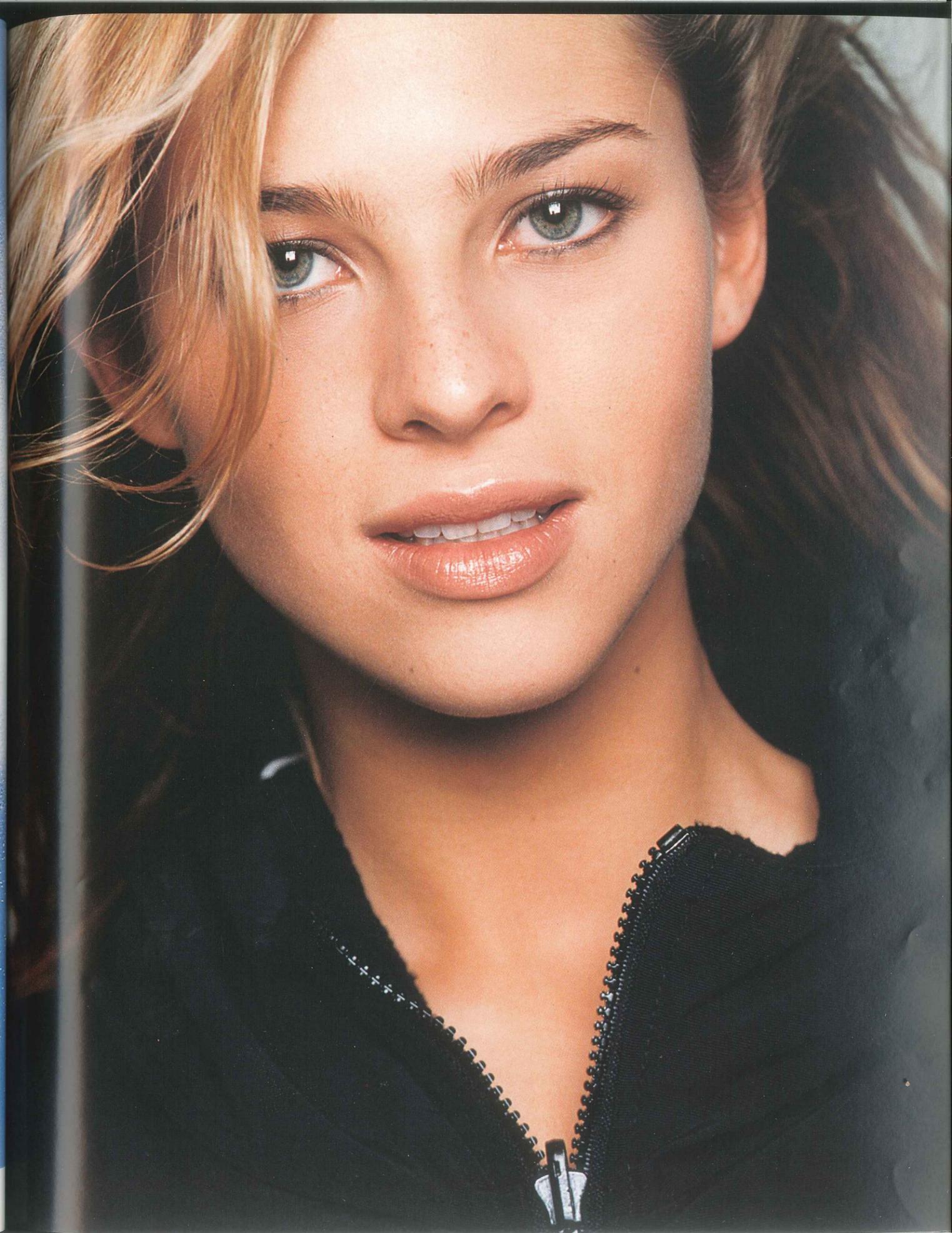
Inverno

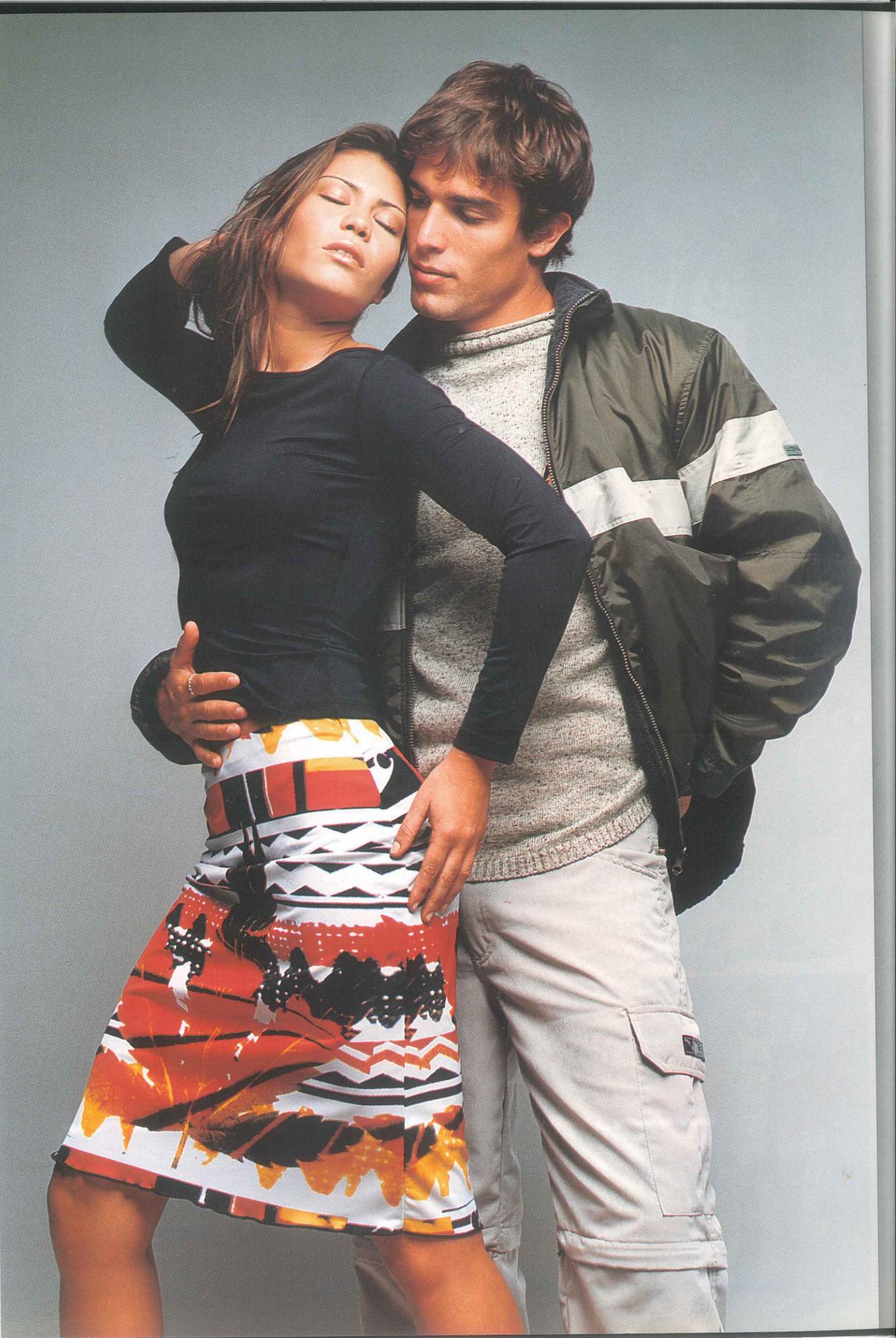
M O D A

FOTOS JAIRO GOLDFLUS

FOTOS DE SNOWBOARD: TIM MCKENA/ARQUIVO OXBOW. LAIRD HAMILTON, OSKAR NORBERG, JEAN- MARIE DEVOUX E BRICE LEGUENNEC NA MONTANHA CAUSCASIUS, LOCALIZADA NA RÚSSIA, CONSIDERADA A EXPERIÊNCIA MÁXIMA PARA UM SNOWBOARDER. A MONTANHA TEM 5.672 m DE ALTURA E SE ESTENDE POR 1.450 KM DE TERRENO SELVAGEM. A ÚNICA MANEIRA DE SE CHEGAR AO TOPO DE CALCASIUS É A BORDO DE UM HELICÓPTERO DE ALTA PERFORMANCE.







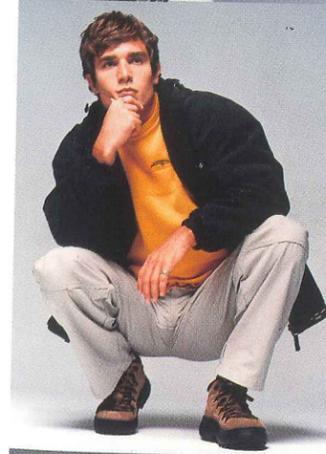
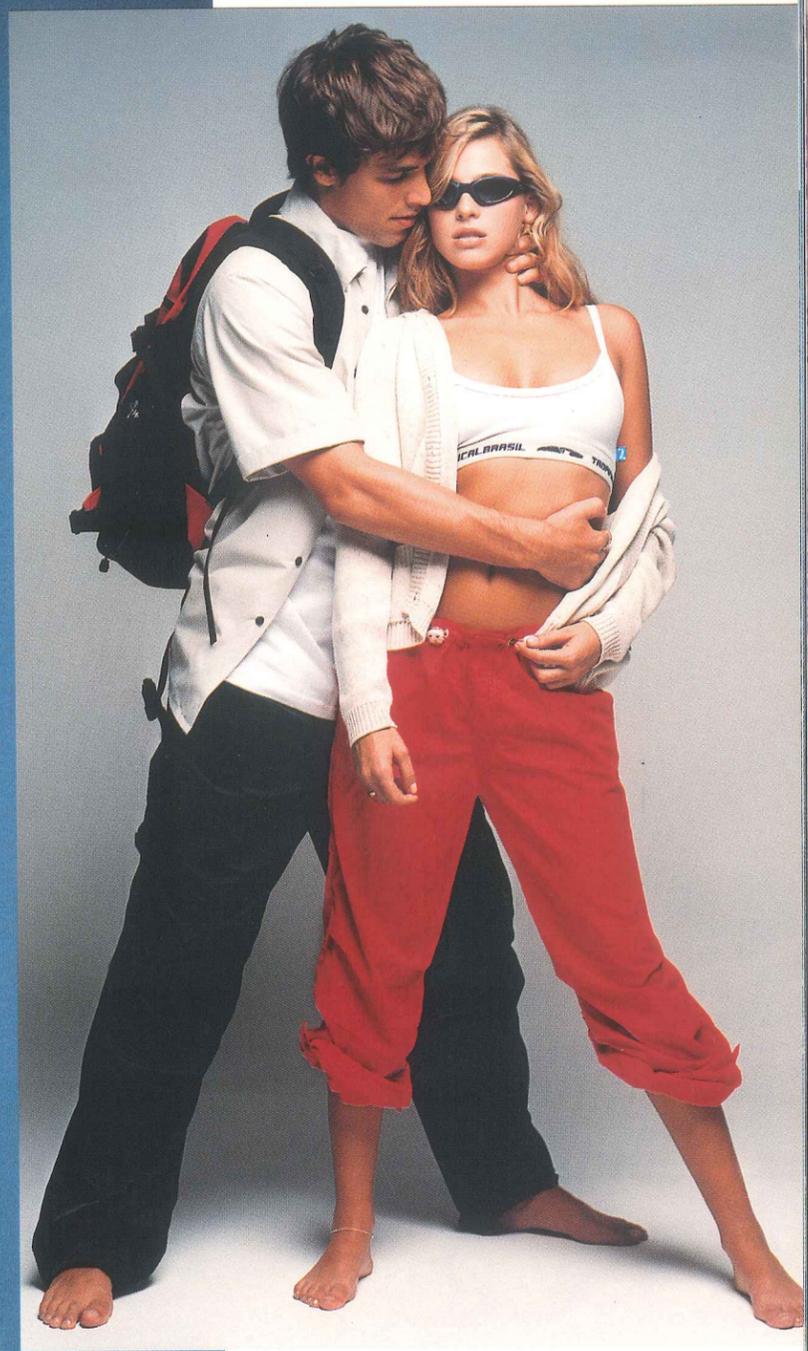


FOTO 1- Jaqueta de neoprene Tropical Brasil, biquini Sexy Machine, óculos Oakley.

FOTO 2- Casaco amarelo Dream Girl, saia 775, óculos Oakley.

FOTO 3- Casaco branco Onbongo, malha Hang Loose, saia Dream Girl.

FOTO 4- Casaco preto Osklen.

FOTO 5- Saia Osklen, blusa preta Dream Girl.
Ele: Casaco e calça Tropical Brasil, malha Lightning Bolt.

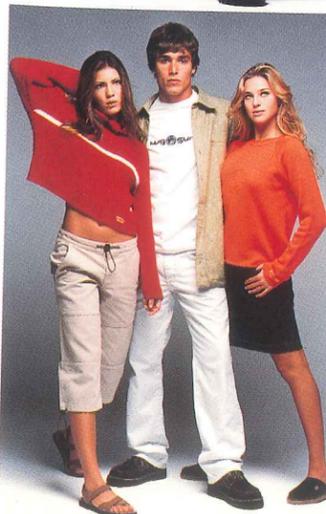
FOTO 6- Roupas Mormaia, prancha ...Lost, protetor de bico Astro Deck.

FOTO 7- Casaco preto Osklen, malha mostarda Tropical Brasil,
calça Hawaiian Dreams, Sapato Lui Lui.

FOTO 8- Da esquerda para a direita:
Malha vermelha e calça Tropical Brasil, sandália Goofy Girls,
Camisa Hang Loose, camiseta WG Surf, calça 775, sapato Lui Lui,
Malha laranja Hang Loose, saia 775, sapato Cannon Shoes.

FOTO 9- Casaco Oxbow.

FOTO 10- Calça preta Stanley, camiseta Local Motion,
camisa Billabong, mochila Oxbow.
Ela: casaco Huihine, calça Osklen, top Tropical Brasil, óculos Spy.



Moda:
Foto: Jairo Goldflus
Assistente: Franco
Direção de arte: Fernando Mesquita
Produção: Patrícia Barros e Maria Andreatta
Make up/ hair: Alexandre Campos/ Angel Agent

Modelos:
Michelle Birkheuer/ Mega
Alexandre Pires/ Ford
Andréa Oliveira/ Marilyn

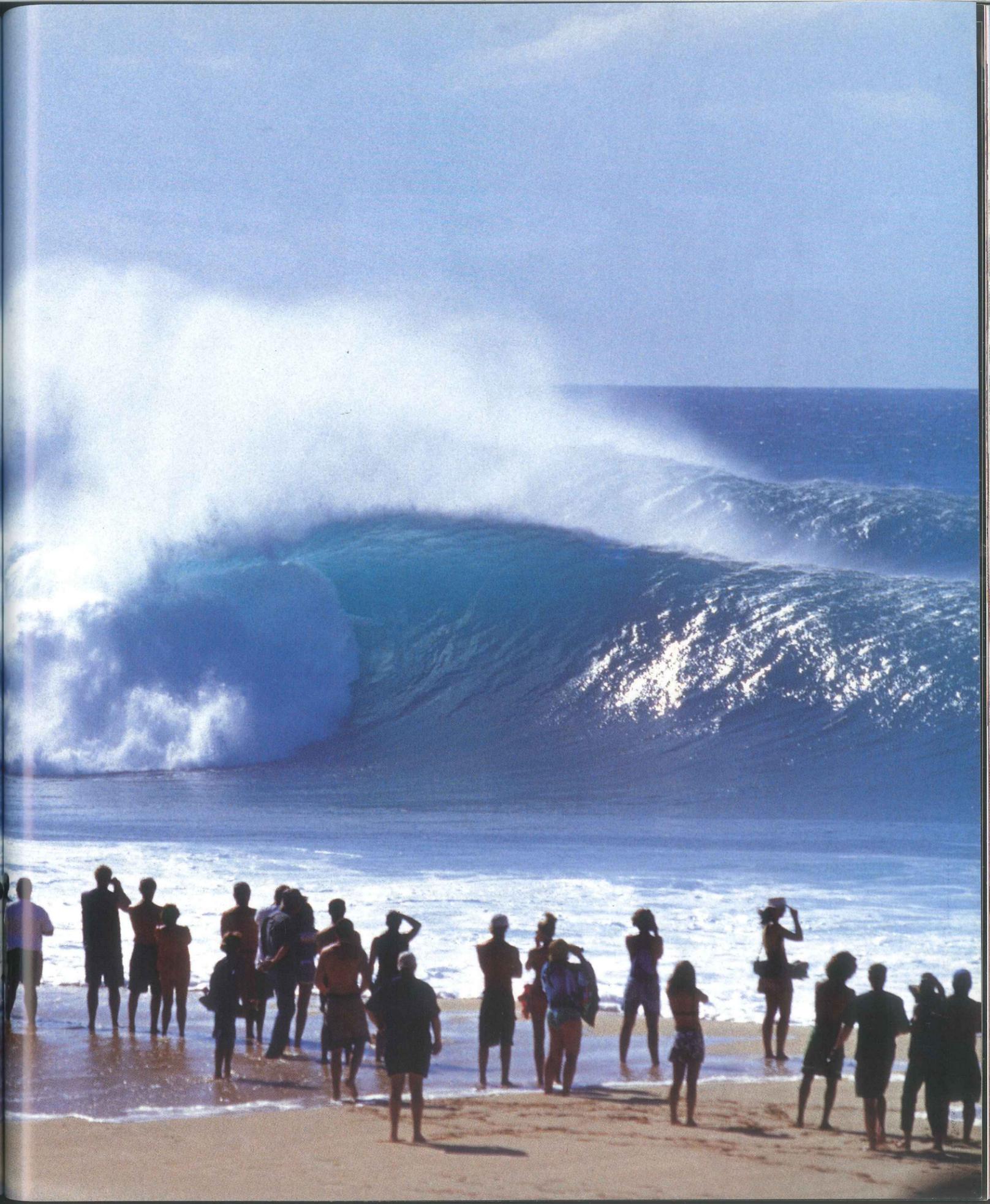
P O R T F Ó L I O



O australiano Sean Davey é considerado um dos melhores fotógrafos de surf do mundo. Seu trabalho tem como característica um estilo próprio na hora de usar a luz ambiente e sua perfeita sintonia com o oceano. Dentro ou fora d'água. Na superfície ou abaixo dela. Sean é um dos principais colaboradores da ALMA SURF e com certeza você vai se emocionar com as páginas seguintes...







www.taiusurf.com.br

TAIU



Forever win



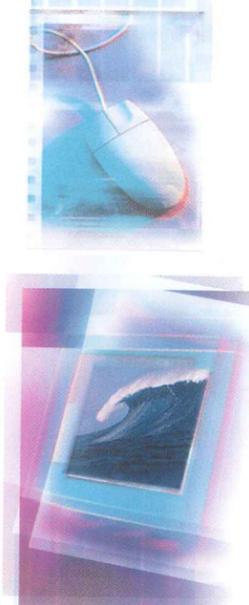
TAIU

www.taiusurf.com.br
O mini portal do surf

www.taiubazar.com.br
Artigos Bad Boy, Sexy Machine, No Fear, Dog Patrol
Vendas on line ou pelos telefones:
(0xx13) 3355-4272 ou 9719-0617, 24 hs. - Taiu

www.surfersmovingforward.com.br
O movimento dos surfistas brasileiros marchando para frente

www.almaguerreira.com.br
site do livro do Taiu



SPY



ADOS QUE BUSCAM A JUSTIÇA, ENCONTRARÃO A VITÓRIA

CARLOS BURLE

Durante muito tempo, os brasileiros alimentaram a esperança de ver um de nossos surfistas participando do mais importante e tradicional campeonato de ondas grandes do mundo, o "Quiksilver in Memory of Eddie Aikau". Nos últimos anos, algumas das figuras mais importantes e influentes do surf brasileiro pressionaram os organizadores do Eddie Aikau e o patrocinador do evento, a Quiksilver, para que um "brazuca" fizesse parte da seleta lista de convidados. Depois de muitas tentativas fracassadas, os organizadores finalmente se renderam à realidade, e o pernambucano Carlos Burle foi convocado para correr o campeonato. Infelizmente, alegando uma contusão na coluna cervical, Burle não pôde competir em Waimea e acabou frustrando a comunidade brasileira, que estava torcendo pelo seu sucesso no "Eddie Aikau".

ROSALDO: Onde você estava no dia do Eddie Aikau?

BURLE: Eu estava no Brasil, tratando de uma contusão. Inicialmente, minha médica diagnosticou uma contusão no meu ombro. Ela disse que eu estava com uma tensão forte nas costas, mas que iria melhorar em pouco tempo. Iniciei o tratamento no ombro, mas depois fiquei sabendo que o problema estava localizado na coluna. Comecei a sentir as primeiras dores depois de ter surfado, durante muitas horas, naquele dia grandão (22 de dezembro) em Mavericks. Fiquei o dia inteiro fazendo tow in e na manhã seguinte eu estava quebrado.

ROSALDO: Então foi o tow in que te machucou?

BURLE: Acho que não. O vacilo foi eu ter feito aquele exercício todo e depois não ter parado, feito uma massagem, me alongando.

ROSALDO: Você se lembra do momento exato da contusão?

BURLE: Lembro que tomei uma vaca numa de minhas ondas e, na hora, senti que havia me machucado. O mar tinha uns 20 pés e eu estava há dias surfando sem parar. Tinha caído em Waimea nos dois dias anteriores e na sequência em Mavericks. Foi uma semana intensa, e o meu corpo acabou não suportando a pressão. Eu estava com os músculos das costas tensos e por isso decidi voltar para o Brasil para me tratar. A médica garantiu que eu ficaria bom, rápido, e que, inclusive, poderia ir para Noronha disputar o campeonato de tubos da Red Bull. Quando cheguei em Noronha, senti que não estava melhorando. Muito pelo contrário. A dor aumentava cada vez mais. Minha mão estava formigando, e o meu ombro, todo inflamado. Liguei imediatamente para a médica e contei o que estava sentindo. Foi só então que ela diagnosticou um pinçamento na coluna e me receitou repouso. Foi exatamente nesse momento que o Eddie Aikau rolou. Eu tinha duas opções: ou ia pro Hawaii e competia sem condições físicas, ou parava para me tratar. Achei mais sensato dar uma parada.

ROSALDO: Não dava mesmo pra forçar uma barra e competir num evento tão importante como o Eddie Aikau?

BURLE: Até dava. Mas preferi não arriscar minha saúde e minha reputação, sem estar na minha melhor condição física. Principalmente em ondas de mais de 20 pés, num lugar tão perigoso como Waimea. Eu poderia ter ficado ali no rabo, pegando as menores, e dizer pra todo mundo que tinha sido



Pipeline, foto Kin Kimoto

o primeiro brasileiro a participar do Eddie Aikau. Entretanto, depois de refletir, achei melhor cuidar da minha saúde. Naquele momento, o Eddie Aikau não era a coisa mais importante para mim.

ROSALDO: Foi a primeira vez que um surfista brasileiro recebeu um convite para o Eddie Aikau. Depois de tantos anos na fila de espera, e tantas tentativas frustradas, você não acha que pegou mal a sua ausência?

BURLE: Acho que sim. Foi horrível. Pra mim foi péssimo.

ROSALDO: Muita gente comentou que você nunca deveria ter voltado ao Brasil para competir em Noronha. E que esta decisão acabou lhe custando caro.

BURLE: Se eu tivesse que fazer tudo de novo, não mudaria em nada. Para mim foi muito difícil tomar uma decisão dessas. Na hora pensei mais na minha saúde do que naquilo que as pessoas ou a imprensa iriam dizer. Sinceramente, não me arrependo de nada. O meu maior erro foi não ter percebido mais cedo que a contusão era na coluna e não no ombro. O que só fez piorar o meu problema. Eu deveria ter tratado a coluna, relaxando as costas durante os quinze dias que tive para me recuperar.

ROSALDO: Você acha que sua ausência no Eddie Aikau pode fazer com que os organizadores lhe excluam da lista no próximo ano?

BURLE: É possível. Acho que a mesma política que me colocou no evento, pode me tirar dele. Por outro lado, acredito que a minha carreira e o status que conquisei nestes últimos anos são suficientemente consistentes para que os organizadores do Eddie Aikau, e a imprensa em geral, entendam que o que se passou comigo foi pura fatalidade. Gostaria muito de ser convidado para o próximo ano, mas se não for possível, não vou ficar chateado. Sou consciente do meu potencial e do que posso fazer. Eu estava machucado e não me sentia preparado para arriscar a vida em Waimea.

ROSALDO: Muitas pessoas falaram que, por conta da sua ausência, o Rodrigo Rezende deveria entrar no seu lugar no próximo ano. O que você tem a dizer sobre isso?

BURLE: Acho ótimo. Eu queria mais era ver outros brasileiros convidados. Não só o Rodrigo, mas também o Eraldo, o Danilo. Eu não sou o único surfista brasileiro capaz de surfar bem em Waimea. Quanto mais gente representando o Brasil, melhor. Na verdade, os organizadores não querem reconhecer o valor dos brasileiros. Ouvi falar que eles estão até cogitando me tirar da lista de convidados por pressão dos havaianos, que querem ver mais surfistas do Hawaii entre os participantes. No fundo, a gente sabe que existe uma panelinha da qual os brasileiros não fazem parte. A consequência disso é que o "Eddie Aikau" acaba não sendo um evento realmente internacional.

ROSALDO: Por outro lado, você também foi convidado para participar do campeonato de Mavericks, enquanto o Rodrigo e o Danilo estão entre os alternates.

BURLE: Os caras que organizam o evento em Mavericks têm a cabeça mais aberta. Eles respeitam os brasileiros, principalmente aqueles que têm ido surfar em Mavericks nos dias grandes. Tanto é que o Rodrigo e o Danilo já receberam o devido reconhecimento. Nós três surfamos o maior swell de Mavericks no ano passado e mostramos pros caras o nosso valor e o nosso potencial como surfistas de ondas grandes. Posso até ficar fora do Eddie Aikau este ano, mas tenho certeza que vou ser mais uma vez convidado para competir em Mavericks. No final das contas, o que importa é que eu conquisei o meu espaço na comunidade internacional e não fui irresponsável a ponto de competir machucado em Waimea. Foi a maior frustração da minha vida, mas eu não podia ignorar minhas limitações físicas naquele momento.



Um Drink no Inferno

RED DEVIL
ENERGY DRINK

Vendas:
(11) 3871 1324

Surf Cômico

Por Taiu Bueno

A l m a s S u r f a n t e s

Muitos amigos surfistas já se foram e hoje eles dropam ondas cômicas, que nossas mentes carnais não conseguem ainda compreender. Os verdadeiros surfistas de Alma estão num estágio além... Outro dia me levantei de olhos fechados... peguei a minha gun, que fica pendurada na parede, e saí para surfar... A Viagem começou quando o elevador parou no décimo andar e o Paulo Tendas entrou com a sua prancha 6'0" colorida e com uma quilha pequenininha... Na rua, a caminho da praia, encontramos o Datinho com seu longboard no rack do carro... Ele estava indo surfar num pointbreak de direitas chamado Endless

Soul. Datinho me convidou para ir junto, mas preferi surfar as esquerdas de Heaven's

Paradise. As ondas não eram de água, as pranchas eram segmentos hidrodinâmicos naturais dos nossos corpos, e a energia vinha diretamente do nosso plexo solar...

As condições em "Heaven's Paradise" são sempre perfeitas. A sensação parece água

mineral, e as baforadas dos tubos carregam um forte cheiro de eucalipto. A brisa

oceânica exalava um perfume de mulher, daqueles que exalam das mais lindas gatas

do planeta Terra... Na água o crowd era intenso: Roberto Valério, Paulo Tendas,

Pepê Lopes, Datinho, Alemão do Tombo, André Pitzalis e Gustavo Aguiar gozavam

cosmicamente naquelas condições tão especiais... A vibração no line up era

show... Não existia mais aquela competição, muito menos ego trips ... A vibe era

positiva e todas as vibrações negativas haviam ficado no Planeta Terra...

Ali tudo fluía positivo... Sem ninguém tirando onda... Todo mundo fazendo

aquele surf Zen, just for fun, descomprometido, puro e de alma...

São essas vibrações que diferem os "soulsurfers" do resto do "pack"...

Aloha Taiu



REEF

STEAMP



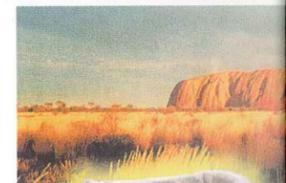
 **cannon**

THIS REAL SURF

VENDAS - TEL. 11 291-3993



ATLETA - BRUNO MOREIRA / FOTO - ALEXANDRE GENNARI



O MUNDO SEGUNDO RICARDO BOCÃO

Por: Patrícia Barros
Fotos: Gordinho

HAWAII

No Hawaii, o crowd é enorme durante a temporada, mesmo para quem está habituado a ir todo ano, e já tem o seu espaço garantido no pico, é difícil pegar onda nos melhores lugares. A opção é procurar lugares pouco famosos e menos concorridos. Quem vai pela primeira vez ao Hawaii tem que ter em mente que hoje em dia não tem mais essa de o cara parecer havaiano para não levar dura dos locais. Antigamente, as pessoas entravam na água preocupadas com quem tinha cara de Samoa, ou, a pele mais escura, mas isto mudou bastante nos últimos anos. A cultura havaiana está cada vez menos presente no dia-a-dia das ilhas. A quantidade de americanos que foi morar no Hawaii é muito grande e, nos últimos 10, 15 anos, por mais que se tenha tentado preservar um ou outro aspecto cultural, os americanos tomaram conta de tudo. Ocorreu uma espécie de "pasteurização" dos costumes havaianos. A língua oficial é o Inglês. Fica cada vez mais difícil manter viva a língua havaiana e, assim, perpetuar as tradições locais. Com exceção das ilhas menores e menos importantes, como Maui, Lanai e Molokai, que conseguiram manter suas raízes culturais, o resto do arquipélago está cada dia mais americanizado. Acho que existem certas coisas que são básicas em qualquer lugar do mundo, mas no Hawaii elas são ainda mais importantes. Uma delas é não falar alto dentro d'água, principalmente quando não estiver entre amigos. Outra dica que deve ser levada em consideração é a de procurar ser o mais discreto possível e se tocar que free surf é diversão, e não competição. Tem que deixar os outros surfistas também pegarem onda. Isso é regra básica em qualquer lugar do mundo, principalmente no Hawaii.

INDONÉSIA

É um lugar que eu gosto muito. Hoje em dia, infelizmente, a situação política não está muito boa e uma viagem pra lá deve ser cercada de cuidados. Alguns lugares que eu sempre quis conhecer, como o sul da ilha de Lombok, estão cada vez mais perigosos. De qualquer maneira, a Indonésia continua sendo um lugar maneiríssimo. É bom obter algumas informações com alguém que tenha estado lá nos últimos tempos, antes de decidir seu roteiro. A Indonésia tem locais muito bonitos, onde quebram ondas perfeitas. Existe todo tipo de hotel e pousada, desde os mais baratos até os 5 estrelas. Ainda é um destino barato para se viajar, principalmente se comparado a outros lugares do mundo.



Hawaii

Mas não é mais aquela festa que foi há 15 anos. Em Bali, você encontra ótimas ofertas de preços, porque é uma ilha voltada para o turismo. É possível alugar um carro barato, algo muito importante para quem quer correr atrás das melhores ondas da ilha. A água do mar é quente e o clima, tropical. Faz calor o ano inteiro. As ondas não são tão fortes como as havaianas, mas também quebram sobre rasas e afiadas bancadas de coral. Mesmo sem ter o "power" havaiano, qualquer surfista, de primeira viagem ou não, tem que tomar cuidado para não se machucar nos corais. É fundamental estar ligado nas variações da maré. A diferença entre pegar onda boa ou ruim vai depender da sua sintonia com as marés. São elas que ditam o ritmo do surf na Indonésia. Com uma tabela de maré na mão, você vai ter muito mais chances de estar no lugar e na hora certa. A comida em Bali é muito boa e você vai encontrar todo tipo de restaurante. Para quem gosta de decoração de interiores, ou de arquitetura, Bali é um dos melhores lugares do mundo para consumir esse tipo de coisa. Os balineses são muito habilidosos com as ferramentas e sabem trabalhar bem com os mais variados tipos de materiais: ferro, bambu, madeira, vidro, etc... Mas é bom prestar atenção para não comprar peças muito baratas, que, na maioria das vezes, são de má qualidade. É melhor pesquisar e comprar produtos um pouco mais caros, mas de boa qualidade. As estradas são bem pavimentadas e o visual é incrível!

Conta Universidade Nossa Caixa



A conta para o jovem de futuro.

A Conta Universidade Nossa Caixa foi criada para atender às necessidades dos universitários, oferecendo muitas facilidades, como Cartão Universidade, para você movimentar sua conta em qualquer agência da Nossa Caixa, pelo Net Banking, por telefone e, em todo o Brasil, através da RVA (Rede Verde-Amarela), com toda a comodidade. Procure hoje mesmo um gerente da Nossa Caixa e conheça todas as vantagens da Conta Universidade. Afinal, se você precisa de uma conta, é muito melhor que ela se pareça com você.

Banco Nossa Caixa S.A.

Nossa Caixa

O novo banco de São Paulo
www.nossacaixa.com.br





O MUNDO SEGUNDO

RICARDO BOCÃO

ESPANHA

Só tive oportunidade de visitar a região que fica perto da fronteira com a França, o "País Basco", que gostei muito de conhecer. O verão na Espanha é quente, as ondas são pequenas, mas de ótima qualidade. Existem muitos picos relativamente desconhecidos, principalmente pelos surfistas brasileiros. Se você olhar o mapa da Espanha, vai entender o que estou dizendo. A comida é excelente, e as praias são lindas. A temperatura é boa, principalmente durante o verão, e o povo, bastante hospitaleiro. Eles têm sangue quente como os brasileiros. Não é o lugar mais barato do mundo, mas, também, não é o mais caro. Com certeza, vale a pena conhecer. A Espanha, como a maioria dos demais países europeus, conta com uma boa infra-estrutura turística. Existem hotéis de todos os tipos, mas não espere encontrar nada barato. Dizem que a melhor época para o surf é entre setembro e outubro, quando começam a entrar os primeiros swells do outono, e ainda não está muito frio. As esquerdas de Mundaka estão entre as melhores ondas da Europa e são famosas pelos seus tubos, pela sua força e por sua perfeição.



Hawaii

ÁFRICA DO SUL

É o país africano com melhor estrutura de serviços. Parece até que você está no primeiro mundo. As estradas são bem pavimentadas e o visual é incrível! Quebram ondas boas tanto no oceano Atlântico como no Índico. O crowd não chega a ser problema, principalmente nos picos mais destacados. A costa sul-africana é muito grande, e a quantidade de ondas é muito maior do que o número de surfistas. Os sul-africanos são normalmente hospitaleiros e costumam tratar bem os seus visitantes. O maior problema para os surfistas são os tubarões. É bom ficar ligado neles e se informar antes de cair na água. Você não vai querer surfar no lugar e na hora errada. No inverno, é fundamental usar uma boa roupa de borracha para melhor proteção contra o frio. A maioria das ondas, como Jeffrey's Bay por exemplo, quebram sobre um fundo de pedra, mas você também vai encontrar fundos de areia e muitas saídas de rio. É preciso ter muita atenção nas saídas de rio, porque os tubarões costumam freqüentar estes lugares. Existem ondas grandes na África do Sul, principalmente em Cape Town, mas na maior parte do litoral sul-africano você vai encontrar ondas pequenas e médias. Uma boa dica é experimentar os vinhos locais. Eles são muito saborosos e estão fazendo cada vez mais sucesso em volta do mundo.

PERU

Faz 28 anos que eu não volto ao Peru. Mas a lembrança que tenho do país ainda está muito viva na minha memória. Naquela época, Punta Hermosa já era o centro do surf peruano, mas a estrutura local deixava muito a desejar. Na verdade, era tudo muito rudimentar. Havia umas pousadinhas horríveis, se é que podíamos chamar aquilo de pousada, nem um pouco confortáveis. As pessoas iam chegando e se ajeitando da melhor maneira possível. Eu fiquei hospedado numa casa que nem água tinha. Nós usávamos um banheiro entupido, onde não havia água nem mesmo para dar a descarga. Em Punta Hermosa você vai encontrar mais de 10 picos diferentes, um ao lado do outro. A maioria deles com fundo de pedra e ondas de ótima qualidade. O Peru conta com três coisas que considero importantes para o surfista brasileiro: fica perto do Brasil, é uma viagem barata e as ondas são muito boas e relativamente fáceis. Tem um litoral extenso, onde quebram ondas praticamente o ano inteiro. A comida é baseada no peixe e o prato mais tradicional é o ceviche. Uma espécie de peixe cru, curtido no limão. Os surfistas peruanos já foram os melhores da América do Sul, mas atualmente o surf brasileiro está muito mais evoluído e profissional. Basta notar que não tem nenhum peruano se destacando no circuito mundial.

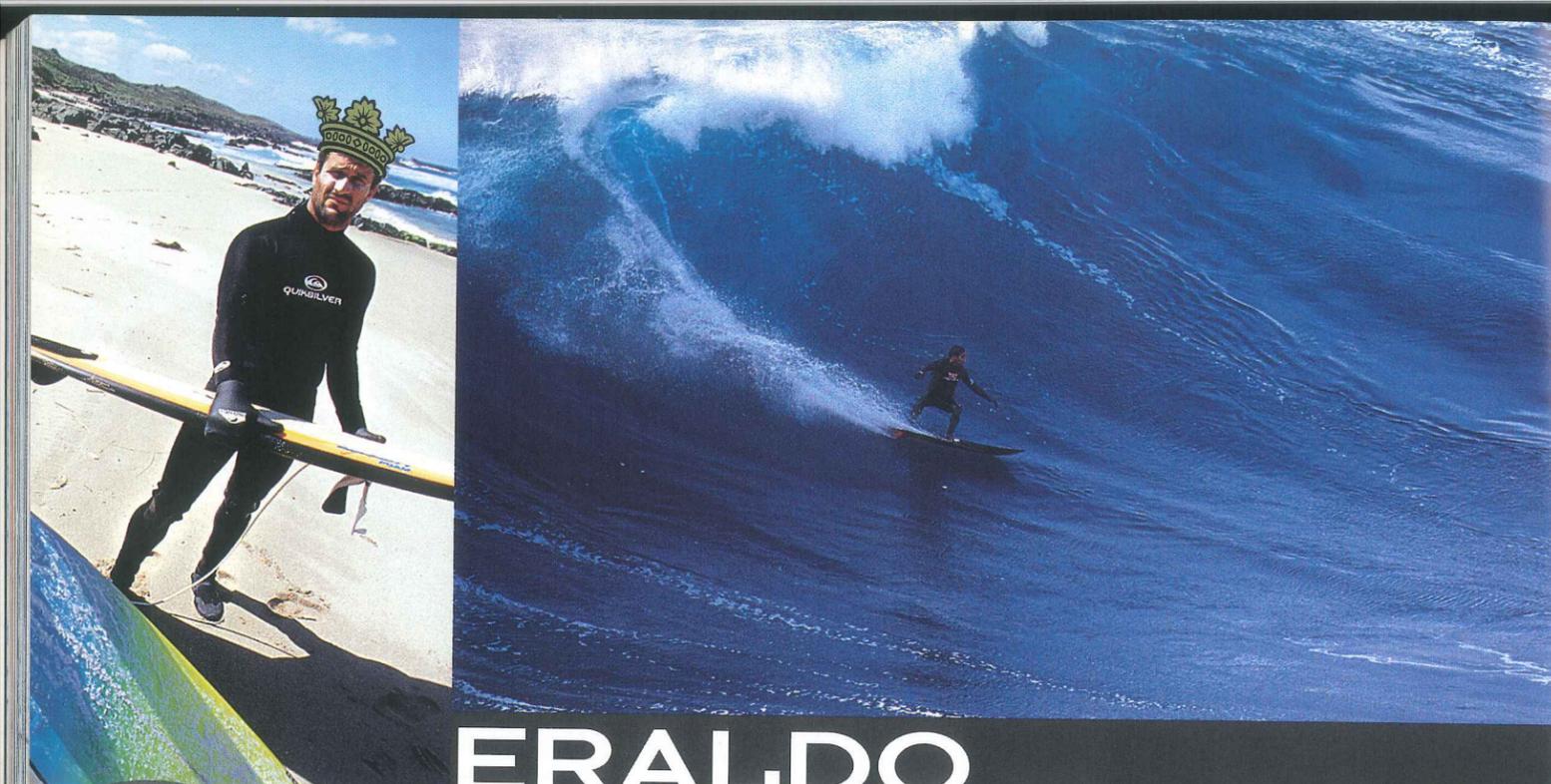
THE IRONY OF SWATCH



SURF REPORT LOOKS GOOD

swatch
IRON

MUNDO



Fotos Tin Mc Kenna

ERALDO O GRANDE

O QUE VOCÊ FARIA SE DESCOBRISSE QUE TEM UM FÃ CLUBE GLS? LEIA O TROTE QUE A ALMA SURF PASSOU NO BIG RIDER, RIA MUITO E SAIBA COMO O ERALDO GUEIROS SE SAIU DESSA!!!

Por Patrícia Barros e Guilherme Tremante

TROTE

Por favor, o Eraldo está?
Sou eu.

Oi, aqui quem está falando é o Pedrinho.
De onde?

Eu sou um fã seu.
Pode falar cara.

Eu também pego onda. Pego onda sempre em Maresias. Você conhece?
Conheço.

Eu te acho um grande surfista. Acompanho a sua carreira há alguns anos e tenho altas fotos suas no meu quarto. Ai, eu tive a idéia de montar seu fã-clube.
Legal!

Eu sou o presidente e fundador do seu fã-clube. A sede fica em São Paulo.
Fala sério!!! É mesmo?

É. E já temos uns 22 associados.
É mesmo?

Sério. Eu estou até agendando, com uma produtora da MTV, um encontro entre você e o seu fã-clube.
É mesmo? Pô, que legal!!!

Vamos ver se esse encontro rola no começo do mês que vem. A produtora adorou a idéia. Vai ser tudo televisionado. Eu estou adorando essa história.
Hã, hã.

Só que, antes do encontro, eu gostaria de te dizer que esse fã-clube é meio diferente.
Como assim?

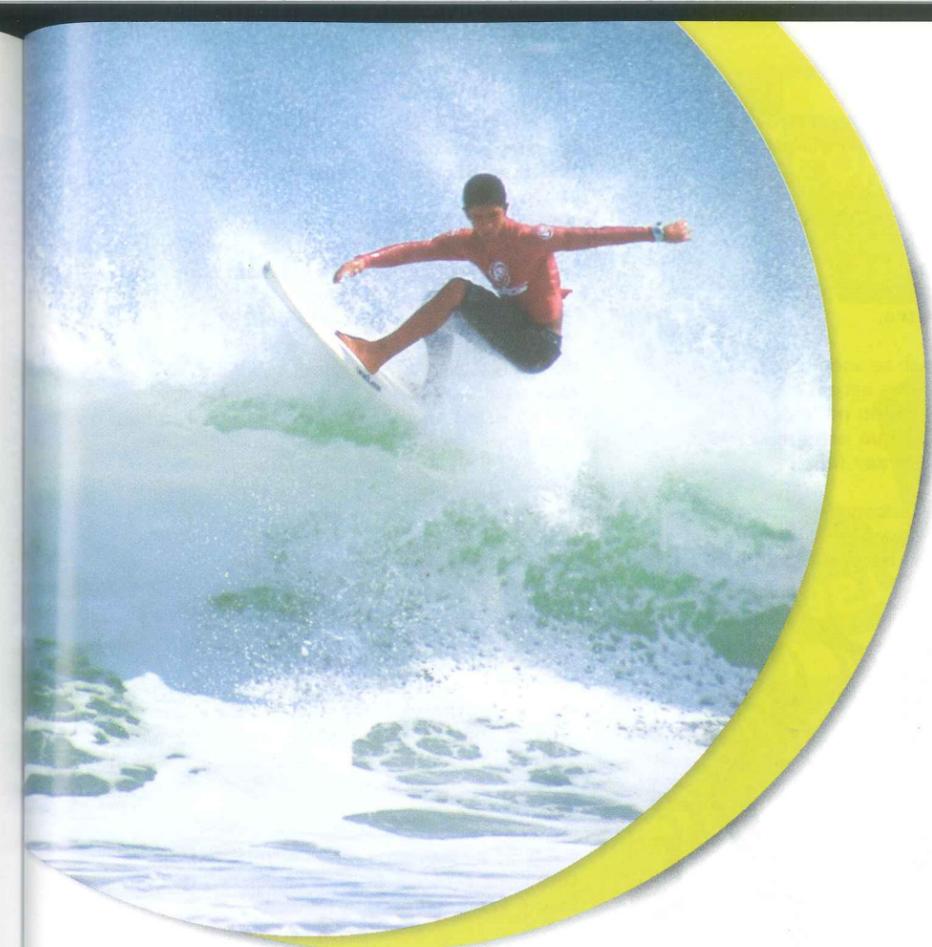
É um fã-clube GLS.
Caralho!!! o que é isso??? Que porra é essa, cara????!

Você tem algum preconceito?
Se eu tenho preconceito? Não. Cada um tem a sua opção, né?

Eu queria saber o que você acha da idéia do seu fã-clube? Se tem algum problema a gente ser meio diferente? O pessoal estava com medo de você ficar um pouco chateado.
Cada um curte a sua, brother!

Eu também acho. Inclusive, já arrumei muita briga na água por causa da cor da minha prancha. Os caras ficam encarnando só porque ela é rosa.
Prancha rosa??? Você também pega pesado, né?

Ah, mas eu acho que não tem nada a ver. Cada um faz o que quer. Eu estou amarradão na minha prancha rosa.
Lógico!!! Tudo bem, você pode estar amarradão, mas está dando motivo para tirarem onda com a sua cara.



Atleta - Bruno Moreira / Foto - Alexandre German



Vendas: 11 292-6934

Não me importo. Pego as minhas ondas e acho que não tem nada a ver a cor da minha prancha. Por quê, você não gosta de cor-de-rosa? **Calma. Fica tranqüilo.**

Você gostaria de encontrar com a gente? **Onde? Em São Paulo?**

Não sei. Pode ser no Rio. **É mesmo??**

Os garotinhos do fã-clube estão loucos pra te conhecer. **Sei.**

Ah! o seu fã-clube já tem até nome: "Eraldo, O Grande" **(Risos). Que papo é esse cara???? Que sacanagem!!!**

Gay também tem direito de pegar onda!! **Lógico!!!**

Acho que não tem nada a ver essa história de preconceito. Não faz diferença se o cara é gordo, preto, branco ou gay. **Bem, para mim não tem problema. Cada um faz o que quer.**

Você é um gato, viu? **O importante é ser feliz. Né, brother?**

Eu tenho altas fotos suas. Inclusive, quando você está se trocando, entre uma bateria e outra, tem sempre alguém do fã-clube de olho em você. **Aí já é sacanagem, hein?**

Então não pega nada a gente promover o televisoramento do encontro do fã-clube "Eraldo, O Grande", com seu muso inspirador? **"Eraldo o grande" ??? (Risos). Esse nome é foda!!! Mas não pega nada. O que eu posso fazer, né?**

Nós temos camisetas, bonés e adesivos do fã-clube. **Pô, que legal!!**

A camiseta é rosinha. Tudo bem por você? **Mas é pra você usar, né? Eu não vou usar nada disso. Camisetinha rosinha, nem pensar.**

Mas nós usamos. A camiseta é linda! Bem apertadinha, com uma foto sua dropando Waimea nas costas. **Putá merda!!! O que é isso?? Foto minha, numa camiseta rosinha, baby look? Putá merda!!**

Por quê? Você tá com medo de encontrar a galera do seu fã-clube? **Não, na boa. Vamos pegar umas ondas. Não tem problema nenhum!!**

Então, ótimo. Porque gay também tem direito de admirar o seu surf, de gostar do seu jeito de ser, assim bem grande!!! **Com certeza. Mas fica tranqüilo.**

Tem até umas meninas no fã-clube. Fala um pouco com a Mariana. **Tá bom.**

Oi Eraldo, eu sou a Mariana, tudo bem? **Tudo!**

O que você achou dessa história do seu fã-clube? **Ah, nada contra.**

Eu queria saber se você ficou um pouco chateado por eles serem gays. **Não. Eu não tenho nada contra. Cada um faz o que acha melhor. O importante é ser feliz!!**

Você vai topiar encontrar com eles? Os meninos estão super animados **(Risos). Se for na praia tudo bem!!**



Eu estou ajudando a organizar o encontro. Nós todos andamos juntos. Eu também sou surfista e homossexual. Algum problema com isso? **Tá.**

Eu estava até pensando em fazer uma promoção entre os nossos associados: quem ganhar, passa um dia com você!! **Um dia comigo??? Só se for para pegar onda. Se for para ficar andando por aí, estou fora!!!**

Mas qual é o problema? São seus fãs. **Problema nenhum. Mas só se for para pegar onda.**

E a promoção? **Se for para sair com uma galera grande eu até saio. Mas sair sozinho com alguém eu estou fora!!**

Você tem medo? **Não. Medo nenhum.**

Tem medo de gostar de algum deles? **Não. Com certeza não vou gostar.**

Então fala com o Pedrinho e marca com ele. **Tá bom.**

Oi Eraldo, eu vou ver se consigo organizar uma viagem para o Rio. Eu e o resto da galera do seu fã-clube. **Tá bom.**

Aí, nós vamos para a Prainha, à noite, para dançar num Luau. **Olha, eu não gosto muito de dançar.**

Ah, mas você é tão gatinho. Vê se arruma um jeito da gente sair à noite. **Pô, eu não saio para dançar nem com a minha mulher. Por que iria sair para dançar com você???**

Eu queria sair, tomar alguma coisa, dançar com você. **Eu não tenho nada contra gay, mas também não vou ficar dançando, né?**

Vai ser mais pela sua companhia. Você é muito gato e tem um corpão lindo. Você gosta de dançar música lenta? **Você está de sacanagem comigo!!!** **Aí eu já não vou gostar dessa história de fã-clube. Dançar colado com homem??? Que porra é essa????**

Ah, um abraço, um beijinho, umas fotos para colocar no mural do fã-clube. **Aí não!!!! Podemos pegar onda. Se a parada é surf, a gente vai lá e surfa, troca uma idéia sobre surf, tudo bem. Agora, dançar! Isso já não é coisa de fã-clube de surf. É outra parada!!**

O que eu posso fazer? Além de surfista você é muito lindo, gostoso. **Que papo é esse? Eu não sou porra nenhuma. Isso é invenção da sua cabeça.**

Não é não. Eu sou seu fã!!!! **Tudo bem. A gente pode até surfar junto. Tá bom? O resto já não é a minha praia.**

E se as meninas fossem no meu lugar? Você iria? **Fica mais fácil. Apesar de eu ser casado, e não querer nada com elas, não fica assim tão estranho me encontrar com as meninas.**

Mas eu também sou uma menina!! **Com certeza. Mas não é o tipo de menina que eu gosto.**

Eu vou entrar em contato com você de novo. Quero te dar um beijo, um abraço. **Isso você não vai fazer não. Posso te garantir. Mas tudo bem, eu respeito a sua opção.**

Mas você nem me conhece. E se você gostar de mim? **(Risos) Eu só gosto de homem para amizade mesmo!!! Para namoro??? Estou fora!!!** **Então deixa assim. Se você quiser pegar onda comigo, conversar sobre surf, me dá um toque que a gente vai.**

Só em falar com você estou ficando louquinho!!! **Então vai ficar louquinho com outro. Falou brother!!! Agora eu vou desligar.**

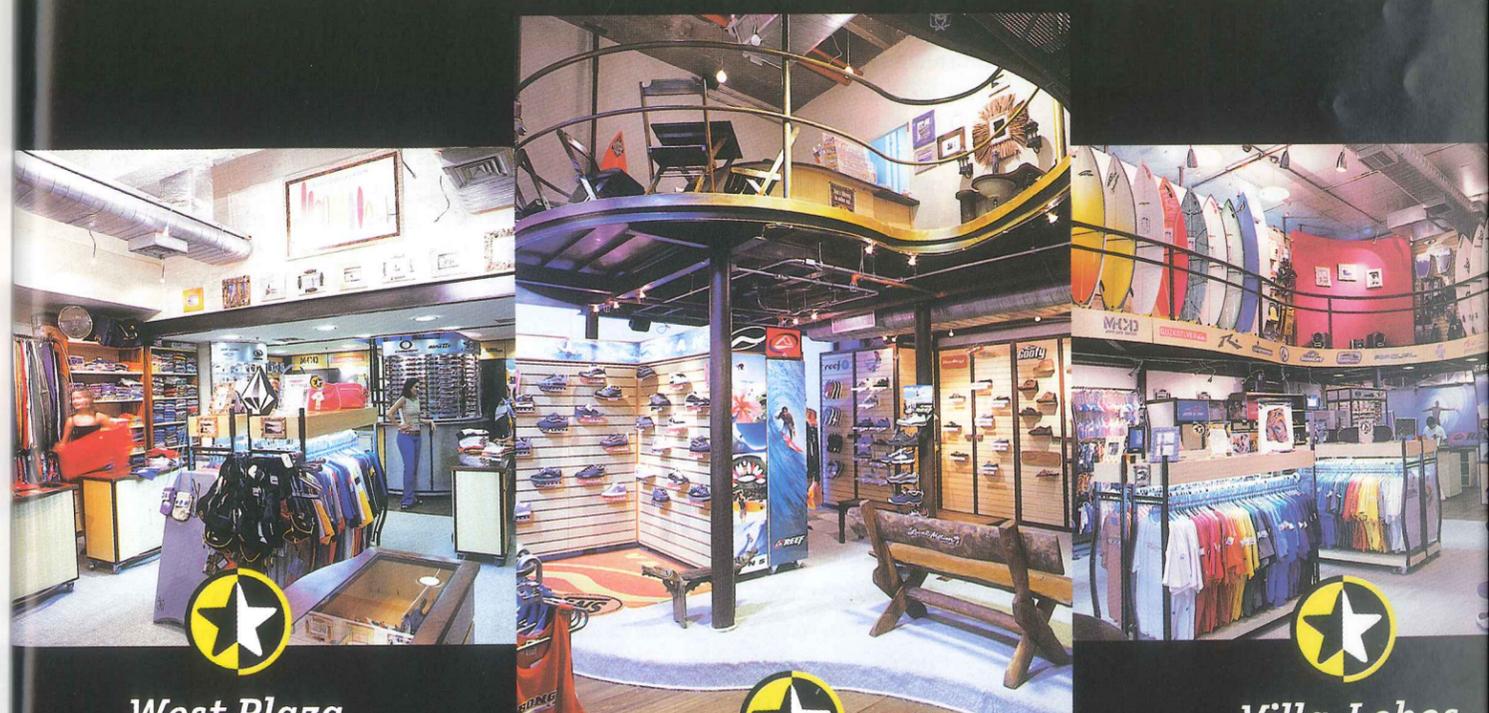
ERALDO
O GRANDE



Desde 1982
na Av. Irajá 224
em Moema

Surf Shop For Real Surfers

Agora nos melhores Shoppings de S



West Plaza

Bloco A, Térreo

Eldorado

1º Piso

Villa-Lobos

3º Piso

Por Al Woodward

Resolvemos intensificar a seção musical da Alma Surf. Sendo o músico do pedaço, essa onda ficou na minha. Como duas cabeças pensam melhor que uma, o Marcos Bocayúva continua com a gente dando suas dicas e opiniões; é nosso brother e antena, ligado nas ondas sonoras.

ESPÍRITO JAH

O cd "Drums & Bass Strip To The Bone", da dupla jamaicana Sly Dumbar e Robbie Shakespeare em parceria com o dj Howie B, é um daqueles sons que a gente pode ouvir a qualquer hora, sem ficar de saco cheio. Sly e Robbie são nomes mais que respeitados no mundo musical. Respectivamente baterista e baixista de uma das mais importantes bandas da história do reggae, a Black Uhuru, eles já participaram e produziram para muita gente grande como Rolling Stones, Bob Dylan, Joe Cocker, Manu Dibango, Peter Tosh, Herbie Hancock, enfim, a lista é enorme. A união com Howie B, que, além de dj, é compositor, produtor e mestre em mixagens (trabalhou ao lado de U2, Björk, Ry Cooder e outros não menos importantes), resultou numa música que transcende o lugar comum. Tem pouco haver com o drums & bass das pistas de dança, é um trabalho que busca o novo sem renegar o passado. Um som com o espírito de Jah.

ESPÍRITO JAZZ

DJ Quest (nada a ver com J Quest) é membro do Space Travelers, um grupo pouco conhecido por aqui, mas de muito respeito no mundo do Hip Hop. O cara é considerado um mestre no "turntableism", que é aquela onda de tratar o toca-disco como instrumento. Ao se juntar com os jazzistas Albert Mathias (bateria) e Adrew Kushin (baixo), para formar o Live Human, criou uma música que mescla o rap e o jazz de uma forma bem interessante. Em "Elefish Jellyphant", terceiro álbum do trio, é um drums & bass que mostra a grande capacidade criativa que o Live Human imprime em seu trabalho. Mais que uma coleção de canções, esse cd possui uma unidade rara onde a improvisação, marca registrada do jazz, é a tônica.

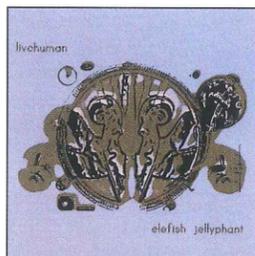
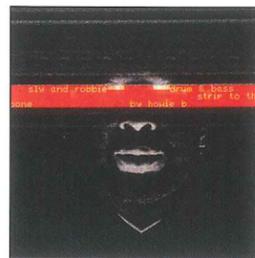
SONZEIRA SULEIRA

O rock gaúcho corre solto lá embaixo e, embora não venha contagiando o País, tem um público fiel. O último suleiro a brilhar nacionalmente foi o (eca!), Engenheiros do Havai. Mas o novo cd do Papas Da Língua, está na medida certa para as rádios de todo o Brasil. Os caras têm estilo, ritmo, e a voz do vocalista Serginho Moah conta com aquele feeling de soul tão em moda ultimamente. "Babybum", terceiro trabalho da banda, é superbalanceado e vai pegar muita gente que tiver a oportunidade de escutá-lo. Regravaram a clássica "Baby", de Caetano Veloso, num mix de soul e reggae. Para quem gosta de balançar os ossos, "Ela Vai Passar" e "Pó de Pimenta" estão na medida. A música "Solidão" lembra o Djavan. "Demais Amor" é aquele baladão para se ouvir a dois. "Corro Demais" é um rock bem à vontade; "Vou Embora" faz a linha ska; "Xá La La Lá" e "Eu Sei" são as famosas mela cueca. Então tem tudo para tocar nas rádios. Se o jabá deixar...

RUMBORA NAS PARADAS

"Exército Positivo Operante", segundo disco do quarteto de Brasília, já está nas paradas do rádio e dos pontos de ônibus. Pois, aqui em São Paulo uma propaganda do cd andou rolando no vidro traseiro de alguns coletivos. Se esse tipo de publicidade tem resultado, eu não sei, mas o certo é que o som deles merece ser ouvido, principalmente pelos adeptos do rock tupiniquim. Há muito peso e energia em "Tá Com Medo?", "Flou" e "O Passo do Azuilson". A turma do skate vai

gostar do "Ladeirão", e pros manos do rap tem "Alf, Beto, Baça & Biu". Não é som para quem gosta de baladinhas, embora os caras também mandem das suas como "Mal do Mundo" e "Tô Com Você".



ALMA SONORA

THINK



BIG TRIP

A TRIP e a Havaianas Surf resolveram prestigiar ainda mais a coragem e a técnica do surfista brasileiro, aumentando em 50% o prêmio em dinheiro para o campeão do Big Trip, em sua 3ª edição. Agora são R\$ 30.000,00 para o surfista vencedor, além dos R\$5.000,00 para quem registrar a onda, confirmando o slogan do evento: "A maior premiação individual do surf brasileiro"

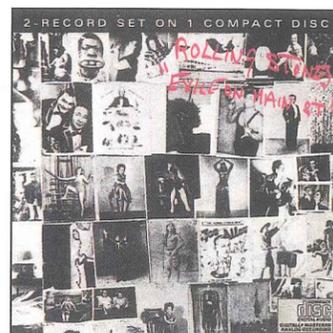
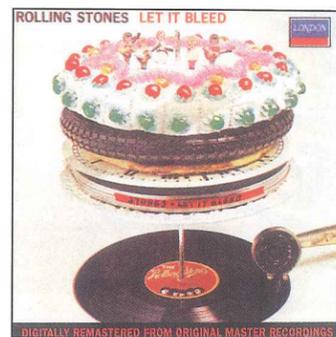
R\$35.000,00

TRIP



www.bigtrip.com

Dica Sonora:



CLÁSSICO DOS CLÁSSICOS

Em matéria de rock 'n' roll ninguém é mais clássico que os Rolling Stones. Suas canções já embalarão três gerações e tudo indica que continuarão embalando mais uma. Para quem conhece e gosta do trabalho da banda, somente de uns dez anos para cá, ou mesmo, para quem procura ter aqueles "cdzinhos básicos" em sua coleção, indicamos estes dois: Let It Bleed e Exile On Main Street.

Lançado em dezembro de 1969, o álbum "Let It Bleed" se tornou um best-seller, com músicas como "Midnight Rambler" e "Gimme Shelter". A gravação de Love in Vain, de Robert Johnson, conta com a participação de Ry Cooder (o mesmo que fez a trilha do filme Paris, Texas), no solo de bandolim, é uma das coisas mais lindas que já se fez em matéria de blues. O álbum duplo "Exile on Main Street" foi lançado em janeiro de 1972. Um mês depois a música "Brown Sugar" virou o hit número um nas paradas americanas. Na época correu um papo de que parte do disco foi gravado na casa de Keith Richards, na França, com eletricidade roubada do metrô. Boatos a parte, é um disco primoroso, que mostra o amadurecimento musical do grupo, com arranjos ricos e variados, tanto em números acústicos, como "Sweet Black Angel" e "Sweet Virginia", como nos elétricos - "Tumbling Dice", "Happy" e "Stop Breaking Down". Isso sem falar nas surpreendentes "Soul Survivor", "Let It Loose", "Shine A Light". Cara, citar músicas neste caso é desmerecer as outras! Se você quer saber qualé que é, uma audição falará mais que mil palavras.



TRIBUTO A BOB MARLEY

O "Tributo a Bob Marley projeto idealizado pelo grupo Tribo de Jah, está no seu terceiro ano consecutivo e, virtude do sucesso das versões anteriores, se tornou um festival nacional de reggae. A versão 2001 dessa homenagem, acontece em São Paulo, no dia 19 de maio. O evento rola em dois palcos, onde se apresentam: Tribo de Jah, Edson Gomes, Natiruts, Canamaré, Salvação, Dionorina, Maskavo, Planta E Raiz, Rasta Joint, Djambi e Ras Bernardo. Tribus rasta de todo o país, se reúnem no Sambódromo em celebração ao ícone máximo do reggae. Os caras montaram uma estrutura de primeiro mundo para uma galera estimada em mais de trinta mil pessoas. O esquema conta com praça de alimentação, vários banheiros estrategicamente distribuídos, ambulatório, área vip, Tenda Cultural, performances, vídeos, djs, lojas e área descanso.

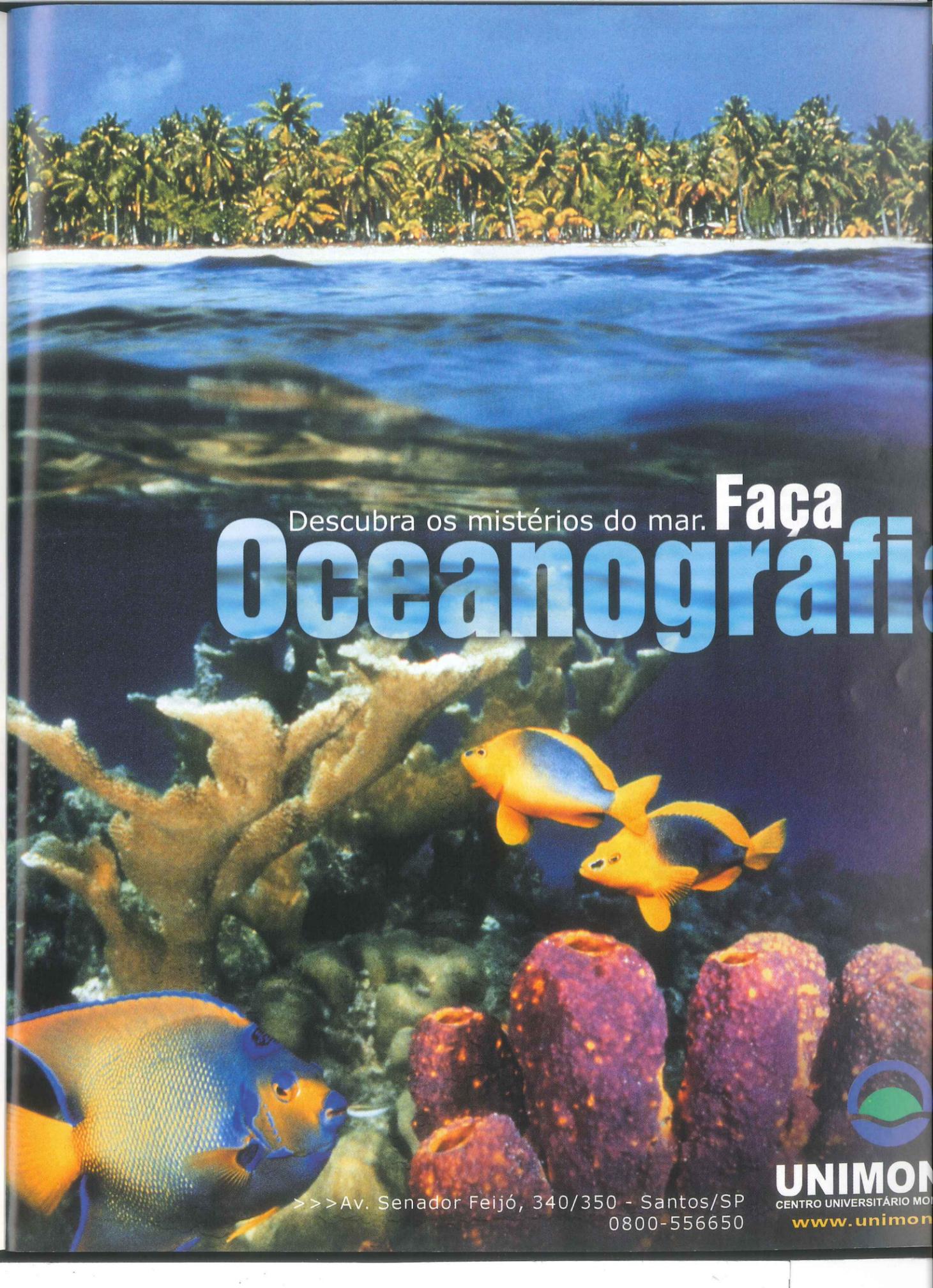


Divulgação

BOCAYÚVA E SUAS ONDAS SONORAS

Andam dizendo por aí que o rock vai acabar. Outra vez! Bom, pouca coisa surgiu de criativo no caldeirão agonizante do rock pós Nirvana, mas daí pra o rock acabar, já é demais. É verade, sofreu algumas baixas significativas. O Smashing Pumpkins cansou de ficar desandando melodias questionáveis comparadas a seus brilhantes discos Gish (91) e Seamese Dream (93), e resolveu pendurar as chuteiras. Quem também deu fim aos trabalhos foi o magistral Rage Against the Machine (talvez motivados pela futura carreira solo de Zack de a Rocha). Outra banda que andava arrebetando e anunciou de repente o seu fim precoce, foi a At The Drive In, um comboio de malucões que combinavam MC5 e Stooges com vocais meio arrepiados. O grupo jogou a toalha por causa da exaustiva turnê. Mas a pior das notícias foi falecimento, no último dia 15 de abril, do figurassa Joey Ramone. O eterno porta-voz, e um dos inventores, do punk rock, deixou um legado fundamental para as novas gerações. Hey Ho, Let's Go, se o quadro internacional parece sinistro, não entre em parafuso, caro amigo. Um boa sugestão é dropar com tudo nas "ondas sonoras" das bandas brasileiras. O Pavilhão 9 está na praça com o ótimo "Reação". O Sepultura está chegando com o seu fundamental "Nation", um disco repleto de pauleira e criatividade. A galera da Nação Zumbi, Mundo Livre Sa, Planet Hemp e O Rappa estão em turnê defendendo com muita categoria o rock tupiniquim. Se você andava preocupado com o estado de saúde do rock, desencane, que pelo menos no nosso território a fartura reina. É isso aí, MB saudações.

Andam dizendo por aí que o rock vai acabar. Outra vez! Bom, pouca coisa surgiu de criativo no caldeirão agonizante do rock pós Nirvana, mas daí pra o rock acabar, já é demais. É verade, sofreu algumas baixas significativas. O Smashing Pumpkins cansou de ficar desandando melodias questionáveis comparadas a seus brilhantes discos Gish (91) e Seamese Dream (93), e resolveu pendurar as chuteiras. Quem também deu fim aos trabalhos foi o magistral Rage Against the Machine (talvez motivados pela futura carreira solo de Zack de a Rocha). Outra banda que andava arrebetando e anunciou de repente o seu fim precoce, foi a At The Drive In, um comboio de malucões que combinavam MC5 e Stooges com vocais meio arrepiados. O grupo jogou a toalha por causa da exaustiva turnê. Mas a pior das notícias foi falecimento, no último dia 15 de abril, do figurassa Joey Ramone. O eterno porta-voz, e um dos inventores, do punk rock, deixou um legado fundamental para as novas gerações. Hey Ho, Let's Go, se o quadro internacional parece sinistro, não entre em parafuso, caro amigo. Um boa sugestão é dropar com tudo nas "ondas sonoras" das bandas brasileiras. O Pavilhão 9 está na praça com o ótimo "Reação". O Sepultura está chegando com o seu fundamental "Nation", um disco repleto de pauleira e criatividade. A galera da Nação Zumbi, Mundo Livre Sa, Planet Hemp e O Rappa estão em turnê defendendo com muita categoria o rock tupiniquim. Se você andava preocupado com o estado de saúde do rock, desencane, que pelo menos no nosso território a fartura reina. É isso aí, MB saudações.



Descubra os mistérios do mar. Faça Oceanografia

>>> Av. Senador Feijó, 340/350 - Santos/SP
0800-556650

UNIMON
CENTRO UNIVERSITÁRIO MO
www.unimon

AÉREAS

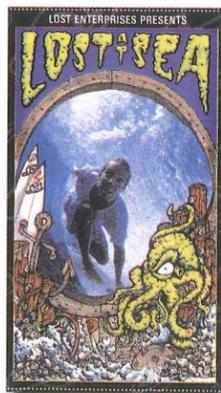
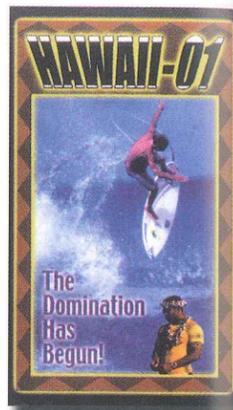


Rip Curl Super Computer

Com a direção de Jon Frank, o lançamento da Rip Curl, SUPER COMPUTER, traz os surfistas da equipe Pancho Sullivan, Mick Fanning, Chris Davidson, Nathan Hedge, Zane Harrison, Jamie O'Brien, Manoa Drollet, Anthony Petruso, Gabe Kling, Travis Lynch, Rodrigo Dornelles, Bruno Santos e Eric Miyakawa, arrepiando em ondas nos quatro cantos do planeta. Surf de vanguarda é o que o filme procura mostrar em seus 45 minutos de duração. Ainda há um clip especial com os brasileiros Rodrigo Dornelles, Bruno Santos e Eric Miyakawa arrepiando em Fernando de Noronha.

HAWAII - 01 The Domination Has Begun

É a mais nova produção de Lian Macnamara. "The Bomb" e "The Bomb 200" foram seus dois primeiros lançamentos no mercado, e ambos podem ser encontrados nas melhores surf shops brasileiras. "Hawaii 01 - The Domination Has Begun" marca o início de uma nova série. As primeiras cenas são uma espécie de homenagem ao havaiano Sunny Garcia, o mais novo campeão mundial do WCT. O vídeo também mostra alguns dos melhores surfistas do mundo, com destaque especial para os havaianos, arrepiando no Hawaii e em lugares como o Tahiti. Os irmãos Irons mostram por que o Hawaii é considerado a Meca do surf. Nomes como Nainoa Serrat, Makua Rothman e Mark Healey representam a molecada, enquanto Brian Pacheco, Fred Patachia, Tamayo Perry e Pancho Sullivan provam que a velha tradição havaiana continua produzindo excelentes surfistas. Um dos melhores segmentos foi filmado nas direitas de Honolua Bay, na ilha de Maui. Renan Rocha e Aldemir Calunga aparecem entubando no Tahiti e em Pipeline, enquanto Fabio Gouveia e Binho Nunes mostram por que os "brazucas" estão cada vez mais conquistando seu espaço no North Shore. Uma das cenas mais incríveis mostra o barco do fotógrafo Pete Frieden sendo virado por uma onda de Teahupoo. As imagens que você vai assistir neste vídeo são incríveis! Frieden pula na água, deixando para trás seu caro equipamento e, pasmem, até mesmo a sua namorada, antes que uma onda desse conta do barco. A trilha sonora fica por conta de Capitol Eye, Will Ivy Motoman, Longfellow, Norm e The Shutdown. O vídeo tem duração de aproximadamente 50 minutos.



LOST AT SEA

Este é o último lançamento da marca californiana LOST no mercado brasileiro. Filmado no arquipélago das Mentawai, o vídeo mostra alguns dos melhores e mais dinâmicos surfistas do planeta surfando direitas e esquerdas perfeitas e tubulares. Shane Beschen é o maior destaque. Suas manobras de backside são o que pode haver de mais moderno e radical na atualidade. Andy e Bruce Irons, Cris Ward, Gavin Beschen, Cory e Shea Lopez não ficam muito atrás. Vale destacar os tubos e os aeriels de Cory Lopez. Cris Ward aparece pegando bons tubos para a direita, enquanto o rei dos aeriels, Gavin Beschen, sai voando alto. O vídeo tem cerca de 35 minutos de duração. As ondas variam entre 4 e 6 pés e algumas sessões podem ser consideradas épicas, graças às manobras radicais e à perfeição dos tubos. Vale a pena observar com atenção as performances deste grupo de jovens e radicais surfistas.

Água. Usando bem, ninguém fica sem.



Loducca®



SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS, SANEAMENTO E OBRAS



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO



GRUPO TACA



Veja ao lado os novos destinos que você poderá utilizar para ganhar pontos em seu Cartão Fidelidade. São diversos destinos, dentro da América do Sul, na América Central e na América do Norte: saindo de São Paulo, para Lima Cuzco, Iquitos, Guayaquil, La Paz, Santa Cruz, Santiago y Buenos Aires. Para mais informações sobre as rotas e os horários, entre em contato com a Central de Atendimento do GRUPO TACA.
tel.: 11-214-4922 **www.taca.com**

GRUPO TACA e THE SURF TRAVEL CO. levando você aos melhores destinos.



Nós sabemos onde e quando.

Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - Brasil - 04088-001

Tel.: 55 11 5052-4181 - Tel/fax: 55 11 5051-0525 - E-mail: surftravel@surftravel.com.br

www.surftravel.com.br



TRIP PRO LITE - MOCHILA E CAPA

Perfeita para surf trips, a nova mochila da Pro - Lite, vem com uma bolsa térmica, raspador e parafina inclusos, possui uma sacola interna destacável para roupas molhadas e treze compartimentos independentes. Disponível nas cores: preta, preta com cáqui e preta com marinho.

Ideal para viagens longas, a capa possui forro interno em nylon, para dar maior proteção contra cortes de quilha, espuma em todas as laterais, alças internas reguladoras para prender as pranchas, com abertura total da tampa para facilitar a acomodação e proteção das pranchas, cartão externo de identificação para cias aéreas. Vale lembrar que a quantidade de pranchas dentro de cada capa depende do tamanho das pranchas, quilhas removíveis e tipo de proteção aplicada individualmente. Disponível nas cores: preta, cinza, azul e verde.
E-mail: prolite@prolite.com.br

A Ciência das Ondas

Este será o título da palestra que o Prof. Eloi Melo (Ph.D. em Ciências Oceânicas Aplicadas pela University of California San Diego) estará proferindo durante a feira de surf, que se realizará de 26 a 29 de junho, no Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo-SP. A palestra terá como objetivo geral apresentar, de forma simples, os fenômenos da natureza que possibilitam a existência das ondas que surfamos e discutir alguns aspectos técnicos de interesse para o surf. Estes serão os tópicos apresentados: 1 - Geração de ondas pelo vento - Características dos ventos na Terra, tempestades oceânicas e a grande "máquina de ondas" do planeta. Entendendo o processo de geração de ondas: a previsão das ondas do mar por métodos científicos. 2 Características das ondas superficiais oceânicas - a irregularidade das ondas: como definir o "tamanho" de um certo mar? A propagação das ondas pelos oceanos: Vagas e Ondulações (swells). O swell dos nossos sonhos e o fenômeno da "dispersão": a importância do período das ondas. 3 - A passagem das ondas sobre a plataforma continental e o incrível fenômeno da refração. Fundos de pedra ou fundos de areia: qual o "segredo" das ondas "perfeitas"? Casos estudados: Sunset e Pipeline (Hawaii), Blacks (Califórnia) e Puerto Escondido (México). 4 - O futuro do surf: recifes artificiais e a "engenharia das ondas". Questões técnicas e científicas sobre a construção de fundos artificiais para o surf. Viabilidade econômica e os impactos ambientais desse tipo de obra de engenharia.

ILHABELA TEM CARA LIMPA

A Onbongo e a Prefeitura de Ilhabela fizeram uma parceria com o objetivo de tocar para frente um nobre projeto ecológico, que estimulou a comunidade local e os turistas a retirarem toda a sujeira da praia do Bonete. Foram recolhidas seis toneladas de lixo, dando assim uma mostra da importância do projeto. Entusiasmada com os resultados da ação, a Onbongo resolveu adotar a praia do Bonete como área de conservação permanente. O evento contou com uma valiosa ajuda do corpo de bombeiros local que, além de transportar todo o lixo, prontificou-se a dar aulas práticas e teóricas de salvamento.



Bonete, foto Fernando Mesquita

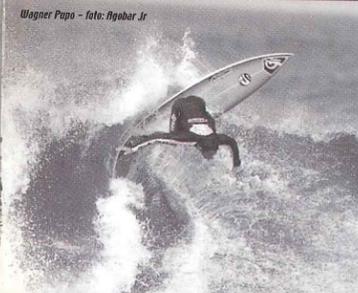
Rodrigo Dornelles
Hawaii 2001

Sean Davey





Multi Sports



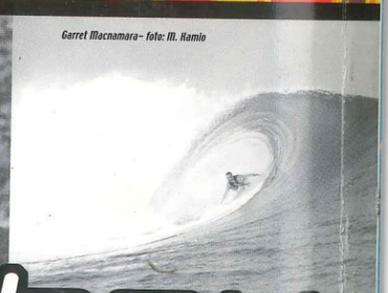
Wagner Papa - foto: Agobar Jr



Leo Neves - foto: Agobar Jr



Eduardo Schultz - foto: Agobar Jr



Garret Macnamara - foto: M. Hamil



badboy

www.badboy.com.br
www.badboysurfdivision.com.br

REVENDEDOR AUTORIZADO:



www.stcomp.com.br

- SP-MOEMA-11-530-5336
- SP-BOARDSHOP-11-240-3069
- SHOP CENTER NORTE-11-6222-2987
- GUARUJÁ-SHOP. LA PLAGE-13-3384-1268
- MARESIAS-12-465-6667
- RIO DE JANEIRO-SHOP. RIO SUL-21-542-0144
- RIO DE JANEIRO - IPANEMA - 21-274-5815
- RIO DE JANEIRO - NORTE SHOP - 21-3079-6154
- FLORIANÓPOLIS-CENTRO-48-222-0796
- FLORIANÓPOLIS-SHOP BEIRA MAR-48-222-1352
- PORTO ALEGRE-SHOP BOURBON-51-336-4073
- BRASILIA-CJ NACIONAL-61-326-5136
- BRASILIA-PARK SHOP-61-233-9599
- TAGUATINGA-SHOP. TAGUATINGA-61-352-6710
- NORTH SHORE HALEIWA-HAWAII

BAD BOY - CENTRAL DE VENDAS
11-5584-6316 RAMAL 241